



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

ALESSANDRA BONASSOLI PRADO

**SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES NA
COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO PATERNO**

FLORIANÓPOLIS – SC

2005

ALESSANDRA BONASSOLI PRADO

**SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES NA
COMPREENSÃO DO COMPORTAMENTO PATERNO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia, elaborado sob a orientação do Prof. Dr. Mauro Luís Vieira.

FLORIANÓPOLIS – SC

2005

À minha querida mãe por todo apoio,
carinho e compreensão ao longo desta
jornada e de muitas outras que
conduziram a este caminho.
Obrigada!

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr Mauro Luís Vieira pela confiança, incentivo e oportunidade.

Ao Professor Brígido pelo auxílio em estatística e no programa SPSS.

Aos pais e mães que participaram esta pesquisa, por mostrarem o outro lado do comportamento parental.

Aos estudantes que participaram desta pesquisa pela disponibilidade e compreensão.

Aos queridos amigos Lecila, Carine e Cristiano pelo companheirismo e apoio.

Ao Marcelo R. A. Piovanotti pela ajuda na coleta de dados, discussões entusiasmadas e, principalmente, pelo ombro amigo.

Ao Prof. José Luís Crivelatti Abreu, que mesmo de longe contribuiu com seu carinho e incentivo.

Ao Dr. Ibere e a enfermeira Olga pela receptividade e confiança.

As agentes de saúde, Alexsandra, Carmem, Claudiana, Karla, Lena e Vanir pelo auxílio inestimável que possibilitou a coleta de dados.

Ao Artur Pires, querido professor do cursinho pré-vestibular, que acreditou e investiu no sonho de uma aluna.

Ao meu primo Alessandro pelo carinho e auxílio na revisão ortográfica.

Aos meus irmãos Eduardo e Toni pelo incentivo e carinho.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram para a concretização deste trabalho,
Obrigada!

Tudo já foi pensado antes.
A dificuldade é pensar nisso
novamente.

(Goethe)

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	IV
SUMÁRIO	VI
RESUMO	VIII
ABSTRACT.....	IX
ÍNDICE DE FIGURAS	X
ÍNDICE DE TABELAS.....	XII
1. INTRODUÇÃO.....	1
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:.....	5
2.1. A PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA	5
2.2. O QUE É A ETOLOGIA E QUAIS SÃO SUAS CARACTERÍSTICAS CENTRAIS?	7
2.3. A PERSPECTIVA EVOLUCIONISTA PARA A COMPREENSÃO DO CUIDADO PARENTAL ...	11
2.4. A RESPONSABILIDADE PARENTAL	20
2.5. CULTURA E COMPORTAMENTO PARENTAL	24
2.6. O ESTUDO DO CUIDADO PATERNO	30
2.7. AS INFLUÊNCIAS CULTURAIS NO COMPORTAMENTO PATERNO.	33
3.OBJETIVOS.....	47
3.1. <i>Geral:</i>	47
3.2. <i>Específico:</i>	47
4. MÉTODO	48
4.1. PARTICIPANTES:.....	48
4.2. CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL:	53
4.3. MATERIAL:	54
4.4 INSTRUMENTOS:.....	54
4.4.1. <i>Questionário Sócio Econômico:</i>	54
4.4.2. <i>Escala de Estilo Paterno:</i>	56
Escala	58
Subescalas	59
4.4.3. <i>Entrevista semi-estruturada:</i>	61
4.5. PROCEDIMENTO:.....	62
4.5.1. <i>Coleta de dados</i>	62
4.6. ANÁLISE:	63
5. RESULTADOS:.....	66
5.1. APRESENTAÇÃO DOS DADOS COLETADOS POR MEIO DA ESCALA DE ESTILO PATERNO ENTRE OS ESTUDANTES.....	66

5.1.1. <i>Subescalas de Estilo Paterno Ideal:</i>	66
5.1.2. <i>Subescalas de Estilo Paterno Real:</i>	67
5.1.3. <i>Escala de Estilo Paterno Ideal e Real</i>	68
5.1.4. <i>Discrepância entre as Subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.</i>	69
5.2. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS COLETADOS POR MEIO DA ESCALA DE ESTILO PATERNO COM OS ADULTOS COM FILHOS:	72
5.2.1. <i>Subescalas de Estilo Paterno Ideal:</i>	72
5.2.2. <i>Subescalas de Estilo Paterno Real</i>	73
5.2.3. <i>Escala de Estilo Paterno Ideal e Real</i>	74
5.2.4. <i>Discrepância entre a Escala de Estilo Paterno Ideal e Real:</i>	75
5.2.5. <i>Estimativa de disponibilidade paterna</i>	77
5.2.6. <i>Participação em tarefas domésticas:</i>	81
5.2.7. <i>Valorização do envolvimento paterno no desenvolvimento infantil</i>	83
5.3. DIFERENÇAS NA PERCEPÇÃO DO ESTILO PATERNO ENTRE ADULTOS COM E SEM FILHOS.	84
5.3.1. <i>Subescalas de Estilo Paterno Ideal</i>	85
5.3.2. <i>Subescalas de Estilo Paterno Real</i>	87
5.3.3. <i>Escala de estilo paterno Ideal e Real.</i>	88
5.4. METAS E ESTRATÉGIAS PARENTAIS DE SOCIALIZAÇÃO	91
5.4.1 <i>Metas de Socialização</i>	94
5.4.2. <i>Estratégias de ação</i>	97
6. DISCUSSÃO E CONCLUSÃO	100
6.1 SIMILARIDADES E DIFERENÇAS ENTRE HOMENS E MULHERES NA PERCEPÇÃO DE ESTILO PATERNO.	102
6.1.1 <i>Didática:</i>	102
6.1.2. <i>Interação Social:</i>	105
6.1.3. <i>Disciplina</i>	107
6.2. METAS E ESTRATÉGIAS DE SOCIALIZAÇÃO.	109
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	114
8. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	117
9. ANEXOS:	123

PRADO, Alessandra. Bonassoli. Semelhanças e diferenças entre homens e mulheres na compreensão do comportamento paterno. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Programa de Pós-graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis (SC). 2005.

RESUMO

O objetivo geral da presente pesquisa foi identificar a natureza da percepção de jovens adultos com e sem filhos sobre comportamento paterno e as principais práticas e expectativas de pais e mães com relação aos filhos. Participaram do estudo 202 jovens universitários sem filhos e 30 casais com pelo menos um filho na faixa de 3 a 6 anos. A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de escalas de estilo paterno e entrevistas semi-estruturadas. Foram utilizadas testes paramétricos e análise de conteúdo para apreciação dos dados. Foi constatado que: a) existe diferença significativa na concepção de homens e mulheres universitários sobre o que seja o comportamento ideal para o pai na interação com a criança, mas não na percepção do comportamento real; b) os estudantes de ambos os sexos apresentaram dificuldades em estimar qual seria o comportamento do pai nos dias de hoje; c) casais com filhos apresentam concepções semelhantes sobre o que seria o comportamento ideal de paternidade, entretanto há divergências na percepção sobre o comportamento real expresso; c) a experiência de ter filhos interfere na compreensão do ideal do comportamento paterno; d) pessoas com filhos avaliam mais positivamente o comportamento paterno em todos os domínios de interação com a criança; e) os casais possuem expectativas semelhantes para as metas de socialização de crianças e dão prioridade a características sociocêntricas para interação social. Conclui-se que a experiência de ter filhos interfere na compreensão do comportamento paterno. As diferenças entre homens e mulheres na compreensão de estilo paterno ideal se acentuam em pessoas que não possuem filhos. Existe concordância entre o pai e a mãe sobre o ideal de comportamento paterno e as principais práticas e expectativas na educação de crianças. Esses dados e conclusões são discutidos com base na Psicologia Evolucionista, no contexto sociocultural e em nichos de desenvolvimento.

Palavras chave: comportamento paterno – psicologia evolucionista – expectativas parentais – modelos culturais.

PRADO, A. B. Similarity and differences between men and women in the understanding of the paternal behavior. Dissertation of Master in Psychology, Psychology Graduate Program. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, (SC), Brazil. 2005.

ABSTRACT

The main purpose of the present study was to identify the nature of the perception of young adults which have children and ones who do not have it on paternal behavior and main practical and expectations of parents and mothers with relation to the children. In total, 202 young colleges students without children and 30 couples with at least one son between 3 to 6 year olds participated of the study. Data were collected through the application of scale of paternal style and semi-structuralized interviews. Parametric tests and analysis of content were used in the appreciation of the data. It was evidenced significant difference in men's and women's understanding on what it is the ideal behavior for the father in the interaction with the child, but not in the understanding of the real behavior; b) the students of both the sexes had presented difficulties in esteem which would be the behavior of the father today; c) couples with children showed similar conceptions on what it would be the ideal behavior of paternity, however there were divergences in the perception on the real behavior of father; c) the experience of having children intervenes with the understanding of the ideal of the paternal behavior; d) people with children evaluate more positively the paternal behavior in all the domain of interaction with the child; e) the couples possess similar expectations for the goals of socialization of children and give priority to the sociocentric characteristics for social interaction. It has been concluded that the experience of having children intervenes in the understanding on paternal behavior. The differences between men and women in the understanding of paternal style ideal are stressed in people who do not possess children. There is agreement between the father and the mother on the ideal of paternal behavior and practical and expectations in the education of children. These data and conclusions are discussed on the basis of Evolutionary Psychology, the socio-cultural context and the niches of development.

Keywords: paternal behavior - evolutionary psychology - parental expectations - cultural models

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1:	Variáveis dependentes e independentes presentes na relação que o progenitor estabelece com sua progênie – comportamento parental.....	19
Figura 2:	Variáveis dependentes, independentes e intervenientes (suporte social) presentes na relação que o progenitor estabelece com sua progênie e que visam o seu desenvolvimento – comportamento parental.....	44
Figura 3:	Média (\pm EPM) do grau de concordância atribuído.....	67
Figura 4:	Média (\pm erro padrão da média) do grau de concordância atribuído por estudantes para a escala de Estilo Paterno Real em cada uma das subescalas.....	68
Figura 5:	Média (\pm EPM) do grau de concordância atribuído por estudantes nas escalas Estilo Paterno Ideal e Real.....	69
Figura 6:	Índice de discrepância (\pm EPM) dos estudantes calculado por meio da diferença entre o grau de concordância das subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.....	70
Figura 7:	Média (\pm EPM) do grau de concordância atribuído por estudantes em cada uma das subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.....	71
Figura 8:	Média (\pm EPM) das respostas apresentadas pelos progenitores para dada uma das subescalas de Estilo Paterno Ideal.....	73
Figura 9:	Média (\pm EPM) atribuída por pais e mães a Escala de Estilo Paterno Real em cada uma das subescalas.....	74
Figura 10:	Média (\pm EPM) das respostas apresentadas nas Escala de Estilo Paterno Ideal e Real por pais e mães.....	75
Figura 11:	Média (\pm EPM) do cálculo da discrepância entre a escala de estilo paterno Ideal e Real de pais e mães.....	76
Figura 12:	Média (\pm EPM) das respostas apresentadas pelos progenitores em cada uma das subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.....	77
Figura 13:	Média (\pm EPM) da estimativa de horas semanas que o pai passa com seu(s) filho (s) durante uma semana.....	78
Figura 14:	Média (\pm EPM) estimativa de horas semanais que o pai passa sozinho com sua criança, atribuída por homens e mulheres com filhos.....	79

Figura 15: Média (\pm EPM) das horas diárias que o pai passa com seu(s) filho(s), distribuídas em períodos ao longo de uma semana (segunda à sexta-feira) e final de semana, estimada por pais e mães.....	81
Figura 16: Média (\pm EPM) da avaliação de pais e mães em relação a participação paterna na execução de atividades domésticas.....	82
Figura 17: Média (\pm EPM) do valor atribuído por pais e mães ao envolvimento paterno no desenvolvimento cognitivo e social.....	83
Figura 18: Média (\pm EPM) das repostas atribuídas por homens e mulheres com e sem filhos as subescalas de estilo paterno o ideal - Didática, Interação Social e Disciplina.....	86
Figura 19: Média (\pm EPM) das respostas de homens e mulheres com e sem filhos para as subescalas de estilo paterno real - Didática, Interação Social e Disciplina.....	88
Figura 20: Média (\pm EPM) das respostas de homens e mulheres com e sem filhos para as Escalas de Estilo Paterno Ideal e Real.....	89

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1:	Distribuição da frequência e do percentual dos estudantes segundo a faixa etária.....	49
Tabela 2:	Distribuição dos participantes homem e mulheres com filhos segundo a origem. Tabela 3: Idade média dos participantes e distribuição segundo escolaridade.....	50
Tabela 3:	Idade média dos participantes e distribuição segundo escolaridade...	51
Tabela 4:	Média do escore ocupacional de homens e mulheres e da família nuclear.....	52
Tabela 5:	Distribuição das famílias participantes segundo a renda familiar.....	53
Tabela 6:	Distribuição dos comportamentos pelas suas subescalas de estilo paterno.....	60
Tabela 7:	Descrição das categorias de análise construídas por Miller e Harwood (2001) para as principais metas de socialização em longo prazo.....	92
Tabela 8:	Percentual de respostas codificadas de pais e mães para as categorias de metas de socialização em longo prazo:.....	94
Tabela 9:	Percentual de respostas codificadas para as metas de socialização em longo prazo de pessoas com diferentes níveis de escolaridade (* $p < 0,10$).....	95
Tabela 10:	Percentual de resposta codificada, em sociocêntrica e egocêntrica, para as metas de socialização em longo prazo.....	96
Tabela 11:	Percentual de resposta codificada, em sociocêntrica e egocêntrica, para as metas de socialização em longo prazo de pessoas com diferentes níveis de escolaridade.....	97
Tabela 12:	Porcentagem média para as categorias utilizadas para as possíveis estratégias de ação de pais e mães na entrevista de metas de socialização em longo prazo.....	97
Tabela 13:	Porcentagem média para as categorias utilizadas para as possíveis estratégias de ação de pessoas com diferentes níveis de escolaridade na entrevista de metas de socialização em longo prazo.	98

Tabela 14:	Percentual de respostas codificadas para as possíveis estratégias de ação de pais e mães.....	99
Tabela 15:	Percentual de respostas codificadas para as possíveis estratégias de ação de pessoas com diferentes níveis de escolaridade.....	99

1. INTRODUÇÃO

O estudo do comportamento parental tem sido de interesse de pesquisadores por muitas décadas. Parte deste interesse é motivada pela existência de diferentes teorias que procuram investigar a natureza das situações vividas durante a infância e os possíveis efeitos que possam ter sobre as esferas cognitiva, emocional e social da criança. O comportamento parental corresponde, dessa forma, a relação que os cuidadores estabelecem com a criança, desde sua concepção até a vida adulta, que visam o seu desenvolvimento.

No desenvolvimento humano um dos aspectos mais relevantes é o período prolongado de imaturidade e dependência, o qual possui implicações no modo como as pessoas vivem. Durante o desenvolvimento físico e psicológico para atingir a idade adulta, o ser humano, por ser dependente e imaturo em seu estágio inicial, necessita de cuidados e da presença de adultos que forneçam as condições de sobrevivência. Isto é geralmente propiciado por seus progenitores e sua família, sendo que cada membro desta apresenta peculiaridades no modo de interagir.

Na sociedade do final do séc. XX e início do séc. XXI ocorreram grandes modificações na organização familiar. A família nuclear, constituída de pai-mãe-filhos sofreu alterações. Os membros desta passaram a assumir diferentes atribuições e responsabilidades que antes eram compreendidas como normativas do comportamento de um dos progenitores somente; como o cuidado com higiene e alimentação ser atividade exercida exclusivamente pela mãe, ou a provisão de recursos financeiros ser uma atribuição do pai. Em termos de legislação a partir de onze de janeiro de 2003 entrou em vigor o novo código civil que procura adequar a legislação às transformações sociais e políticas. A

compreensão de família presente no novo código foi modificada significativamente, com objetivo de refletir a igualdade de direitos sociais existe entre homens e mulheres, o que já vem ocorrendo no cotidiano. Por exemplo, no novo código a mulher não terá prioridade para ficar com a guarda dos filhos em caso de separação ou divórcio; esta será atribuída ao membro do casal que revelar melhores condições de exercê-la. Contudo, esta igualdade de direitos é por vezes entendida como igualdade de comportamentos. Fica subentendido que o pai deveria agir da mesma forma que a mãe – e vice-versa – em sua relação familiar. No entanto, a modificação de uma lei não altera a forma de interação entre as pessoas e a compreensão que elas têm sobre a dinâmica familiar. As atribuições e responsabilidades podem ser redistribuídas, contudo cada progenitor vai estabelecer formas diferentes de interagir dentro da organização familiar.

Segundo Klaus, Kennell e Klaus (2000) seria errôneo pensar que pais e mães possam/devam apresentar comportamentos iguais. Os autores argumentam que apesar das mudanças em nossa sociedade, a interação do pai e da mãe dentro do núcleo familiar é distinta e os esforços dos progenitores teriam que ser no sentido de “combinar” responsabilidades em relação aos filhos buscando uma “co-paternidade”. Deste modo, compreender as diferenças entre homens e mulheres com relação ao que eles atribuem ser de responsabilidade do pai na criação dos filhos é uma forma de investigar a interação pai-criança. Esta poderá auxiliar na identificação de situações que propiciem a valorização desta interação como um meio para desenvolver o vínculo afetivo entre ambos, e que pode influenciar de forma positiva o desenvolvimento social, físico e emocional da criança.

Para os autores de abordagem evolucionista, a relação que um indivíduo de uma espécie em particular estabelece com seu ambiente não possui exclusivamente uma causa próxima. Possui também uma causa última que tem como principal consequência a

sobrevivência e a reprodução, ou ainda, a adaptação do organismo ao seu ambiente. Assim, estes autores sugerem que o comportamento parental e o grau de desenvolvimento do filhote evoluíram simultaneamente, e que os progenitores procuram adequar o esforço na criação de seus descendentes de acordo com condições ecológicas presentes (Trivers, 1972; Clutton-Brock, 1991; Davis & Daly, 1997; Geary & Flinn, 2001).

A função central do cuidado parental e da família humana, para os autores que assumem a perspectiva evolucionista, é promover um contexto propício para o incremento de competências sociais complexas e, conseqüentemente, o desenvolvimento infantil e a transformação da criança em um adulto hábil para enfrentar a adversidades da fase adulta (Davis & Daly, 1997; Geary & Flinn, 2001). O contexto de desenvolvimento humano - principalmente o proporcionado pela família - envolve múltiplos aspectos que procuram o incremento de diferentes competências individuais dos descendentes. Entre estes aspectos se destaca o repertório comportamental dos pais para a resolução de diferentes problemas e objetivos, principalmente os referentes a este processo. Investigar as expectativas de pais em relação a seus filhos; as possíveis estratégias utilizadas por eles, ou seja, suas crenças em como estas metas podem ser atingidas, são formas de se examinar o repertório comportamental dos progenitores como um dos contextos de desenvolvimento humano.

O pai teria um papel significativo na tarefa de criar e educar os filhos, não como reflexo ou substituição da interação entre a mãe e a criança, mas sim como relevante para o desenvolvimento da criança (Ades, 1998). Uma vez que a presença ou ausência paterna altera o contexto de desenvolvimento infantil (Bronfenbrenner, 1996; Lamb, 1997; Veneziano, 2003, Rohner & Veneziano 2001).

Dessa forma, por meio do estudo do comportamento paterno pode-se identificar características gerais e singulares da interação pai-criança, investigando:

Como jovens adultos, com ou sem filhos, percebem o comportamento paterno e as atribuições da paternidade e quais são as principais práticas e expectativas de pais e mães com relação aos filhos?

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA:

2.1. A Perspectiva Evolucionista

A perspectiva evolucionista refere-se à aplicação dos princípios da evolução para explicar estruturas físicas, processos ou fenômenos comportamentais. Os seus pressupostos teóricos são provenientes das idéias de Charles Darwin de seleção natural e seleção sexual (Bjorklund, 1997). A teoria proposta por Darwin, que veio a se chamar ‘teoria da evolução das espécies¹’, tem indiretamente contribuído para o desenvolvimento da Psicologia, uma vez que a idéia de que o ser humano e diferentes espécies surgiram de variações genéticas de ancestrais comuns, abria a possibilidade do estudo do comportamento por meio da utilização de animais (Schultz & Schultz, 1981). Contudo, investigar o efeito da carga genética na expressão de um comportamento é contemporâneo.

Apesar de Darwin ter sido um profundo interessado no comportamento e ter explorado diversos tópicos sobre a função adaptativa de algumas respostas do organismo na sua interação com o meio, principalmente em sua obra “A expressão das emoções no homem e nos animais” publicada em 1872. Na sua época, não emergiu, um campo distinto de estudo científico que assumisse os pressupostos da teoria da evolução para compreensão do comportamento. Foi com os estudos de Lorenz e Tinbergen, e com a construção de uma

¹ A teoria da evolução das espécies está descrita no livro “The Origin of Species: by Means of Natural Selection” (em português: Origens das Espécies), publicado pela primeira vez em 1859 por John Murray, Albemarle Street em Londres. Os pontos fundamentais da teoria da evolução são que a variação entre membros individuais de uma espécie é transmissível por herança genética e é selecionada pelo meio, o que resulta na sobrevivência dos organismos mais bem preparados para interagir com o lugar onde vivem (Schultz & Schultz, 1981)

disciplina que veio a se chamar Etologia, que se passou a investigar a interação entre aspectos filogenéticos e ontogenéticos no comportamento (Alcock, 1998).

Até recentemente a Psicologia raramente invocava explicitamente a seleção natural, para compreender o comportamento humano ou a ‘natureza humana’, ainda que se constate com certa facilidade que muitos estudos em Psicologia do desenvolvimento, têm suas origens no pensamento evolucionário (Bjorklund & Pellegrini, 1997, Pinker, 2004).

A perspectiva evolucionista se diferencia por explicitar e investigar de que forma a seleção natural interfere para a expressão de uma determinada estrutura ou comportamento. Esta não é uma teoria sobre o comportamento humano e sim uma perspectiva teórica que procura, por meio de seus estudos empíricos, demonstrar que o comportamento não é determinado exclusivamente por fatores sociais ou biológicos, mas que existe uma relação entre essas duas dimensões. Para isso lança mão de dois conceitos básicos para explicar os determinantes comportamentais: *explicações próximas e últimas dos comportamentos*. As *explicações próximas* seriam fatores imediatos que modulam as respostas comportamentais, tais como, estímulos fisiológicos, condições ambientais atuais, período sócio-histórico e estados psicológicos. Por sua vez, as *explicações últimas* consistem em características da espécie, presentes no organismo (sensibilidade diferencial aos estímulos, tendências motivacionais específicas, períodos sensíveis e pré-organização de processos de aprendizagem), que surgiram em um determinado momento da história evolutiva e serviram para a melhor adaptação do organismo ao ambiente em que ele estava inserido, e por esse motivo se mantiveram dentro do repertório comportamental da espécie (Bussab, 2000). Pinker auxilia na compreensão de causas próximas e últimas, com a seguinte afirmativa:

“Uma causa próxima de comportamento é o mecanismo que aperta os botões do comportamento em tempo real, como a fome e a sexualidade, que impelem as pessoas a comer e a ter relações sexuais. Uma causa última é o fundamento lógico adaptativo que levou a causa próxima a evoluir, como a necessidade de nutrição e reprodução que nos dá impulsos de fome e desejo sexual (2004 p. 85).”

2.2. O que é a Etologia e quais são suas características centrais?

A Etologia é uma ciência relativamente nova que estuda o comportamento entendendo-o como uma manifestação biológica². Com este fim, investiga seus aspectos casuais, funcionais, ontogenéticos e filogenéticos, considerando os fatores ambientais, e também aos fatores internos orgânicos. Para Lorenz é fácil definir a Etologia, como sendo “o estudo comparativo do comportamento: é a disciplina que aplica ao comportamento animal e humano todas as metodologias e todas aquelas perguntas feitas nos outros ramos da Biologia, desde o tempo de Charles Darwin” (1995, p. 17). Uma das preocupações fundamentais da Etologia, segundo Japyassú (1999), é a possibilidade de usar o comportamento para traçar filogenias, por meio de “um esforço teórico e empírico de equiparação dos caracteres comportamentais e a morfologia e a fisiologia” (p. 52), com o anseio de compreender a evolução do comportamento, o qual pressupõe uma causa endógena, ou seja, uma forte base genética do comportamento. Deste modo,

“A etologia trata do comportamento animal e humano enquanto funções de um sistema. A existência desse sistema e sua forma são produtos do desenvolvimento histórico que teve lugar na filogênese e ontogênese e que, para o homem, se desenvolveu também na história da cultura” (Lorenz, 1973, p. 13).

² Biológico não significa necessariamente algo físico (orgânico), mas também alguma característica comportamental que contribui para a sobrevivência e perpetuação a espécie.

A Etologia estuda e discute os comportamentos inatos, típicos da espécie e como eles ocorrem em condições naturais. Considerando o contexto ecológico, investiga os componentes biológicos que servem para a sobrevivência do indivíduo e da espécie, assim como as funções adaptativas do comportamento.

Para Japyassú (1999) a Etologia é fortemente influenciada pela Psicologia Comparativa e a Psicologia Experimental. A pesquisa em comportamento animal, realizada por ambas, privilegia o estudo minucioso e segmentado da função adaptativa de estruturas comportamentais e dos mecanismos responsáveis pelo seu estabelecimento, a Psicologia Experimental relaciona as causas próximas do desempenho, tanto no que se refere aos condicionantes externos desta, quanto nos determinantes internos estudados na tradição da Psicologia Comparativa.

No estudo dos seres humanos, a Etologia investiga aspectos presentes em diferentes culturas e utiliza método comparativo entre espécies para entender quais variáveis interferem na apresentação de um determinado comportamento (Vieira, 2000). Em termos históricos, o estudo do comportamento humano com base na perspectiva evolucionista teve contribuições de diferentes disciplinas como: a etologia humana, a sociobiologia humana, ecologia comportamental humana e mais recentemente, a Psicologia evolucionista (Mysterud, 2004).

A Etologia também é influenciada pela Biologia, quando privilegia a funcionalidade e as conseqüências evolucionistas do desempenho comportamental. A ênfase na função, segundo Japyassú (1999), é apresentada pela influência da Ecologia que se preocupa com o valor adaptativo do organismo ao ambiente e sua função mais imediata de desempenho, assim como esta se deu ao longo da história filogenética, ou melhor, durante a evolução de

uma determinada espécie. Contudo, é necessário esclarecer o que é evolução! Gould (1997) nos auxilia nessa tarefa discutindo “três aspectos da evolução”.

O primeiro é o que não é a evolução, ou seja, ela ‘não é o estudo da origem primordial da vida no universo ou do significado intrínseco da vida entre os objetivos da natureza’, pois estas são questões filosóficas, ou ainda, teológicas e que ‘não fazem parte do domínio da ciência’. Não é progresso ou ‘uma tendência a caminhar em direção a maior complexidade’, ela é a adaptação a ambientes que mudam, não necessariamente superiores, mas apenas ‘melhor adaptados às condições ambientais’ (Gould, 1997, p. 96).

O segundo aspecto, ao contrário do primeiro, diz o que a evolução é. O autor argumenta que ela é uma ‘idéia simples’ que possui muitas implicações e inclui ‘um par de afirmações interrelacionadas que fundamentam as duas disciplinas centrais da história natural’, que são: a) a taxonomia que procura ordenar as relações entre os organismos e pode ser realizada através do estudo da origem das famílias, linhagens e procedências e, b) a paleontologia que procura vestígios fósseis da história da vida. A evolução significa, que todos os organismos partilham ancestrais comuns e deste modo possuem ‘elos de genealogia e descendência nas ramificações da árvore da vida e, as linhagens se modificam na sua forma e variedade ao longo do tempo’. Contudo, a descrição das diferenças apresentadas na genealogia de uma espécie não basta para caracterizar a evolução como ciência, é preciso ‘registrar e descobrir aspectos factuais do mundo empírico’ assim como ‘propor e testar explicações sobre por que o mundo funciona de uma forma particular’. Darwin propôs por meio de seu livro “A origem das espécies” o ‘mecanismo mais famoso e documentado para mudança na forma de princípio que chamou de ‘seleção natural’” (Gould, 1997 p. 98).

A terceira questão é quais as implicações que a Teoria da Evolução tem para o ser humano. A evolução responde, à medida que a ciência pode avançar e até mesmo solucionar questões que dizem respeito à árvore genealógica de nossas raças, espécies e linhagens. Como por exemplo, “à quais outras criaturas somos aparentados e como?”, “qual a história de nossa interdependência com o mundo natural?”. O autor propõe, ainda, ir além na discussão teórica ao pensar o que esta significa em termos de pensamento humano. Para isso cita Freud, quando este fala que “todas as grandes revoluções científicas têm algo comum: a derrubada da arrogância humana de seu pedestal anterior, afastando convicções sobre nossa posição central e dominadora no universo” entre elas estão a revolução copernicana, que “removeu a nosso planeta do centro do universo”, a darwiniana por “relegar humanos a descendência do mundo animal” e a sua própria por “descobrir o inconsciente e ilustrar a não-racionalidade da mente humana” (Gould, 1997, p. 99-100). O que implica sairmos de uma percepção antropocêntrica, ou ainda, que somos:

“(...) produtos naturais de um processo universal de descendência com modificação (e portanto parentes de todas as demais criaturas), como também um ramo pequeno e em última instância transitório, que desabrochou tardiamente na frondosa árvore da vida, e não o ápice predestinado da escala do progresso” (Gould, 1997, p. 100)

Como os pressupostos, mencionados anteriormente, a Etologia se depara com quatro perguntas fundamentais, que vão nortear o trabalho do etólogo, em relação ao que determina o comportamento: 1) Qual é a função? (para que serve); 2) Qual é a causa? (fatores causais próximos); 3) Como esse comportamento se desenvolve ao longo da vida do indivíduo? (ontogênese); e 4) Como se desenvolveu no decorrer da história evolucionária? (filogênese) (Vieira, 2000). Além disso, Crawford (1989) salienta que a

importância das explicações últimas, relacionadas à evolução filogenética, pode ser útil ao estudo do comportamento, possibilitando: 1) escolher variáveis independentes para o desenvolvimento de modelos e teorias envolvendo a análise comparativa entre espécies; 2) identificar e compreender os fatores ambientais que podem modular o comportamento; 3) determinar quais variáveis são consideradas como causa e quais serão consideradas como efeito; e 4) descobrir explicações com poder de generalização.

A Etologia assume, como decorrência do estudo das genealogias, que existe continuidade entre o ser humano e outros animais. O estudo comparativo entre espécies pode auxiliar a compreensão de quais variáveis estão mais intimamente ligadas a um determinado comportamento e o que estes dizem sobre a história filogenética humana e as experiências individuais (ontogênese).

Dentro desta perspectiva o comportamento parental, tema clássico nesta disciplina, somente será compreendido na análise de todas as variáveis que interferem na relação que uma espécie ou indivíduo em particular estabelece com seus descendentes, o ambiente, o contexto social e que garantem o equilíbrio necessário entre a sobrevivência e reprodução.

2.3. A Perspectiva Evolucionista para a Compreensão do Cuidado Parental

O investimento físico/emocional para o comportamento parental tem como objetivo aumentar as chances de sobrevivência de sua descendência, mas ao mesmo tempo reduz a probabilidade dos pais em se engajarem na produção de uma nova progênie. Deste modo, há um equilíbrio entre investimento parental, estado inicial de desenvolvimento, assim como entre o ‘esforço no acasalamento’, que compreende todo dispêndio de tempo na

procura de oportunidades reprodutivas e “esforço no cuidado da prole”. Este último refere-se a toda forma de cuidado que os progenitores possam tomar para garantir a sobrevivência, desenvolvimento e bem estar de sua progênie, e acarreta um custo energético para fornecê-la. Assim sendo, o quanto é investido no acasalamento versus cuidado parental irá variar entre espécies e entre fêmeas e machos dentro das espécies, dependendo das características de desenvolvimento dos descendentes e das condições ecológicas presentes. (Trivers, 1972; Marlowe, 2000; Bjorklund, 1997).

A estratégia reprodutiva de um indivíduo e como este procura sobreviver às pressões ambientais envolvem diferentes elementos que devem estar em equilíbrio. Para compreender este ponto de equilíbrio deve-se, segundo os teóricos evolucionistas, buscar os fundamentos na teoria da evolução descrita por Darwin. Estes consistem em: a) ganhar acesso e controle de recursos que sustentam a vida³, ou seja, garantir a integridade física por meio do *esforço somático* que compreende todo investimento de um organismo para seu crescimento, desenvolvimento e manutenção, e deste modo, acumular potencial reprodutivo; b) a procura e disputa por parceiros reprodutivos aptos a procriar em um *esforço no acasalamento*⁴; e ainda, c) o *esforço parental* necessário para a progênie atingir a maturidade suficiente para sobreviver sozinha, o que está relacionada com o tamanho da prole, já que uma progênie grande aumentaria o sucesso reprodutivo, desde que não esteja acima das condições físicas do progenitor ou dos recursos oferecidos pelo ambiente, uma prole pequena e de boa qualidade seria mais adequado quando as condições do progenitor e os recursos do ambiente são limitados (Volland, 1998; Hrdy, 2001; Geary & Flinn, 2001).

³ Princípio da seleção natural – sobrevivência do melhor adaptado as pressões ambientais atuais

⁴ Princípio da seleção sexual – consiste em o quão certos indivíduos obtêm vantagens sobre outros indivíduos da mesma espécie e sexo seja através de dominância e da competição, cujo objetivo é restringir as relações para a reprodução

Todos estes aspectos recaem sobre a boa forma (*fitness*) e o sucesso reprodutivo de um indivíduo, que por vezes deve realizar trocas, ou seja, avaliar o custo e o benefício de investir maior energia em um aspecto do que em outro para manter o equilíbrio e sobreviver às pressões ambientais (falta de recursos, processo degenerativo do organismo, variações climáticas, variações sociais, etc.).

Os principais benefícios de muitas formas de cuidado parental para o progenitor que cuida consistem na sobrevivência, crescimento e sucesso na criação de sua descendência, isto pode variar de acordo com estagio de desenvolvimento inicial dos filhotes (Trivers, 1972; Clutton-Brock, 1991). O nível de desenvolvimento da prole ao nascer e o quanto esta irá exigir de energia durante o estágio inicial aos seus progenitores é uma relação complexa que foi analisada e discutida por Trivers (1972) em sua *teoria do investimento parental*. O autor fundamentou suas idéias na teoria da seleção sexual. O principal argumento presente nesta é que machos e fêmeas se comportam de maneira distinta quanto ao investimento na progênie ou na procura por parceiros, com o objetivo de promover seu sucesso reprodutivo individual, dependendo de características físicas da dinâmica sexual reprodutiva de cada espécie como: tempo para início e término de um ciclo reprodutivo, número e tamanho das células reprodutivas, postura dos ovos, tempo de gestação ou incubação, número de embriões por gestação, etc. Assim, para que ocorra o sucesso reprodutivo deve existir um equilíbrio entre investimento parental e estado inicial de desenvolvimento (Trivers, 1972; Bjorklund, 1997; Marlowe, 2000; Hrdy, 2001).

Entre os mamíferos existe uma grande variedade de padrões de comportamento parental, que podem ser classificados em função do grau de desenvolvimento dos filhotes ao nascer (Rosenblatt, 1992). Em algumas espécies de mamíferos, o período de gestação é curto e o filhote nasce bastante prematuro, com o sistema termo-regulador e sensorial

pouco desenvolvido, sendo incapaz de se alimentar sozinho. Essas espécies são chamadas de *altriciais* e incluem roedores, primatas e marsupiais. Nestes casos os cuidados parentais são de vital importância para a sobrevivência dos filhotes. Por outro lado, há espécies em que o período de gestação é longo e os filhotes nascem com a visão, audição, sistema termo-regulador e motor, bem desenvolvidos (p ex: equinos, bovinos), estes são chamados de *precoces*. Nestes os cuidados parentais são importantes, embora com menor dispêndio de energia do que em relação ao grupo anterior (Gould, 1999).

Existem, contudo, animais que não se enquadram em nenhum dos dois grupos citados acima (Gould, 1999). O período de gestação é longo, o recém-nascido apresenta algumas habilidades que permitem independência para executar algumas tarefas, mas dependem do adulto para outras que são vitais para sua sobrevivência, como exemplo, um animal que pode estar com olhos abertos e com a audição funcionando bem, mas não tem habilidade para se locomover por conta própria e acompanhar o grupo em deslocamentos. Dentre estes animais se destaca algumas espécies de primatas (como os chimpanzés), incluindo o ser humano. Este último apresenta características de desenvolvimento *precoces* como vida longa, cérebro grande e prole pequena, mas são bastante indefesos para o padrão *altricial*. O cuidado parental destes animais é intenso durante os primeiros anos de vida, pois necessitam de proteção contra predadores e serem alimentados/amamentados.

O ser humano apresenta um longo período de imaturidade e dependência, que não se apresenta somente nas características físicas do recém nascido. Comparados com outros primatas, os humanos levam uma quantidade desproporcional de tempo para atingir a maturidade reprodutiva. Aliás, o ser humano passa mais tempo em estado de imaturidade do que qualquer outro animal e é a única espécie que continua a cuidar da alimentação de seus descendentes até a adolescência, o que envolve um alto custo energético, por parte de

seus progenitores (Bjorklund, 1997). O benefício associado com o alto custo de um longo período de imaturidade, pode ser um artifício necessário para o efetivo domínio das complexidades da comunidade social humana. Deste modo, muitos aspectos da infância servem para preparar o caminho para juventude e não especificamente para a vida adulta, e são designados para adaptar a criança ao seu ambiente atual, embora, não necessariamente a um ambiente futuro.

O lento desenvolvimento e a conseqüente dependência física e psicológica ao nascer exigem a presença de um adulto que forneça as condições necessárias de sobrevivência durante esse período, o que é geralmente propiciado pela família. O cuidado parental humano e a formação da família, segundo Geary e Flinn (2001), são traços da co-evolução de diferentes características humanas, entre elas, os já citados, demorado período de infância e a adolescência, tamanho do cérebro, alto nível de investimento parental, e outras como: a ovulação encoberta, atividade sexual não reprodutiva, a menopausa e também a exclusividade da espécie homo.

A criação cooperativa, segundo Hrdy (2001), é um tanto quanto incomum em mamíferos, contudo ela é bem desenvolvida em espécies como lobos, cachorros-do-mato, mangustos anões, elefantes, caratingas, sagüis e humanos. Nestes animais, outros indivíduos do grupo, chamados “alomes”, ajudam a mãe na obtenção de provisões e cuidados diretos e indiretos. Dentre eles se incluirão o companheiro da mãe, o que não necessariamente é o progenitor genético, fêmeas aparentadas que ainda não estão aptas a procriar ou subordinadas que dificilmente terão a oportunidade de gerar a própria descendência e, ainda, no caso humano, os mais importantes alopais são parentes mais velhos “pós-reprodutivos” que já procriaram - os avós. Do mesmo modo, uma função

evolutiva que facilitou a formação de coligações baseadas em parentesco foi a competição ao acesso e controle de recursos e acasalamentos.

O investimento parental só pode ser realizado se o animal efetivamente encontrou um parceiro para acasalar. Como foi citado anteriormente, o esforço reprodutivo realizado na procura de um parceiro e o investimento que um animal realiza para o cuidado de seus descendentes evoluíram simultaneamente (Geary & Flinn, 2001). Isso levou a diferenças no comportamento reprodutivo e no “cuidado parental” expresso por homens e mulheres, pois estes se depararam com diferentes problemas como tempo, esforço, e recursos necessários para criar e gerar descendentes, de tal modo que evoluíram diferentes estratégias adaptativas (Wittenberger & Tilson, 1980; Bjorklund & Pellegrini, 2000,).

O comportamento parental inicia-se no momento da fertilização, sendo seqüência do comportamento reprodutivo que inclui estabelecer e definir território o cortejamento e a cópula. Ele continua na gestação, segue com o nascimento, modifica-se ao longo do desenvolvimento, e inclui vários comportamentos como: produção de gametas (com reservas nutritivas), transferência de nutrientes aos embriões, preparação de locais apropriados para postura, defesa contra predadores, regulação térmica, alimentação (antes e após o nascimento) e cuidados durante a infância e adolescência como a defesa contra membros da mesma espécie e garantir aos filhotes acesso a fontes de alimentos. (Brown, 1998; Tokumaru, 1998). Dessa forma, o cuidado parental pode ser realizado por qualquer um ou ambos os pais e vai variar de acordo com o sistema de acasalamento de cada espécie.

O nível de desenvolvimento do filhote ao nascer (*altricial* ou *precoce*) pode também estar correlacionado com diferentes sistemas de acasalamento (Zaveloff & Boyce, 1980). Para estes autores a monogamia estaria correlacionada como o modelo *altricial*, em mamíferos, por apresentar maiores oportunidades do macho investir. Neste sistema de

acasalamento o macho poderia estar mais apto a contribuir para a sobrevivência da prole por permanecer maior tempo em contato com os filhotes e com a fêmea. Logo a poliginia estaria correlacionada ao modelo *precocial* e ao alto investimento materno. Os autores argumentam que no caso dos humanos (*Homo sapiens*), embora o sistema matrimonial não seja claramente definido, decorrente da grande variedade de costumes, do dimorfismo sexual e da grande variância do sucesso reprodutivo do macho, eles o classificam como monogâmico e altricial. Isso pode ser devido à tentativa de equiparar investimento parental do homem e da mulher, assim como o esforço para garantir a paternidade (Zaveloff & Boyce, 1980).

O investimento parental tem sido considerado responsável pela evolução do casamento monogâmico em humanos (Marlowe, 2000). Contudo, guardar o acasalamento pode ser uma variável importante para a expressão do investimento paterno, o que resulta, por sua vez, em um sistema monogâmico socialmente imposto. Assim, a expressão do investimento paterno está relacionada, ao menos em algumas espécies, com a certeza da paternidade ao conservar a proximidade com a fêmea e para garantir a possibilidade de gerar seus próprios descendentes.

Estudar o comportamento parental a partir da perspectiva evolucionista é considerar os diferentes aspectos que podem estar interferindo para a expressão deste. Neste sentido, a relação que o progenitor estabelece com sua progênie, que visam seu desenvolvimento, vai depender de variáveis individuais do progenitor e da prole, além de variáveis sociais e ambientais presentes. A resposta de cuidado pode depender do grau/estágio de desenvolvimento da progênie, da presença ou ausência de um parceiro, do sistema de acasalamento, das condições ecológicas presentes, experiência de cuidado, experiências

interativas com coespecíficos, sexo do progenitor, etc. como pode ser visualizado no esquema da figura 1:

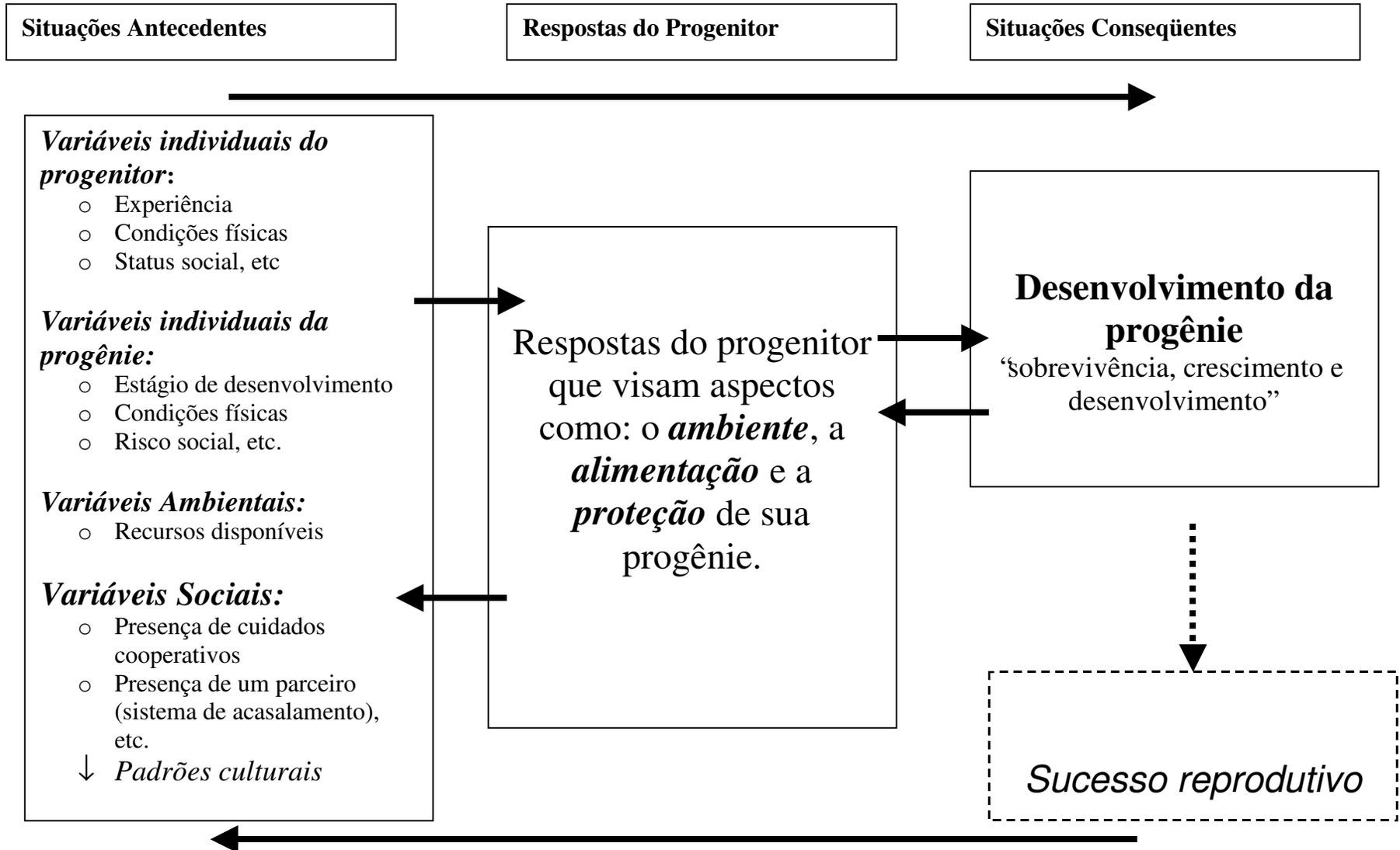


Figura 1: Variáveis dependentes e independentes presentes na relação que o progenitor estabelece com sua progênie – comportamento parental.

Com base nesta perspectiva, para uma compreensão mais completa do comportamento parental e paterno se faz necessário levar em consideração os aspectos causais próximos (negociações sutis entre parceiros na determinação das atividades desempenhadas pelo homem nas famílias, as pressões do trabalho e o valor social atribuído ao homem pelo engajamento no cuidado das crianças) e aspectos da história evolutiva deste comportamento na espécie humana (necessidade de proteção contra adversidades ambientais, de um modelo de transmissão das habilidades comportamentais, considerando o longo período de imaturidade e dependência em relação aos adultos).

Existe, entretanto, a necessidade de compreender quais as representações de paternidade e o próprio comportamento parental dentro de um determinado momento histórico e de suas construções ideais, uma vez que estas são causas próximas que explicam aspectos da expressão deste comportamento. O componente biológico do comportamento é mais bem compreendido mediante análise do contexto no qual está inserido; ao mesmo tempo em que a construção cultural deste comportamento é mais bem entendida, por sua vez, em relação à disposição inata do homem de se organizar em grupos cooperativos para suprir necessidades biológicas de cuidado, alimentação e proteção.

2.4. A Responsividade Parental

O conceito de responsividade tem sido destaque na Psicologia principalmente para o estudo do desenvolvimento infantil e é, em geral, associado ao estilo de cuidado materno. O termo responsividade não é consenso entre os autores, assim Ribas, Seidl de Moura e Ribas Jr (2003), com o propósito de apresentar um panorama de como este conceito é

apresentado, realizaram um levantamento bibliográfico em base de dados nacionais e internacionais. Os autores verificaram que este tema vem sendo investigado principalmente nos campos da Psicologia do desenvolvimento e da psicobiologia. Nestes, 38% vêm sendo conduzidos com animais e procuraram caracterizar a relação mãe-filhote e fatores determinantes desta como os aspectos biológicos (níveis hormonais, lesões e celebrais e efeito de drogas, etc.) e da experiência (efeitos do contato e da separação mãe-filhote, gestações anteriores). Os outros 62% foram realizados com seres humanos e estavam vinculados ao estudo de diferentes aspectos que podem intervir na responsividade materna, dentre eles o apego e a cultura. Os autores argumentam que existe necessidade de considerar, ao se estudar responsividade, aspectos como o suporte social e as variações culturais, além de uma base teórica que leve em consideração estes aspectos, sendo possível integração do tema à abordagem sociocultural.

A teoria de apego tem sido freqüentemente associada ao estudo sobre responsividade (Ribas & cols., 2003). Bowlby (2002) propôs, em sua “*teoria do apego*”, que os primatas, mas especificamente os bebês humanos, possuem uma necessidade *inata*⁵ de apegar-se a uma figura primária nos três primeiros anos de vida, a qual o bebê se esforça para permanecer perto o tempo todo. Este comportamento pode ser descrito, em função do modo como a criança comporta-se quando na presença ou ausência da mãe, segundo alguns critérios, como: chorar e seguir a mãe quando ela sai, saúda-la e abordá-la quando ela regressa (sorrir), movimentar-se e agarra-se a ela quando alarmado. O comportamento de apego, segundo este autor, tem como possíveis funções evolutivas, a oportunidade de

⁵ Bowlby estabelece alguns critérios para afirmar que uma característica seria instintiva ou não, entre estas: 1) obedece a um padrão similar e previsível que quase todos os membros de uma espécie; 2) não é uma resposta simples a um único estímulo, mas uma seqüência comportamental que segue um curso previsível; 3) suas conseqüências contribuem para a sobrevivência do indivíduo e da espécie; 4) desenvolve-se mesmo quando são ausentes as oportunidades de aprendizagem (Bowlby, 2002).

aprender da mãe várias atividades necessárias à sobrevivência, e principalmente, à proteção contra predadores. Para melhor ilustrar suas argumentações a seguinte citação foi selecionada:

“A sugestão de que a vantagem crucial do comportamento de apego é conferir ao bebê a oportunidade de aprender da mãe várias atividades necessárias a sobrevivência, parece a primeira vista ser promissora. Os jovens de espécies avançadas, especialmente mamíferos, nascem com um equipamento comportamental dotado de plasticidade. Durante o desenvolvimento, esse equipamento é altamente elaborado por processos de aprendizagem e muito do que é apreendido deriva da imitação do que a mãe também faz e da orientação do comportamento para os mesmos objetos, por exemplo, substâncias alimentares, para os quais a mãe também dirige o próprio comportamento. (p. 280)”

“Que a proteção contra os predadores é, de longe, a função mais provável do comportamento de apego, é corroborado por três fatos principais, em primeiro lugar, existem boas provas, derivadas de observação de muitas espécies de aves e mamíferos, de que são muito maiores as probabilidades de um animal isolado ser atacado e capturado por um predador de que um animal que se mantém junto a outros da sua espécie. Em segundo lugar, o comportamento de apego é eliciado de um modo particularmente fácil e intenso em animais que, em virtude da idade, tamanho ou condições são mais vulneráveis aos predadores (...). Em terceiro lugar, o comportamento de apego é sempre eliciado em elevada intensidade em situações de alarma, que são as situações comuns quando se apresenta ou se suspeita a presença de um predador” (Bowlby, 2002, p. 281).

O comportamento dos pais, segundo Bowlby (2002), é o recíproco do comportamento de apego e é chamado de “comportamento de cuidar⁶”. Nos mamíferos, incluindo o ser humano, pode ser observado um conjunto de respostas que podem ser classificadas como parentais ou, ainda, maternas, que tem como principal atenção o ambiente (construção de ninhos), a alimentação e a recuperação dos filhotes. Cada um destes possui uma importância para a sobrevivência, contudo é a recuperação que Bowlby (2002) argumenta ser o representante do fato de que boa parte do comportamento da mãe se ocupa em reduzir a distância entre o bebê e ela. Dessa forma, este se assemelha ao comportamento de apego, por ser mediado por um conjunto de sistemas comportamentais

⁶ O “comportamento de cuidar” é a tradução de “parenting” e em geral refere-se a um conjunto de respostas que os progenitores exibem em sua relação com a progênie.

que resultam na manutenção da proximidade com bebê, como a exclusividade da figura de atenção e a modulação por situações de alarme.

A forma como se dão as primeiras interações irão influenciar a formação do apego e alguns padrões do comportamento da criança (Bowlby, 2002; Ribas & cols., 2003). A formação do apego, se seguro ou inseguro, irá depender da responsividade (ou sensibilidade) contingente dos pais em relação ao bebê, esta é compreendida como a capacidade do adulto cuidar, mostrar-se sensível aos sinais e gestos do bebê (Ribas, 2004). Deste modo, o quão aptos estão os progenitores para interagir com a criança passa a ser um elemento importante para prever o desenvolvimento infantil.

A formação do vínculo/apego entre pais e filhos envolve, desta forma, diferentes processos comportamentais (Insel & Young, 2001; Bowlby, 2002; Klaus & Kennel, 1993). Cada um destes envolve processos multi-sensoriais (predominantemente olfativos em roedores e visuais em primatas) e respostas motoras complexas (como, por exemplo, visando a proximidade, respostas de cuidado e comportamento de defesa), incluindo, ao mesmo tempo, processos cognitivos como atenção, memória, reconhecimento social e motivação (Insel & Young, 2001).

A discussão sobre responsividade inclui, dessa forma, alguns aspectos como a ação das crianças, a ação dos pais e o reflexo desta sobre a criança. Isto envolve, segundo Ribas e cols. (2003), duas principais dimensões: uma temporal e outra qualitativa. A temporal é considerada a contingência de resposta, ou seja, o quanto as ações do bebê vão ser contingente da resposta de cuidado apresentada pelos pais. Já na qualitativa estão incluídas características como o calor, a proximidade, intimidade, que em geral remetem ao afeto. Além disso, eles ressaltam que estas duas dimensões podem ser retratadas tanto como dependentes quanto independentes, uma vez que a capacidade da criança em detectar

contingências no comportamento do adulto não necessariamente irá depender de aspectos afetivos. A independência entre os diferentes comportamentos parentais, o que define responsividade, pode segundo Keller, Lohaus, Volker, Cappenberg e Chasiotis (1999 apud Ribas & cols. 2003), favorecer uma melhor compreensão das variações transculturais e individuais do comportamento parental.

Ribas (2004) apresenta algumas discussões sobre a possibilidade de utilizar a teoria do apego para investigar responsividade materna em diferentes culturas. Os principais debates, segundo a autora, estão em pontos como: a ‘monotropia’ da figura de apego, ou seja, a inclinação da criança para apegar-se a uma figura em especial – *base segura*; que a *sensitividade* e responsividade apresentam valores de autonomia; e a *competência* ser definida por meio de valores como a exploração independente do ambiente, eficácia, manifestações espontâneas de afeto e de desacordo com os pares e sociabilidade. Estes seriam representantes de um modelo cultural ocidental e não representativo de todas as culturas. Ribas (2004) posiciona-se a favor da investigação e revisão dos conceitos presentes na teoria do apego por meio de comparações transculturais e compreende que esta teoria pode ser uma estrutura para examinar as interações entre biologia e cultura.

2.5. Cultura e comportamento parental

A ação dos pais e o reflexo desta sobre a criança, ao longo do desenvolvimento, tem sido também correlacionados aos estudos sobre socialização (Belsky, 1984). A forma como os progenitores modulam e influenciam o comportamento de seus filhos, não somente

durante os primeiros anos de vida. Mas, para a vida adulta, dependerá também de valores e padrões culturais transmitidos no contexto social no qual criam seus filhos.

Nos estudos sobre o desenvolvimento têm-se intensificado o interesse para compreender qual a influência dos padrões culturalmente estabelecidos sobre o comportamento parental e, por conseguinte, no desenvolvimento infantil (Bornstein & cols, 1996; Miller & Harwood, 2001; Leyendecker, Lamb, Harwood & Shölmerich, 2002; Suizzo, 2002). O ponto central no conceito de cultura, referente ao comportamento parental, segundo Bornstein e cols (1996), é a expectativa que pessoas diferentes possuam idéias e ações diferentes em relação a como criar e educar seus filhos.

Harkness e Super (1992) esboçam um novo modelo para abordar como o desenvolvimento da criança é culturalmente modelado e nos auxiliam na compreensão da relação entre idéias e ações. Este, de acordo com autores, incrementa a noção de nicho ecológico, com a elaboração do conceito de *nicho de desenvolvimento*, que é uma estrutura para compreender a regulação cultural do micro-ambiente da criança e, é conceituado em termos de três componentes: o ambiente físico e social no qual a criança vive, os costumes de cuidado e criação de crianças que são regulados culturalmente e a psicologia dos cuidadores ou conjunto de crenças parentais que foram nomeadas de “*etnoteorias dos pais*”.

As *etnoteorias parentais*, segundo Harkness e Super (1992), são modelos/exemplos culturais ou um conjunto organizado de idéias dos pais em como compreender a personalidade e inteligência da criança, que por sua vez, possuem propriedades motivacionais que funcionam como metas e interpretações da realidade para os pais. As *etnoteorias* estão implícitas na experiência da vida diária que os pais tem com sua própria

criança e resultam da sua história de interação e da cultura acumulada na comunidade ou grupo de referência.

Para Harkness e Super (1992) as origens da etnoteorias parentais estão na estrutura sócio-econômica da vida dos pais. Entretanto, os autores argumentam que sobre esta estrutura os pais tomam, individualmente, as decisões sobre como socializar sua criança. Neste sentido, as etnoteorias parentais são expressas nos diferentes ambientes físicos e sociais que os pais apontam para sua criança. Um exemplo pode ser verificado com o estudo de Miller e Harwood (2001), com mães de classe média anglo-americanas e porto-riquenhas. Os autores identificaram correlação entre *metas de socialização* em longo prazo com o tipo e a frequência de contatos social que elas constroem para seus filhos. Deste modo, o ambiente da vida diária das crianças e o tempo que elas despedem em diferentes atividades apresentam muitos aspectos da ecologia social da infância em uma cultura particular.

Os modelos culturais de cuidado parental são estabelecidos em uma variedade de domínios e dimensões, bem como, as estratégias que os pais utilizam para organizar o ambiente e promover diferentes oportunidades de estimulação (Suizzo, 2002). O grau que os pais valorizam e encorajam a criança para a independência *versus* a interdependência está implícito no que eles estabelecem como sendo relevante para o seu comportamento e desenvolvimento – *metas de socialização*. Este vai depender da cultura no qual eles estão inseridos (Miller & Harwood, 2001;. Leyendecker & cols, 2002; Suizzo, 2002)

O grupo social apresenta uma série de idéias e interesses comuns, seja para garantir abrigo, alimentos, território ou para desenvolvimento tecnológico. Estes interesses são verificados nos comportamentos recíprocos e habituais que os membros de um grupo manifestam (Linton, 1967;1976). Existe, contudo, um conjunto de questões que dizem

respeito ao modo como são percebidos os indivíduos e sua relação como o grupo. Uma comunidade pode ver os membros dela com interesses independentes e autônomos – individualista, outra por sua vez pode vê-los como subordinados ao bem do conjunto – sociocêntricas (Harwood & Miller, 2001).

A *independência* é definida como um conjunto de tarefas ou tendências psicológicas para separar o “self” do contexto social. A *interdependência* é descrita como um conjunto de tarefas ou tendências psicológicas para conectar o “self” com os outros (Miller & Harwood, 2001). As crenças parentais, bem como a interpretação/avaliação do comportamento da criança refletem modelos que são amplamente, apesar de frequentemente implícitos, compartilhados dentro da comunidade (Harkness & Super, 1992; Leyendecker & cols, 2002). Embora compartilhadas estas podem variar entre diferentes culturas, entre o pai e a mãe, dependendo de preferências e circunstâncias pessoais.

Uma circunstância especial se refere ao processo de imigração. Neste os progenitores deparam-se com uma dupla tarefa, ao decidirem ter filhos, a de manter o senso de sua própria identidade cultural quanto ao mesmo tempo, incorporar valores do seu novo país, o que pode acentuar as chances de sucesso econômico da criança no novo ambiente (Leyendecker & cols, 2002). Esses autores entrevistaram mães imigrantes da América Central para Estados Unidos para investigar como o processo de imigração pode influenciar as crenças parentais. Através da análise dos resultados se constatou que as mães latinas mantêm uma tendência para ênfase no respeito, bom comportamento e cooperação, que é considerada reflexo de orientação chamada de *sociocentrismo* muito presente em países latinos, embora elas apoiem aspectos seletivos do individualismo que estão relacionados à promoção do potencial econômico e pessoal de sua criança. Contudo, prevalecem os

aspectos sociocêntricos. Os autores destacam a natureza multidimensional do individualismo e a heterogeneidade das crenças entre populações latinas e a necessidade de estudar as variações entre *individualismo* e *sociocentrismo*.

Um segundo aspecto relacionado à dimensão independência *versus* interdependência é a qualidade e quantidade da proximidade considerada melhor na relação pais-criança (Suizzo, 2002). Um estudo com mães na Alemanha, de Grossmann e Grossmann (1981) citado por Suizzo (2002), encontrou que deixar o bebê sozinho e sem supervisão em casa era uma prática comum e era vista como uma estratégia para promover autoconfiança na criança. No estudo com mães francesas, Suizzo (2002) identificou que é considerado importante por elas, embora somente em um nível moderado, a promoção de um vínculo próximo entre o progenitor e sua criança por meio da atenção para aspectos emocionais e necessidades da criança. Isto sugere, segundo a autora, que para alguns pais parisienses, esta orientação é ambivalente ou de menor relevância.

As crenças parentais, as metas de socialização em longo prazo, assim como as avaliações do comportamento atual da criança, estão interligadas e são culturalmente influenciadas, uma vez que estas apresentam valores e padrões culturais que são reforçados no grupo social ao qual pertencem. Para que uma meta seja alcançada, o progenitor deve realizar constantes interpretações/avaliações do comportamento atual da criança que, por sua vez, são baseadas em modelos/exemplos culturais de como criar e educar filhos, mas que possuem uma história de interação.

Como mencionado anteriormente, a função central do cuidado parental, para os autores que assumem a perspectiva evolucionista, é promover um contexto propício para o incremento de competências sociais complexas (Davis & Daly; 1997; Geary & Flinn, 2001). Estas competências freqüentemente envolvem habilidades sociais que permitem a

formação de coligações cooperativas. Contudo, esta forma de coligação é, em última instância, uma estratégia social para facilitar a competição com outras coligações para obter acesso e controle sobre recursos essenciais. Destaca-se, nesta perspectiva, que o problema social mais importante que os humanos primitivos tinham para resolver e sobreviver foi a necessidade de cooperar e competir com coespecíficos, ou seja, o estabelecimento de relações cooperativas com outros membros do grupo e a negociação de hierarquias (Buss, 1991, Bjorklund & Pellegrini, 1997; Geary & Flinn, 2001). Neste sentido, a preocupação dos progenitores com o incremento de diferentes competências individuais dos descendentes e conseqüentes socializações envolverão de forma direta ou indireta estes dois aspectos: a cooperação e a competição – o *status* social.

As *metas de socialização e as etnoteorias parentais*, se pensarmos sob esta perspectiva, apresentam aspectos que dizem respeito a organização social, o predomínio ou não das ligações de parentesco, o status atribuído ao vínculo de parentesco e as possibilidades de ascensão dentro do grupo social que pertence. Estes pontos se refletem em questões que dizem respeito ao modo como são percebidos os indivíduos e sua relação como o grupo e, embora sejam compartilhados dentro da comunidade, podem variar entre diferentes culturas, entre o pai e a mãe e dependendo da ecologia local. Como afirma Geary e Flinn (2001) as variações culturais e individuais nos modelos da dinâmica de cuidado parental e na formação da família são consideradas como respostas fenotípicas para diferentes condições históricas e ecológicas. Destaca-se a presença do pai e da expressão do comportamento paterno como uma das condições para a evolução da família humana.

2.6. O Estudo do Cuidado Paterno

O estudo do comportamento paterno possui peculiaridades que interferem na forma como este é estudado e na valorização que é atribuída a ele. O comportamento paterno ou o “*papel do pai*” na sociedade e, conseqüentemente nos grupos familiares, foi estudado pela sociologia e antropologia, desde o início do desenvolvimento destas disciplinas. Contudo, o estudo da interação pai criança como de relevância para o desenvolvimento infantil é recente e teve um especial impulso com a publicação do livro organizado por Michael E. Lamb “*O papel do pai no desenvolvimento infantil*”⁷ em 1976.

Lamb (1997) ao avaliar a repercussão das primeiras edições do livro mencionado, destaca que até a primeira edição ser publicada, os cientistas sociais em geral, e alguns psicólogos do desenvolvimento em particular duvidavam que o pai tivesse relevância para as experiências e o desenvolvimento de suas crianças, especialmente suas filhas. O pai era considerado somente relevante como modelo do *papel de gênero*⁸ para o filho, que poderia ser substituído por modelos sociais apresentados na mídia ou na observação de outros homens adultos. A primeira edição teve, dessa forma, um objetivo “combinado” e um esforço explícito em demonstrar que o pai: a) tem um papel no desenvolvimento infantil; b) é freqüentemente relevante para a vida das crianças e; c) afeta o curso do desenvolvimento infantil de forma positiva, bem como negativa (Lamb, 1997).

⁷ Tradução do título do livro organizado por Michael E. Lamb “The role of the father in child development” publicado pela primeira vez nos EUA em 1976, este foi reeditado mais duas vezes sendo a última em 1997, na qual conta com novas pesquisas sobre a atuação do pai no desenvolvimento infantil e na dinâmica familiar.

⁸ A espécie humana, salvo raras exceções, adquire um firme senso de si mesmas como sendo homens e mulheres, e este desenvolvimento é chamado de identidade de gênero. Na maioria das culturas existe um conceito sobre a diferença biológica entre masculino e feminino, o qual é expandido por uma série de crenças e práticas de como devem se comportar homens e mulheres, que papéis devem assumir, ou características de personalidade devem possuir. Estas características são adquiridas por identificação segundo a psicanálise, ou por recompensas e punições segundo a teoria da aprendizagem social (Atkinson, Atkinson, Smith & Bem, 1995)

Lamb descreve que a segunda edição de *‘o papel do pai no desenvolvimento infantil’*, publicado em 1981, apresentou outras contribuições, entre elas a ênfase na complexidade do comportamento do pai, bem como na sua multideterminação. O autor assinala que fatores como a religião, o contexto histórico, a experiência de cuidado recebida e a cultura interferem diretamente no desempenho e na avaliação do comportamento paterno. A discussão, levantada nesta edição, sobre a interação do pai com a criança chamou a atenção para os diferentes modelos de influência paterna no desenvolvimento infantil (Lamb, 1997).

A terceira edição se diferencia das anteriores quando procura, além de estudar a relação pai-criança, investigar o lugar do pai no sistema familiar e nos subsistemas no qual está inserido, como sua atitude com a mãe e com parentes próximos que são também de crucial importância (Lamb, 1997).

O pai pode assumir diferentes atribuições dentro do sistema familiar e na interação com sua criança, como: companheiro, provedor de cuidados, cônjuge, modelo, guia moral, professor, provedor financeiro, sendo que em todas estas ele possui uma relativa importância e impacto sobre o desenvolvimento da criança. Contudo, ao longo da história do estudo do papel do pai no desenvolvimento infantil, este assumiu, a cada período ou época, um papel proeminente (Lamb, 1997). Cada papel está associado com um ou mais modos distintos de influência sobre a criança. Seguramente, o suporte econômico é visto como elemento chave e como o principal papel atribuído ao pai em muitos segmentos sociais (O’Hare, 1995 apud Lamb 1997), mesmo onde os dois progenitores contribuem financeiramente para o sustento da família, o pai é percebido como o principal “ganha pão”. Isto é confirmado ao constatarmos a contínua disparidade entre o salário de trabalhadores homens e mulheres. O suporte econômico da família constitui um indireto, porém

importante meio no qual o pai contribui para a criação e saúde emocional de suas crianças (Lamb 1997).

A atuação do pai ocorre por estilos diferentes ao longo do desenvolvimento infantil e das mudanças decorrentes deste no contexto familiar. Alguns estilos são caracterizados como formas indiretas de interação e influência sobre a criança devido ao fato de não estabelecerem em contato físico com ela. Dentre estas se destaca sua interação com outros membros da família, como quando o pai age como fonte de suporte emocional para outros membros da família, principalmente a mãe, e esta passa a se manter mais envolvida na atividade de cuidado direto com a criança. O pai, neste caso, tende a aumentar a qualidade de relação mãe-criança e, assim, facilitar a integração social da criança com outros membros da sociedade (Cummings & O'Reilly, 1997).

O pai também interfere na qualidade da dinâmica familiar ao se envolver no trabalho doméstico aliviando a carga de trabalho da mãe. Ao mesmo tempo, quando ele realiza atividades do cotidiano da casa transmite valores de cooperação e democracia (respeito) para sua criança (Pleck, 1997; Prado, Piovanotti & Vieira, 2004) e que muitos dos padrões comportamentais que adquirimos na infância são os resultados de lições provindas da observação de outras pessoas (Lamb, 1997). Desta forma, o autor ressalta a importância de reconhecer o efeito de padrões indiretos de influência paterna para o estudo do papel do pai no desenvolvimento infantil; e a percepção de que pai e criança são parte de um sistema social complexo (a família) no qual cada pessoa afeta a outra, direta ou indiretamente.

Apesar de existir, dentro da comunidade científica, maior consenso sobre os múltiplos modos que o pai pode afetar o desenvolvimento de sua criança (direta ou indiretamente), a literatura sobre comportamento paterno é especialmente interessada na

interação entre o pai e a criança (Lamb 1997), entendendo interação como o contato físico entre a díade.

A disponibilidade física do pai, segundo Veneziano (2003), pode servir para a proximidade e qualidade da relação pai-criança. Contudo, o comportamento “caloroso” é que vai influenciar de forma diferenciada o desenvolvimento infantil. O autor investigou diferentes culturas ocidentais e verificou que a socialização para agressão esteve significativamente relacionada com baixo nível de afeto e calor paterno. Além disso, houve uma correlação negativa quando havia interação afetuosa e calorosa do pai com a criança e a expressão de comportamentos agressivos e delinquentes.

O “envolvimento paterno” ou a participação do pai no desenvolvimento infantil não é somente definido em termos de contato físico direto, este é conceituado em termos de (1) interação, ou seja, o tempo que o pai gasta com suas crianças em atividades como: conversar, acalantar, brincar; (2) acessibilidade que é o tempo gasto em atividades que possuam implicações para a criança, como trabalho doméstico; (3) responsabilidade, ou seja, o quanto o pai se envolve e assume o encargo de atividades que fazem parte da rotina da criança, como levar ou buscar do colégio (Lamb, 1997, Pleck, 1997, Lewis & Dessen, 1999).

2.7. As influências culturais no comportamento paterno.

Nos últimos anos, uma série crescente de pesquisadores passou a rejeitar a idéia de que o tema da paternidade é determinado exclusivamente por influências culturais ou biológicas, e tentam encontrar a relação existente entre essas duas dimensões do

comportamento parental (Prado & Vieira, 2003). O componente biológico/genético do comportamento só pode ser compreendido mediante análise do contexto no qual está inserido; ao mesmo tempo em que a construção cultural deste comportamento só pode ser entendida, por sua vez, em relação à necessidade inata do homem de se organizar enquanto sociedade para suprir necessidades biológicas de cuidado, proteção e preservação.

Exceto em situações atípicas em que o ser humano é forçado a viver em isolamento, o homem vive como um membro de um grupo organizado e tem sua sobrevivência e desenvolvimento vinculado ao grupo que pertence. Como foi mencionado anteriormente, o ser humano ao nascer carece da presença de adultos que supram suas necessidades básicas de alimentação, proteção, calor, etc, e mesmo como adulto muitos dos recursos para sua sobrevivência são obtidos quando os indivíduos cooperam entre si (Linton, 1967; Bjorklund, 1997; Bjorklund & Pellegrini, 2000). Dessa forma, podemos identificar como foi, e continua sendo, importante para a sobrevivência do ser humano a sua capacidade de identificar conhecidos, familiares e constituir grupos cooperativos⁹ para solução e resolução de tarefas. Linton (1967) contribui com esta discussão na afirmativa a seguir sobre a importância da organização social para a sobrevivência humana:

“Qualquer que tenha sido a origem das sociedades humanas, têm todas elas certas feições que lhes são comuns. A primeira e talvez a mais importante é que a sociedade, mais que o indivíduo, tornou-se a unidade significativa na luta da nossa espécie pela sobrevivência (Linton, 1967, p. 27)”.

⁹ A Etologia tem estudado os sistemas cooperativos de cuidado (*Cooperative breeding*, em inglês), como uma estratégia reprodutiva que ocorre em algumas espécies sociais, em que as fêmeas e até mesmo os machos exibem cuidados alopARENTAIS aos filhotes (transporte, transferência de calor, limpeza corporal dos filhotes), contribuindo para a redução dos custos dos cuidados maternos (Guerra, 2004, texto on-line <http://www.cfh.ufsc.br/~lpe/>)

O ser humano ao conviver em grupo desenvolve uma série de idéias e interesses comuns, seja para garantir abrigo, alimento, território ou para desenvolvimento tecnológico, estes interesses são verificados nos comportamentos recíprocos e habituais que os membros de um grupo manifestam, como mencionado anteriormente. O grupo para assegurar um destes objetivos se organiza de forma a dividir as atividades. Esta divisão dá a ele estrutura, organização e coesão caracterizando-o como uma sociedade. Segundo Linton (1967), não há nenhuma sociedade por mais simples que seja que não distinga pelo menos entre o trabalho masculino e feminino.

O sistema de organização, que torna possível uma sociedade, persiste ao longo do tempo por meio do treino dos indivíduos que nascem e crescem dentro do grupo, e que passam a ocupar lugares particulares dentro desta estrutura. Cada lugar está imbuído de uma importância para a organização social e, as posições polares dentro desta organização são denominadas de “*status*” . Para assumir uma determinada posição os indivíduos de uma sociedade devem apreender o que fazer para outras pessoas, assim como o que esperar delas e, ao realizar os direitos e responsabilidades que constituem o status, eles passam, dessa forma, a desempenhar determinados “*papeis*” . O aprendizado de um indivíduo para assumir um lugar na sociedade depende da padronização de um comportamento, ou seja, ações que são esperadas para o ocupante de uma determinada posição e que são recompensadas ou punidas pelo grupo de acordo com o quanto um indivíduo se aproxime ou se distancie deste padrão, o que é chamado pelos sociólogos de “*padrões culturais*” (Linton, 1967, 1976).

Uma sociedade constrói uma série de hábitos ou padrões culturais mais ou menos organizados e que poderão ser verificados, em uma dada situação, no comportamento da maior parte das pessoas. O conjunto de ações esperadas ou padrões de uma sociedade é

compreendido como a cultura, ela possibilita aos membros do grupo *‘um guia’* para se adaptar a maior parte das circunstâncias (Linton, 1967). Ao ensinar aos indivíduos em cada geração os padrões culturais que se relacionam às posições sociais de uma sociedade esta se autoperpetua. Skinner contribui neste sentido ao afirmar que:

“À medida que cada indivíduo vem a se conformar com os padrões de conduta, também vem apoiar o padrão ao aplicar uma classificação semelhante ao comportamento dos outros. Além disso, seu próprio comportamento conformado contribui para o padrão como o qual o comportamento dos outros será comparado. Uma vez que originado um costume, uso ou estilo, portanto, o sistema social que o observa parece ser razoavelmente automantenedor. (Skinner, 1998, p. 455)”

A presença de padrões culturais, produzidos e reproduzidos por um grupo, com seu grau de aprovação social e até mesmo de “pressão social sob aqueles que não aderem a eles” proporciona aos membros do grupo segurança de que um indivíduo ao realizar uma atividade em benefício de alguém receberá uma retribuição em troca (Linton, 1967). De tal modo, muitos aspectos do comportamento dos seres humanos são determinados pelas outras pessoas, uma vez que o comportamento é reforçado ou punido através da mediação delas para se obter parte de nossos reforçadores primários (por exemplo: água, comida, abrigo) e secundários (dinheiro, títulos, etc). O comportamento social é, dessa forma, “definido como o comportamento de duas ou mais pessoas em relação a uma outra ou em conjunto em relação ao ambiente comum” e este “surge porque um organismo é importante para outro como parte de seu ambiente” (Skinner, 1998, p. 325, 326).

Uma sociedade compartilha e ensina aos seus membros os padrões culturais. Contudo, não há duas pessoas que sempre se comportem exatamente da mesma forma diante de um mesmo estímulo, e até uma mesma pessoa se comporte diante de um estímulo em momentos diferentes da mesma forma. Apesar dessa variabilidade é possível verificar

comportamentos generalizados, ou seja, que podem ser agrupados segundo características comuns, estes são chamados de *‘padrões de cultura real’* , que variam em maior ou menor grau, dentro de certos limites, mas que estão funcionalmente inter-relacionados (Linton, 1967; Skinner, 1998). Um padrão cultural real representa, dessa forma, uma serie limitada de comportamentos dentro do qual as ações de um indivíduo, em uma determinada situação, pode ser antecipada/prevista (Linton, 1967).

Existe, ainda, em todas as sociedades um certo número de *‘padrões ideais’* , que são abstrações criadas pelos próprios membros do grupo e que representam o consenso da opinião sobre a forma como deveriam comportar as pessoas em situações e posições especiais, ou seja, os padrões ideais se desenvolvem com maior freqüência em relação a circunstâncias que uma sociedade considera de importância primária. Estes possuem efeitos normativos, desencorajando divergências demasiado grandes em relação ao que os modelos estabelecem e geralmente estão em desacordo com o padrão cultural real (Linton, 1967). Deste modo, a representação de paternidade e o próprio comportamento paterno sofrem interferência das construções ideais de paternidade, uma vez que estas são causas próximas que explicam aspectos da expressão deste comportamento.

Pleck e Pleck (1997) apresentam quais os padrões ideais de comportamento paterno ao longo da história da América. Os autores argumentam que no período da América colonial, no qual predominava o sistema econômico rural familiar, o modelo ideal de paternidade era o de patriarca, pouco afetivo, que exercia enorme poder sobre a família, e cabia a ele a responsabilidade de assegurar que suas crianças crescessem com um apropriado senso de valores, honra e adquirissem o estudo da bíblia ou outros textos espirituais. Com a industrialização, o ideal de paternidade que emergiu entre a classe média foi o de único provedor econômico da família - o ganha pão, ficando submetida a essa

condição o valor moral do homem em sociedade. A idéia de paternidade passou a ser a de um homem de negócios que se ausentava de casa para trabalhar e obter recursos financeiros. Neste período a mãe passa a ser representada como um agente poderoso no desenvolvimento da personalidade de uma criança. No início do século XX (entre 1900 e 1970) com estabelecimento do novo imperativo econômico industrial, com as mudanças na organização familiar, no papel da mulher na sociedade e na economia, o papel de pai passa a ser o de alguém um pouco mais envolvido com os filhos, e que trouxe principalmente atividades lúdicas para a criança. Ele não necessariamente divide igualmente as atividades de cuidado, mas é esperado que brinque com suas crianças, instrua-as, verifique as lições de casa, podendo freqüentemente expressar afeto e amizade, o que até então era raro no padrão ideal de patriarca e de provedor econômico. Apesar dessas mudanças, a mãe era vista como a principal responsável pela criação dos filhos.

A partir de 1970, o modelo mudou para o de um pai mais intensivamente envolvido com sua criança, em parte como resultado de uma relação igualitária entre o marido e a esposa, que foi, de certa forma, “convocada” pelo feminismo; com os questionamentos das desigualdades de gênero, o avanço dos métodos contraceptivos, o desemprego masculino e o ingresso massivo das mulheres no mercado de trabalho (Pleck & Pleck, 1997; Rico & Luna; 2000). O termo que Pleck e Pleck (1997) escolheram para descrever este novo modelo de paternidade e que teve como marca central a igualdade de responsabilidade pela criação dos filhos foi – o pai co-genitor¹⁰. Para o pai co-genitor da década de 1970 era, segundo os autores, esperado envolvimento com as crianças; divisão igualitária do cuidado físico diário; auxílio para educação de garotos sem estereótipos de gênero; que acompanhe e participe do desenvolvimento da criança desde o nascimento até a fase adulta. Este é o

¹⁰ Tradução do inglês, de responsabilidade da autora – *The co-parent father*.

modelo que tem sido considerado ideal até os dias de hoje e é ele que tem impulsionado muitas investigações científicas. Isto se dá por que, como argumentam Rohner e Veneziano (2001), as construções culturais de paternidade tiveram conseqüências sobre a expressão do comportamento paterno e sobre a produção de quase um século de pesquisas sobre desenvolvimento infantil e família.

A apreensão destes padrões culturais, suas mudanças ao longo da história e sua repercussão sobre as interações sociais são estudadas por algumas áreas de conhecimento como a antropologia, sociologia, história e também diversos campos da Psicologia como a Psicologia social, da aprendizagem, cognitiva, do desenvolvimento e da linguagem. Dentre estes diferentes campos se destaca a Psicologia social e a teoria das representações sociais que procura discutir alguns “significados e práticas” da paternidade, principalmente a partir de 1970, com as mudanças na organização social e econômica. É com base na teoria das representações sociais, criada por Moscovici em 1961/1976¹¹, que alguns estudos brasileiros procuraram investigar as mudanças nos “significados e práticas” da maternidade e paternidade do final do século XX (Trindade, 1993; Trindade, Andrade & Souza; 1997; Trindade, 1998; Trindade & Menandro, 2002).

Com o objetivo de construir uma proposta de intervenção psicossocial Trindade (1993) investigou quais são os conhecimentos e teorias de senso comum (do não especialista), ou seja, as representações sociais da maternidade e da paternidade em uma clientela de um serviço de aconselhamento genético. Verificou que homens e mulheres remetem a papéis e modelos tradicionais de gênero, de maternidade e paternidade. Nestes, a maternidade foi representada como elemento principal da identidade feminina, sendo que a

¹¹ No Brasil o trabalho de Moscovici foi traduzido, parcialmente, somente em 1978, e recebeu o título: “A representação social da Psicanálise” (Nascimento-Schulze & Camargo, 2000)

principal atribuição desse papel é pela responsabilidade e manutenção do vínculo familiar, já a principal atribuição do modelo tradicional de paternidade representado foi o de pai provedor.

Em um segundo estudo Trindade e cols (1997) procuraram investigar as possíveis transformações das representações sociais masculinas e femininas da paternidade e maternidade em pais com escolaridade superior e com 1º grau (in)completo, que tiveram filhos na década de 1960 e 1980. Neste estudo, os autores verificaram que as representações de maternidade e paternidade ainda estavam fortemente ‘impregnadas’ (sic) com os modelos tradicionais, contudo eles identificaram algumas mudanças com relação a paternidade, em que para os pais de escolaridade superior da década de 1960 e 1980, o relacionamento positivo entre pai-filho foi o elemento mais mencionado como representativo da paternidade e ainda, que a categoria provedor aparece com frequência decrescente nas décadas de 1960 e 1980 entre pessoas de escolaridade 1o grau e superior.

Em um terceiro estudo, Trindade e Menandro (2002) procuram investigar como a paternidade e maternidade são significadas entre jovens adolescentes pais na faixa etária de 16 e 21 anos e quais as principais mudanças decorrentes da experiência de ter um filho. Os autores verificaram, a partir da análise de entrevistas realizadas, que a principal mudança referida foi a perda da liberdade e a inserção no mercado de trabalho, uma vez que para eles ser pai significa, principalmente, trabalhar e prover as necessidades da criança. Os entrevistados mencionaram também, como significado da paternidade, a necessidade de educar, dar carinho e amor. Em relação à maternidade as características mais mencionadas foram o cuidado e carinho com a criança, além da abnegação. A figura materna é por eles mencionada como e vital importância para o desenvolvimento infantil. Os autores argumentam que existe forte vínculo com os modelos tradicionais de paternidade, embora

aspectos afetivos tenham sido claramente identificados como importantes para a relação pais e filhos.

Na América Latina, Norma Fuller (2000) destaca-se como agente promotor do debate sobre o tema paternidade, quando organiza o livro ‘Paternidades na América Latina’. O tema paternidade, em países do continente Latino América, segundo a autora, tem sido discutido, sob o foco da escola psicanalítica que enfatiza a importância de a identificação com a figura paterna para internalização das normas sociais e para a construção da identidade de gênero; em torno das consequências do fato de as mulheres assumirem o encargo exclusivo da socialização da criança com o desenvolvimento das sociedades industrializadas; e como um fenômeno sociocultural resultado de relações genéricas, éticas e de classe em um momento histórico. Nestes a paternidade se apresenta como um tema central para a identidade masculina; e como um momento no ciclo vital do homem de transição entre a fase juvenil e adulta e muitas vezes um marco para a inserção no mercado de trabalho.

Os estudos sobre masculinidade na América Latina têm focado preferencialmente a síndrome do machismo e suas consequências negativas para a relação entre pai e filho (Fuller, 2000). Este debate centra-se na falta de interesse dos homens em assumir o papel de pai e, ao mesmo tempo, a importância de gerar muitos filhos (que não se assumem) com uma prova de virilidade e hombridade. A imagem do ‘macho’ latinoamericano representa o guerreiro, o sedutor, que estabelece uma relação de domínio e conquista com a mulher, mas não é reconhecido como o pai. Este sistema de mãe/presente e pai/ausente proporciona um modelo de identificação no qual a mulher (concreta) assumirá o papel evidente de mãe e o homem (concreto), devido a carência e uma imagem paterna ‘real’ se identificará como um filho (de uma mãe específica e de um pai difuso). Além disso, esta figura paterna,

segundo uma perspectiva mais sociológica, possui conseqüências ideológicas em um sistema social que promove a segregação de gênero e confere pouco valor às mulheres, assim como algumas atividades a elas atribuídas como às atividades domésticas e o cuidado dos filhos (Fuller, 2000).

Rico e Luna (2000) procurando articular as dimensões paternidade e masculinidade (gênero) investigaram como homens e mulheres mexicanos percebem as práticas e significados da paternidade. Os autores constataram, a partir de análise de entrevistas realizadas com homens e mulheres, que ser pai está, sobretudo, relacionado com a interação estabelecida com a família. São variáveis importantes para formação desta e para decisão de ter filhos o afeto pela esposa; a relação com o próprio pai na família de origem e sua experiência como filho; a convivência com os filhos em uma série de atividades como brincar, conversar, levar os filhos no parque, fazer as refeições em conjuntos, ver televisão e sair a passeio; e questões econômicas que estão associadas a responsabilidade financeira pelos filhos. Rico e Luna (2000) destacam que a responsabilidade econômica é um aspecto importante, pois na medida que se assume esta, o pai será valorizado por todos os membros da família e reconhecido como autoridade, sendo que os homens mostram-se mais dispostos a ser pais quando cumprem duas condições: a possibilidade de viver com a esposa e a disponibilidade de recursos econômicos.

As representações e padrões ideais sobre paternidade e maternidade mostram, de modo geral, algumas práticas no cuidado de crianças valorizadas dentro do grupo social, a serem exercidas pelo pai e pela mãe, mas que mantêm, segundo a perspectiva evolucionista, objetivos comuns. Como, por exemplo, o ambiente, a proteção e a alimentação de sua progênie. Estas práticas envolvem diferentes domínios que incluem fatores relacionados ao vínculo/apego entre os pais-criança (interação social) e a um ambiente propício para o

desenvolvimento do repertório comportamental da criança e para sua inserção social (didático e disciplina).

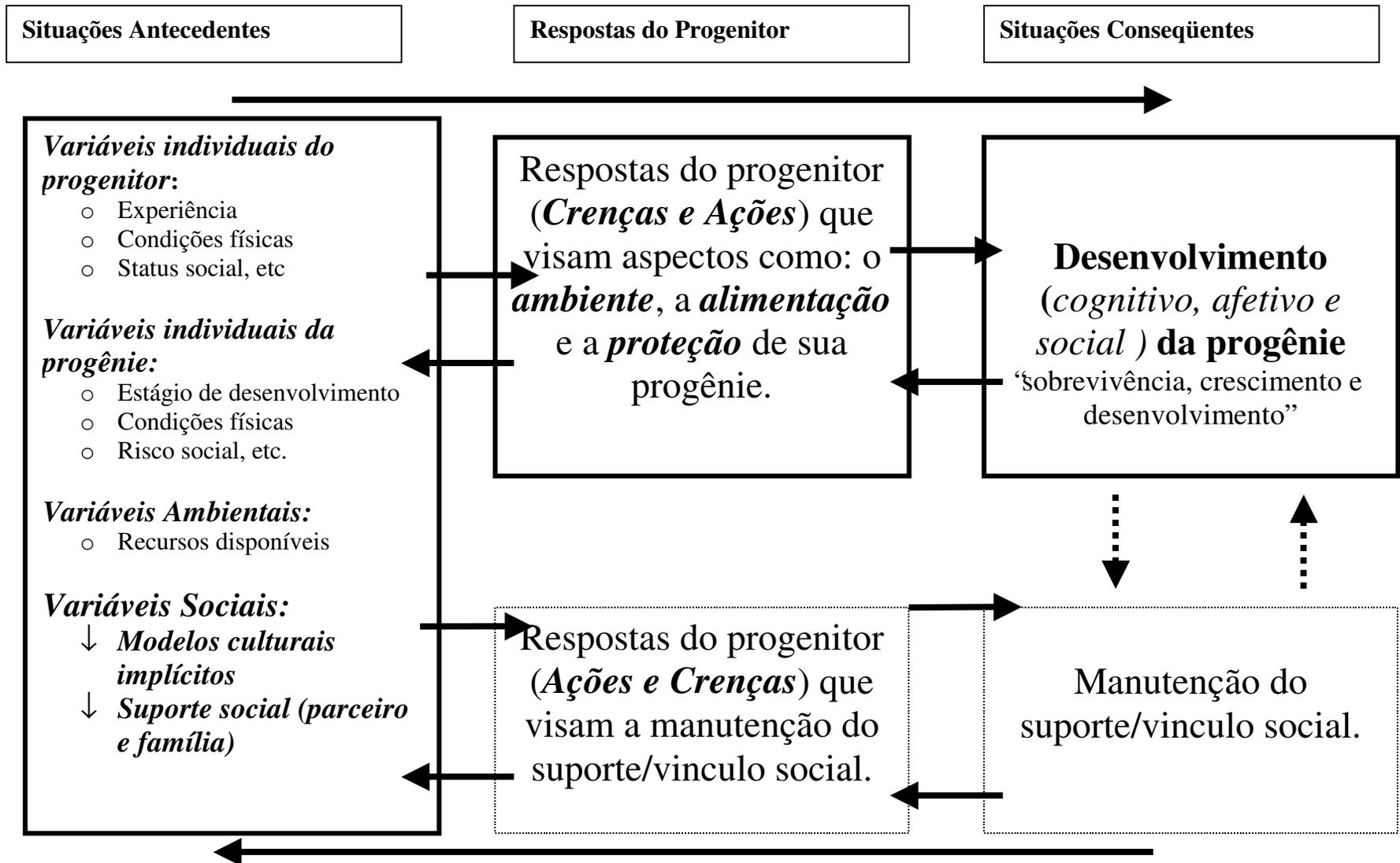


Figura 2: Variáveis dependentes, independentes e intervenientes (suporte social) presentes na relação que o progenitor estabelece com sua progênie e que visam o seu desenvolvimento – comportamento parental.

As idéias de paternidade, segundo Bornstein e cols (1996), podem gerar o comportamento de cuidado ou mediar sua eficiência, ajudando a organizar o ambiente de criação dos filhos, uma vez que estas idéias afetam o senso dos pais de “self” e de competência. Além de, em um sentido mais amplo, contribuir para a continuidade da cultura, mediada pela transmissão de informações através das gerações. Os autores argumentam que o ideal de cuidado parental pode revelar modelos que ajudam a guiar os pais na interação com os filhos.

O estudo sobre as práticas de criação de crianças tem concentrado sua atenção sobre a definição de diferentes domínios, que incluem um conjunto de questões relacionadas ao ambiente de interação social (responsividade parental e vínculo entre os pais e a criança), ambiente didático (oportunidades de obter informações sobre questões fora do círculo familiar e de ampliar o repertório comportamental), e disciplina (aprendizado de algumas regras e normas para interação social) (Belsky, 1984; Bentley & Fox, 1991, Bornstein & cols, 1996). Bornstein e cols (1996) investigaram as idéias de mães, da Argentina, França e Estados Unidos, sobre seu próprio comportamento e de seu marido sob estes três domínios de interação com sua criança, presentes nas práticas diárias de criação, assim como qual seria o ideal de cuidado parental em cada um destes. Os autores constataram que as mães idealizam seu papel de modo similar entre culturas ocidentais e percebem-se mais sensíveis aos estímulos de sua criança, do que seus maridos.

O estudo sobre a participação do pai na interação com sua criança nos diferentes domínios – social, didático e disciplinar, foi estudado por Bornstein e cols (1996), levantando dados sobre a perspectiva materna. Este autor enfatiza que com as mudanças na organização da família, o pai passa a assumir um papel mais ativo na educação de sua criança e a se engajar em diferentes tipos de interação com ela. Ambos os progenitores

contribuem diretamente para o desenvolvimento infantil por modelar as experiências da criança em virtude de sua interação com ela, assim como, o comportamento de cuidado pode ser estimulado e modelado por meio do impacto que assume a sua interação com o parceiro. A percepção materna sobre a participação do seu marido na criação dos filhos oferece indiretamente alguns aspectos do suporte fornecido pelo pai e a satisfação da mãe com este. Contudo, a percepção paterna sobre seu próprio comportamento também merece atenção, uma vez que permite ao pai avaliar em que medida o seu comportamento se aproxima ou desvia do padrão que ele considera ideal.

A presente pesquisa procurou investigar as idéias de jovens adultos com e sem filhos sobre o comportamento paterno em três domínios de interação com sua criança: social, didática e disciplina por meio de Escala de Estilo Paterno, elaborada por Bornstein e cols (1996). Teve como objetivo de identificar alguns padrões sociais implícitos de paternidade e diferenças entre homens e mulheres sobre a percepção do comportamento paterno e o ideal e real e as principais práticas expectativas parentais.

A apreciação do comportamento parental, para uma possível identificação das diferenças e semelhanças presentes no diversos contextos sociais, é mais bem amparada quando realizada por meio de instrumentos compartilhados entre grupos de pesquisa. Isto possibilita a discussão integrada de domínios comuns de investigação na interação pais-criança. Contudo, é possível que alguns aspectos possam ser priorizados em detrimento de outros, por ser o instrumento construído sobre o conhecimento de um contexto histórico e ecológico específico.

3.Objetivos

3.1. Geral:

- 1) Descrever qual a percepção de jovens adultos com e sem filhos do comportamento paterno e das atribuições da paternidade;
- 2) Identificar as principais práticas e expectativas de pais e mães com relação aos filhos.

3.2. Específico:

- ↓ Descrever como jovens estudantes percebem o desempenho paterno atual;
- ↓ Descrever como pais e mães avaliam o desempenho paterno real;
- ↓ Descrever como jovens estudantes ponderam ser o comportamento paterno idealizado;
- ↓ Descrever como pais e mães ponderam ser o comportamento paterno ideal;
- ↓ Identificar dissonâncias entre o ideal e real de paternidade assinalado por jovens estudantes;
- ↓ Identificar dissonâncias entre o ideal e real de paternidade assinalado por pais e mães;
- ↓ Verificar as expectativas comportamentais de pais e mães com relação a seus filhos;
- ↓ Identificar as diferentes valorizações nas práticas parentais de pais e mães;

4. MÉTODO

A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e a aplicação de uma escala de estilo paterno, conforme será descrito a seguir:

4.1. Participantes:

Participaram deste estudo 202 jovens universitários sem filhos, igualmente divididos entre os sexos e 30 casais com pelo menos um filho na faixa etária de 3 à 6 anos¹².

Os estudantes foram convidados a participar da pesquisa durante o período de curso de aula (matutino, vespertino ou noturno), para tal foi solicitado previamente ao professor responsável e a unidade de ensino a autorização e tempo de 20 minutos para a realização dos procedimentos. Os alunos não possuíam nenhum vínculo com as famílias posteriormente entrevistadas. A idade dos estudantes variou de 17 a 45 anos e a média ficou em 22 anos e quatro meses ($M=22,29 \pm 3,8$); verifica-se, conforma a tabela 1, na amostra estudada que 79,1% dos participantes estão na faixa etária de 20 a 25 anos (160 estudantes).

¹² A faixa etária das crianças foi estabelecida como um critério de inclusão na amostra por representar a possibilidade da interação pai-criança descrita nos itens da Escala de Estilo Paterno (como exemplo: ajudar a criança a aprender a falar melhor; atender as necessidades do dia-a-dia, dar a criança tempo para ela ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma, entre outras)

Tabela 1: Distribuição da frequência e do percentual dos estudantes segundo a faixa etária.

Idade	Frequência	Percentual	
17	2	1%	
18	8	4%	11,9%
19	14	6,9%	
20	38	18,8%	
21	40	19,8%	
22	36	17,8%	79,1%
23	19	9,4%	
24	15	7,4%	
25	12	5,9%	
Acima de 25 anos	18	8,9%	8,9%

Os estudantes eram provenientes, em sua maioria, do estado de Santa Catarina (65,8%). Deste total, 39,1% era da região metropolitana de Florianópolis e 26,7% do interior do estado. Os demais participantes eram provenientes da região Sul (7,9% do estado Rio Grande do Sul e 4,5% do Paraná) e Sudeste (11,4% do estado de São Paulo) do Brasil. Somente em 10,4% da amostra os estudantes asseveraram serem provenientes de diferentes estados como: Mato Grosso, Goiás, Pernambuco, Pará e Distrito Federal. Foi constatado que atualmente 97% dos estudantes afirmam residir no núcleo da região metropolitana de Florianópolis¹³

Os estudantes estavam matriculados em diferentes cursos da Universidade Federal de Santa Catarina os quais foram concentrados nos Centro Sócio Econômico (41,6% estudantes) em cursos como: Administração e Direito; Centro de Filosofia e Humanas (16,8%), nos cursos de História e Ciências Sociais; Centro Tecnológico e Científico

¹³ O núcleo da região de Florianópolis é composto pelos seguintes municípios: Águas Mornas, Antônio Carlos, Biguaçu, Florianópolis, Governador Celso Ramos, Palhoça, Santo Amaro da Imperatriz, São José, São Pedro de Alcântara. Estes têm como característica grande fluxo de pessoas e proximidade.

(11,4%), nos cursos de Engenharia; Centro de Educação (6,4%), no curso de Pedagogia e no Centro de Ciências Biológicas (5,4%), no curso de Biologia.

As famílias foram escolhidas aleatoriamente a partir de prontuários de uma Unidade de Saúde da Grande Florianópolis (Posto de Saúde), sendo que para a amostra estabelecida foi dada prioridade a famílias intactas, ou seja, que morassem sobre o mesmo domicílio, não necessariamente casados legalmente, mas que fossem constituídas de mulher, marido e filhos. As mães e pais deveriam ser maiores de 18 anos e seus filhos não possuísem nenhuma deficiência auditiva, visual ou mental identificável.

Um total de 30 casais, com pelo menos um filho na faixa etária de 3 a 6 anos, participou desta pesquisa. Os casais em sua maior parte possuíam uma média de 2 filhos ($2,06 \pm 1,27$), sendo que 56,7% ($n = 17$) dos casais estavam dentro desta média, 26,7% ($n = 8$) tinham 1 filho e 16,7% três ou mais filhos ($n = 5$). O tempo da união dos casais variou de 2 a 22 anos e a média ficou entre 11 anos e dois meses ($M=11,15 \pm 4,79$).

Os pais eram provenientes de modo geral do estado de Santa Catarina (80% $n=48$), sendo que um percentual de 51,3% ($n = 31$) da cidade de Florianópolis e 28,3% ($n=17$) do interior do estado, como pode ser observado na tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Distribuição dos participantes homem e mulheres com filhos segundo a origem.

Procedência	Pai	Mãe	Total
Florianópolis	16	15	31
Interior do estado de Santa Catarina	6	12	17
Rio Grande do Sul	4	2	6
Paraná	2	1	3
Outros estados	2	0	2
Total	30	30	60

A idade dos participantes variou de 19 a 48 anos e a média entre os homens/pais ficou em trinta e quatro anos e onze meses (Média=34,90 ± 7,20), das mulheres/mães em trinta e dois anos e seis meses (Média=32,50 ± 7,28). Entre as mulheres predominou no nível médio (n=12), assim o escore de escolaridade¹⁴ delas ficou em média 3,70 ± 1,98. O escore dos homens foi em média 3,43 ± 2,17; este variou mais que o das mulheres, destacando-se o fato que 13 homens possuem o nível fundamental, conforma tabela 3.

Tabela 3: Média de idade dos participantes e distribuição segundo escolaridade.

	Mãe (n=30)		Pai (n=30)		Df	t
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão		
Idade	32,50	±7,28	34,50	±7,20	58	1,284
Escolaridade						
1º Grau Incompleto	7		10			
1º Grau Completo	2		3			
2º Grau Incompleto	3		1			
2º Grau completo	9		5			
Superior Incompleto	1		5			
Superior Completo	6		3			
Pós-graduação	2		3			
Escolaridade	3,70	±1,98	3,43	±2,17	58	0,496

7

Os homens apresentaram maior escore ocupacional¹⁵ (M=4,83 ± 2,54); comparado com as mulheres (M=3,70 ± 3,27); destaca-se que 15 mulheres apresentaram escore 1 para ocupação, como pode ser verificado na tabela 4, a seguir:

¹⁴ Os critérios de calculo do escore de escolaridade será descrito na sessão **4.4.1 status socioeconômico** (instrumentos).

¹⁵ Os critérios de calculo do escore ocupacional será descrito na sessão **4.4.1 status socioeconômico** (instrumentos).

Tabela 4: Média do escore ocupacional de homens e mulheres e da família nuclear.

	Mãe (n=30)		Pai (n=30)		<i>df</i>	<i>t</i>
	Média	Desvio Padrão	Média	Desvio Padrão		
Média do escore Ocupacional:	3,70	3,27	4,83	2,54	58	1,497
Escore ocupacional:						
1	15		2			
2	1		5			
3	3		3			
4	0		7			
5	1		0			
6	1		4			
7	2		4			
8	3		1			
9	4		4			
HI individual	29,60	20,9	34,46	18,02	58	0,965
HI	32,03	±18,98				

O resultado do escore para ocupação descrito deve-se em parte pela escolha dos participantes ser realizada por meio dos prontuários de uma unidade de saúde. Os participantes que mantinham maior vínculo com esta instituição e com as agentes de saúde, de modo geral, são pessoas que dependem do sistema único de saúde, mostraram-se mais receptíveis e disponíveis para participar da presente pesquisa. Embora este dado não possa ser corroborado cientificamente, há indícios deste ao verificar que 11 famílias participantes têm renda média até R\$ 1000,00 reais e 10 entre R\$ 1001,00 a 2000,00 reais (n =10), como pode ser verificado na tabela 5.

Tabela 5: Distribuição das famílias participantes segundo a renda familiar.

Renda Média Familiar	Número de famílias
Até R\$ 500,00	2
De R\$ 500,00 a 1000,00	9
De R\$ 1001,00 a 1500,00	6
De R\$ 1501,00 a 2000,00	4
De R\$ 2001,00 a 2500,00	2
De R\$ 2501,00 a 5000,00	6
Acima de 5001,00	1

Na amostra de adultos com filhos não houve diferença significativa entre homens e mulheres com relação à escolaridade e a nível ocupacional. O escore de *status* social calculado por meio do catálogo de *status* social de quatro fatores de Hollingshead – HI (1975) variou de 8 a 66 e a média foi de $32,03 \pm 18,98$.

4.2. Caracterização do local:

A Unidade de Saúde, co-participante desta pesquisa, é atendida pelo Programa de Articulação Docente Assistencial, no qual alunos universitários desenvolvem atividades curriculares com o objetivo de estabelecer novas estratégias na formação dos profissionais de saúde em um novo modelo de assistência à saúde da família. No posto de saúde, mencionado são prestados serviços de Clínica Geral, Enfermagem, Pediatria e Ginecologia, onde são desenvolvidos os programas Capital Criança e Saúde na Família, além de atividades como: Vacinação, Teste do Pezinho, Preventivo do Câncer, etc. O posto atende a população no horário de 07:00 - 19:00 horas.

O Programa Saúde na Família (PSF) é uma política pública que tem por objetivo estabelecer vínculos e laços de compromisso e co-responsabilidade entre os profissionais de

saúde e a população, na busca de “a reorientação do modelo de assistência a partir da atenção básica, em conformidade com os princípios do Sistema Único de Saúde, imprimindo uma nova dinâmica de atuação nas unidades básicas de saúde, com definição de responsabilidades entre os serviços de saúde e a população” (Ministério da Saúde, 1997, p. 10).

4.3. Material:

Para a coleta de dados foram utilizados os seguintes equipamentos: gravador cassete, fitas de áudio, lápis e papel.

4.4 Instrumentos:

4.4.1. Questionário Sócio Econômico:

O nível sócio econômico foi estimado por meio do catálogo de *status* sócio econômico de quatro fatores (For Factor index of Social Status – HI) de August B. Hollingshead (1975). O instrumento elaborado por Hollingshead leva em consideração para estimar o *status* social do núcleo familiar a Educação, Ocupação, Sexo e *Status* Matrimonial. Os principais fatores para indicar status, neste instrumento, são a ocupação que o indivíduo se engaja e os anos de escola que ele ou ela completou. As informações coletadas são padronizadas em dois índices principais que possuem pesos diferentes. O

fator educacional que corresponde aos anos de estudo possui peso três e é estabelecido sobre uma escala de sete pontos, como segue:

Escolaridade:	Escore:
Primeiro Grau Incompleto	1
Primeiro Grau Completo	2
Segundo Grau Incompleto	3
Segundo Grau Completo	4
Superior Incompleto ou curso superior com duração inferior a 3 anos	5
Superior Completo (com duração igual ou superior a 4 anos)	6
Pós-Graduação (mestrado, doutorado)	7

O fator ocupacional corresponde ao trabalho que o indivíduo exerce para obter ganhos financeiros. Este possui peso 5 e é estabelecido em uma escala de 9 pontos, como segue:

Escala ocupacional:	Escore:
Altos executivos, proprietários de grandes negócios e profissionais de nível superior, ex: engenheiros, economistas, juizes, professores universitários, químicos, meteorologista, engenheiros astronômicos;	9
Administradores, proprietários de negócios de médio porte, profissionais diversos, ex: veterinários, arquivistas, administradores, enfermeiras (nível superior);	8
Donos de pequenos negócios, fazendeiros, profissionais menor, artistas, agrônomos, gerentes, operadores de sistemas computacionais;	7
Técnicos, semi-profissionais, pequenos negócios, vendedores, Secretários, fotógrafos;	6
Telefonistas, Caixas de banco, Contadores, Caixas, Recreadores;	5
Aeromoça, Encadernadores, Pedreiro, Balconistas, Policiais, Guardas, Zelador de Prédios;	4
Barbeiros, Trabalhadores que cuidam de criança, Cabeleireira / Esteticista, Ajudante de saúde, Soldados;	3
Garçons de bar, Vendedor ambulante, Monitor de escola, Office boys;	2
Faxineiras / Arrumadeiras, Lavadeiras, Dona de casa, Motorista de caminhão, Zelador.	1

O escore do status sócio econômico de um indivíduo ou de uma unidade de família nuclear é estimado por meio do status educacional e ocupacional. Este escore é calculado multiplicando o valor da escala de ocupação por cinco e o valor para a escala de educação por três, o escore total é obtido pela soma dos escores educacional e ocupacional com seus pesos. Quando ambos os cônjuges exercem atividade remunerada, o *status* da família nuclear é dado pela média entre o escore do marido e da esposa (Hollingshead, 1975).

4.4.2. Escala de Estilo Paterno:

A escala (anexo 1) é um instrumento elaborado por Bornstein e colaboradores (1996) para mensurar como a mãe compreende maternagem real e ideal e paternagem real e ideal. Este foi adaptado por Maria Lucia Seidl de Moura e Rodolfo Ribas Jr. da Universidade do Rio de Janeiro com a utilização de um procedimento chamado *back-translation*, em que os originais foram traduzidos para o português e as versões em português foram re-traduzidas para o inglês para comparações entre as duas versões originais e retraduições. As discrepâncias entre as versões originais e re-traduições conduziram a reformulações de versões em português. O questionário foi, ainda, testado sistematicamente por uma estratégia de Teste-Reteste que consistiu na aplicação, em uma mesma amostra composta de participantes bilíngües, das versões originais e traduções dos instrumentos dentro de um intervalo de uma semana, sobre este foi realizado o cálculo de correlação entre as respostas obtidas em cada item da versão originais e correspondentes obtidas na versão em português, o índice de correlação foi de 0,77. Além disso, o questionário foi testado em uma amostra de 150 mães (entre 18 e 64 anos) com diferentes

níveis de escolaridade, com índice de correlação de 0,79. Os resultados destes procedimentos atenderam os critérios estatísticos de confiabilidade (Seidl de Moura & Ribas Jr., 2003 material não publicado).

Os instrumentos adotados (Escala de Estilo Materno e Estilo Paterno), originais cedidos por Seidl de Moura, são constituídos de um conjunto de quatro escalas, cada uma com 17 itens: estilo materno real (A1) e ideal (B1) e estilo paterno real (A2) e ideal (B2), previstos para serem aplicados somente com mães, desta forma as duas escalas de maternagem foram modificadas e adaptadas às instruções iniciais para que estas possam ser aplicados a estudantes e a casais para medir somente o estilo paterno de cuidado, ou seja, não se utilizou a escala para medir maternagem. O principal motivador destas alterações foi delimitar o estudo somente ao comportamento paterno e adequar a concordância nominal das escalas para cada grupo investigado.

As escalas A1 e B1 foram aplicadas em pais/homens com filhos e as escalas A2 e B2 para mães com filhos. Nas escalas, aplicadas em homens/pais, correspondente aos itens A1 e B1 as afirmativas são na primeira pessoa do singular, ex. ‘Eu passo um tempo brincando com minha criança’ ou ‘Para mim, o ideal seria eu passar um tempo brincando com minha criança’ e, nas escalas, aplicadas com mães, A2 e B2 na terceira pessoa do singular, nomeado pai, ex. ‘O pai da minha criança passa um tempo falando ou conversando com nossa criança’ ou ‘Para mim, o ideal seria o pai passar um tempo falando ou conversando com nossa criança’. As afirmativas (itens da escala) e a avaliação numérica (1 a 5) não foram alteradas.

As escalas, aplicadas a estudantes (anexo 4), correspondentes aos itens A2 e B2, foram modificadas. Na escala A2 as afirmativas foram adaptadas para que adquirissem um tom generalista e que os estudantes pudessem atribuir uma avaliação de como eles

consideram *‘ser o padrão comportamental que melhor descreve a conduta do pai na relação com seus filhos, ou seja, de um modo geral, características típicas do pai dos dias de hoje’* e não tomassem como referência o próprio pai, assim estas foram alteradas do seguinte modo: *‘De modo geral o pai dispõe um tempo brincando com sua criança’* ou *‘De modo geral o pai responde de forma rápida e positiva quando sua criança quer atenção’*. Na escala B2 as afirmativas foram construídas para que os estudantes descrevessem o que eles consideram *‘ser o comportamento ideal para o pai de uma criança’*, do seguinte modo: *‘Para mim, o ideal seria o pai passar algum tempo falando ou conversando com sua criança’* ou *‘Para mim, o ideal seria o pai chamar a atenção da sua criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada’*. Os estudantes, eram instruídos a atribuir a cada declaração da escala uma avaliação de 1 à 5, representativa do grau de concordância com as afirmativas apresentadas. A nota 1 quer dizer *‘discordo totalmente’*; nota 2 *“discordo parcialmente”*; nota 3 *“não concordo nem discordo”*; nota 4 *“concordo parcialmente”* e nota 5 quer dizer *“concordo totalmente”*.

As escalas, aplicadas com os estudantes e os casais, possuem afirmativas que englobam as mesmas qualidades e comportamentos paternos e que são agrupadas em três subescalas: didática, interação social e disciplina.

Escalas

Estilo Paterno Ideal: Esta escala possibilita o levantamento de dados a respeito da percepção dos participantes sobre quais as principais qualidades e comportamentos que um pai deveria apresentar em situações e posições específicas em relação a sua criança. Nesse sentido, delimita qual seria o padrão comportamental ideal de um pai.

Estilo Paterno Real: Esta escala permite investigar como são percebidos os comportamentos do pai, por meio da descrição do *padrão cultural real*, ou seja, como os comportamentos do pai podem variar dentro da população estudada. O padrão cultural real representa uma série limitada de comportamentos dentro do qual as ações de um indivíduo, em uma determinada situação, podem ser antecipados/previstos por outros membros da sociedade (Linton, 1967).

Subescalas

Aspectos Didáticos: afirmativas que mostram estratégias e situações corriqueiras que o pai pode utilizar para proporcionar à criança oportunidades de desenvolver e refinar o repertório comportamental. Esta subescala chama a atenção para a importância de aspectos cotidianos no processo de desenvolvimento infantil e de aprendizagem, que estimulam a criança para a consciência de propriedades, objetos e eventos no ambiente fora da díade, tais como, oferecer uma variedade de brinquedos, proporcionar experiências sociais e interativas diversificadas, brincar com a criança, permitir que a criança explore o mundo a sua volta com um certo grau de segurança, oferecer um ambiente estruturado e manter-se flexível a respeito das expectativas comportamentais (Bornstein & cols, 1996).

Aspectos Sociais: afirmativas referentes à importância de perceber quais são as necessidades da criança e respondê-las de maneira adequada. Os itens referentes a esta subescala descrevem situações importantes para o estabelecimento de uma relação de confiança entre pai e filho(a); como, por exemplo, despender algum tempo conversando

com a criança, dar mostras positivas de afeto e atenção, assim como estar atento ao que a criança quer ou está sentindo. Estes caracterizam interações de troca entre a díade pai-criança e envolvem sensibilidade e responsividade paterna (Bornstein & cols, 1996).

Aspectos Disciplinares: afirmativas que colocam em questão a aprendizagem de algumas convenções e regras para a criança na interação social. Com a intenção de estabelecer na figura paterna uma das referências para ensinar a criança aspectos que a possibilitem discernir entre o certo e o errado. Por exemplo, chamar atenção da criança diante do mau comportamento (Bornstein & cols, 1996).

Tabela 6: Distribuição dos comportamentos pelas suas subescalas de estilo paterno.

Subescalas:	
Aspectos Didáticos	<ul style="list-style-type: none"> • Atividades fora de casa • Oportunidade de refinar o idioma • Variedade de brinquedos • Paciência com mau comportamento • Experiências sociais e interativas diversificadas • Ambiente previsível, organizado e estruturado • Brincar com a criança • Explorar o ambiente independentemente • Flexibilidade sobre as expectativas comportamentais
Aspectos Sociais	<ul style="list-style-type: none"> • Despender tempo conversando com a criança • Mostras positivas de afeto e atenção • Responder prontamente à criança • Estar atento aos sentimentos da criança • Rápido <i>feedback</i> à demanda de atenção • Rápido <i>feedback</i> ao desconforto
Aspectos Disciplinares	<ul style="list-style-type: none"> • Dar ênfase à importância de seguir regras • Prover disciplina

Na Escala de Estilo Materno prevê-se a aplicação de perguntas adicionais referentes ao tempo que a mãe dispõe para ficar com sua criança, a atividades doméstica e a importância que a mãe atribui a sua participação no desenvolvimento infantil. As perguntas adicionais também serão utilizadas com os casais. No entanto, será adequada para estimar o Estilo Paterno de cuidado (ver anexo 3).

4.4.3. Entrevista semi-estruturada:

A entrevista semi-estruturada, elaborada para a presente pesquisa, é um instrumento desenvolvido por Miller e Harwood (2001), adaptado por grupo de estudos coordenado pela Prof^a. Dr^a. Maria Lucia Seidl de Moura da Universidade do Rio de Janeiro e seu objetivo é identificar qual são as metas de socialização e as principais práticas parentais.

Incluem as seguintes perguntas abertas, feitas individualmente à mãe e ao pai:

1. Que qualidades você gostaria que seu filho(a) tivesse como adulto (como você gostaria que ele fosse quando adulto)?
2. O que você acha que é necessário para que ele(a) desenvolva essas qualidades?
3. O que você acha que você precisa fazer para que ele(a) desenvolva essas qualidades? Qual seria o seu papel?

4.5. Procedimento:

4.5.1. Coleta de dados

A aplicação da escala de estilo paterno, com os estudantes, foi realizada coletivamente durante curso de aula (matutino, vespertino ou noturno). O espaço para isto foi solicitado previamente ao departamento de ensino e ao professor responsável. As instruções e o termo de consentimento livre esclarecido¹⁶ eram lidas em voz alta pela pesquisadora. Cada aluno respondeu individualmente a escala de estilo paterno (ideal e real) e a questões referentes a informações gerais da amostra (idade, sexo, origem, cidade de residência, estado civil, se possui ou não filho). Os estudantes que possuíam filhos eram excluídos deste grupo.

As famílias cadastradas em Unidade de Saúde da Grande Florianópolis eram contatadas e questionadas sobre a sua disponibilidade de participar da presente pesquisa, como as famílias que concordaram foi dado início a coleta dos dados. Esta foi realizada em visita domiciliar com as mães e com os pais. A primeira visita era realizada na companhia de um agente de saúde, vinculado ao posto citado anteriormente, nesta a pesquisadora solicitou ao participante data para posterior entrevista. O contato inicial foi realizado com o familiar que estava disponível. A segunda visita destinava-se à aplicação de questionário sócio-econômico, entrevista semi-estruturada e escala de estilo paterno com a mãe e com o pai individualmente (não era necessária aplicação em mesma data com o pai e a mãe). O

¹⁶ O termo de consentimento livre esclarecido (TCLE) dos estudantes era assinado em uma folha contínua (como uma lista de presença), ou seja, todos os estudantes de uma sala assinavam uma mesma folha. Para cada estudante era entregue uma versão impressa do TCLE. Este procedimento foi adotado para assegurar ao participante o anonimato de sua participação.

número de visitas dependeu da conclusão de todas as etapas previstas no procedimento (aplicação de questionário sócio econômico, escala de estilo paterno e entrevista semi-estruturada com o pai e com a mãe). Nas famílias em que, por motivo diverso, não foi possível realizar a primeira visita na companhia da agente de saúde era obtido, por meio de prontuário de acompanhamento de saúde, endereço e contato telefônico. Nestes casos, a pesquisadora realizou o primeiro contato por meio de ligação telefônica em que era solicitada data para uma futura visita.

A pesquisadora leu o termo de consentimento livre esclarecido, as instruções e as afirmativas para todos os casais participantes, independente de seu grau de instrução. Para aqueles que possuíam alfabetização era disponibilizada uma versão impressa para, se fosse de seu desejo, acompanhar a leitura da escala. Este procedimento possibilitou a pesquisadora prestar esclarecimentos, quando necessário, sobre quaisquer itens que os participantes expressassem dificuldades na sua compreensão.

Todos os procedimentos adotados foram aprovados por uma comissão de ética em pesquisa com seres humanos, locada na Universidade Federal de Santa Catarina, sob o projeto de número 206/06 com parecer que data de 07/06/2004, resoluções 196/96 e 251/97.

4.6. Análise:

Os dados foram padronizados e comparados utilizando o pacote estatístico SPSS-10. Para análise de inferência dos dados foram utilizados testes paramétricos (*Paired Samples t test e Independent Samples t test*) utilizados para verificar se há diferença significativa entre

ideal e real; e entre homens/pais e mulheres/mães, respectivamente. Para comparar os diferentes grupos, estudantes e pais, foi utilizado ANOVA multivariada. As diferenças foram consideradas significativas quando o nível de significância (p) era igual ou menor que 0,05 e admitiu-se tendência quando (p) foi de 0,06 a 0,10.

Na entrevista semi-estruturada foi realizada a análise de conteúdo em que se buscou identificar categorias de análise construídas por Miller e Harwood (2001).

A **Questão 1** envolveu categorias para a análise de aspectos sociais de interação que são descritas nas dimensões: *individualista* e *sociocêntrica*, e categorias de análise referentes as expectativas dos progenitores para os principais comportamentos da criança:

1. *Auto-aperfeiçoamento* – preocupação com que a criança torne-se auto-confiante e independente, e que desenvolva totalmente seus talentos e capacidades como indivíduo.
2. *Auto-controle* – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar impulsos negativos de ganância, agressão ou egocentrismo.
3. *Emotividade* – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros, e que seja amada.
4. *Expectativas sociais* – preocupação com que a criança atenda a expectativas sociais de ser trabalhador, honesto e seguidor das leis.
5. *Bom comportamento* - preocupação com que a criança se comporte bem, se dê bem com os outros, e desempenhe bem papéis esperados (bom pai, boa mãe, boa esposa, etc.), especialmente relação à família.

A **Questões 2 e 3** foram classificadas em termos de possíveis estratégias de ação:

1. *Centradas em si*: - ser modelo ou oferecer modelos, disciplinar, aconselhar, ensinar por demonstração ou participação;
2. *No contexto*: oferecer boas oportunidades sociais; dar educação de qualidade, etc.

As questões 2 e 3 foram ainda analisadas nas dimensões: *afetiva* (dar amor, carinho, proteção) versus *cognitiva* (modelos, ensinar, dar conselhos).

5. RESULTADOS:

5.1. Apresentação dos dados coletados por meio da Escala de Estilo Paterno entre os estudantes.

5.1.1.Subescalas de Estilo Paterno Ideal:

Houve diferença significativa na comparação entre estudantes homens e mulheres no que diz respeito aos aspectos didáticos do comportamento paterno ideal. As mulheres foram significativamente mais concordantes do que os homens com as afirmativas referentes a esta subescala ($t = -2,037$ $gl = 200$; $p = 0,043$). Em relação aos aspectos sociais e disciplinares do comportamento paterno ideal não houve diferença significativa entre estudantes homens e mulheres. Contudo, foi identificada tendência de as mulheres serem mais concordantes nas afirmativas correspondentes a estas subescalas ($t = 1,771$; $gl = 200$; $p=0,078$ para subescala social e $t = 1,772$; $gl = 200$; $p=0,078$ para subescala disciplina).

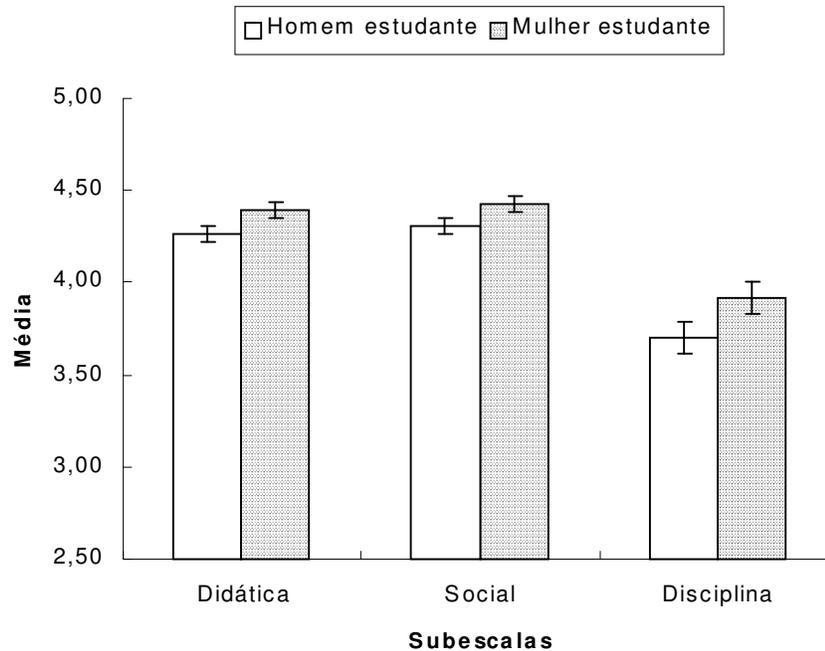


Figura 3: Média (\pm EPM) do grau de concordância atribuído pelos estudantes para o estilo paterno ideal em cada uma das subescalas

5.1.2. Subescalas de Estilo Paterno Real:

Em relação à percepção dos estudantes sobre o comportamento real do pai atual não houve diferença entre homens e mulheres. Os estudantes apresentaram dificuldades em definir precisamente o padrão comportamental do pai nos dias de hoje, uma vez que o grau de concordância médio foi de $M=3,09$; o que denota não concordar nem discordar das afirmativas da escala de Estilo Paterno Real.

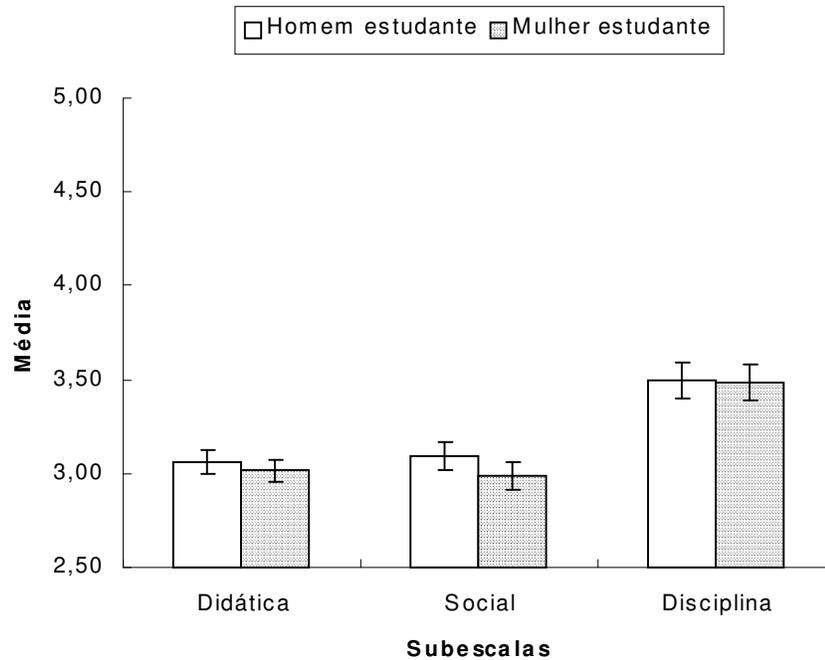


Figura 4: Média (\pm erro padrão da média) do grau de concordância atribuído por estudantes para a escala de Estilo Paterno Real em cada uma das subescalas.

5.1.3. Escala de Estilo Paterno Ideal e Real

Na escala de estilo paterno ideal pode-se verificar que as mulheres apresentaram média de concordância significativamente maior que os homens ($t=-2,495$; $gl=200$; $p=0,013$), sendo que o inverso ocorreu com relação à escala de estilo paterno real, em que os homens apresentaram uma média ligeiramente maior, não obstante esta não seja significativa ($t=0,785$; $gl=200$; $p=0,434$).

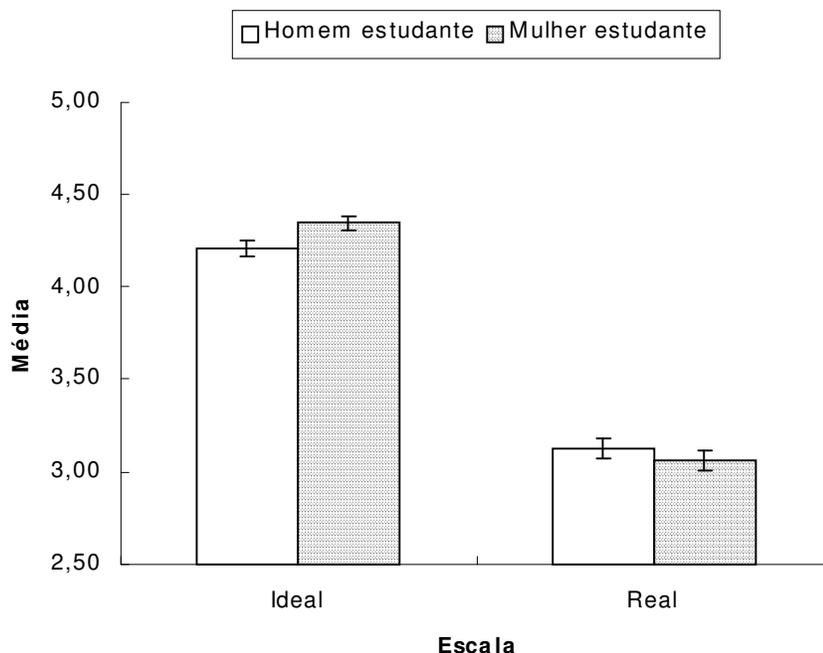


Figura 5: Média (\pm EPM) do grau de concordância atribuído por estudantes nas escalas Estilo Paterno Ideal e Real.

5.1.4. Discrepância entre as Subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.

Para estimar como os estudantes percebem a diferença entre o Ideal e o Real para o comportamento paterno, foi calculado o escore/índice de discrepância. Este é obtido na subtração do grau de concordância para as subescalas do Estilo Paterno Ideal menos o grau de concordância das subescalas de Estilo Paterno Real, em que índice próximo a zero indica menor discrepância. Em relação a este índice, foi verificado que às mulheres apresentam um escore maior que os homens em todas as subescalas, ou seja, estas percebem uma maior distância entre o Ideal e o Real do comportamento paterno, no qual se verifica tendência nas subescalas Didática ($t=-1,716$; $gl=200$; $p=0,088$) e Interação Social

($t=-1,857$; $gl=200$; $p=0,065$), mas não para a subescala Disciplina ($t=-1,180$; $gl=200$; $p=0,239$).

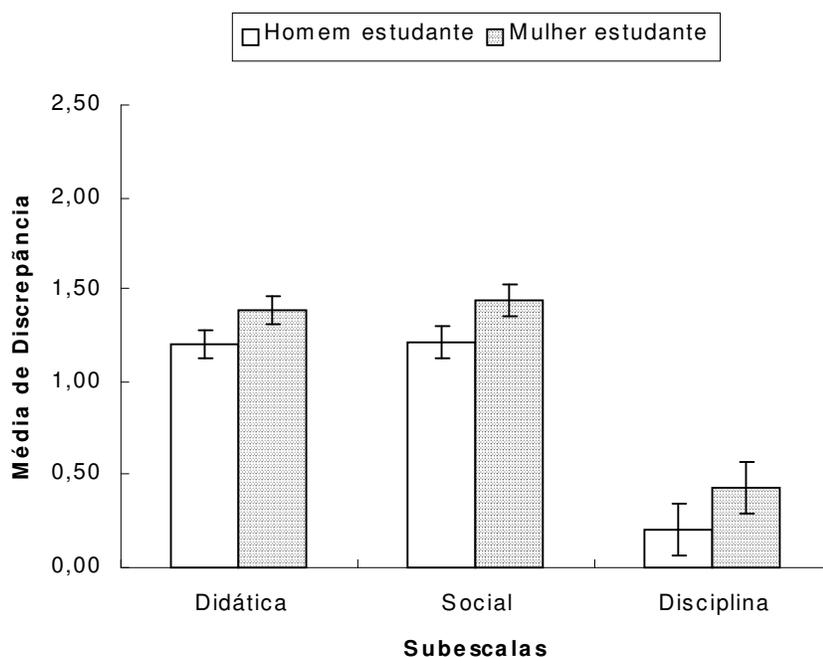


Figura 6: Índice de discrepância (\pm EPM) dos estudantes calculado por meio da diferença entre o grau de concordância das subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.

A diferença entre as escalas de estilo paterno Ideal e Real foi estimada por meio do Teste “t” para Medidas Pareadas. Na análise estatística dos dados foi possível verificar que para os estudantes homens existe diferença significativa entre o padrão comportamental do pai dos dias de hoje – Escala de Estilo Paterno Real e o que eles consideram ser o comportamento Ideal para pai de uma criança – Escala de Estilo Paterno Ideal ($t_{100}=16,594$, $p=0,000$). Na análise estatística das subescalas foi constatado que para os homens as afirmativas que colocam em questão a aprendizagem de algumas convenções e regras para

a criança na interação social e a figura paterna referência de “autoridade” para ensinar a criança, ou seja, na subescala Disciplina, não há diferença significativa entre o Real e o Ideal ($t_{100}=1,335$, $p=,0,185$), mas há nas subescalas Didática ($t_{100}=17,143$, $p=0,000$) e Interação Social ($t_{100}=14,554$, $p=0,000$). No caso das mulheres há diferença significativa entre o que elas consideram ser o Ideal e o Real para o comportamento paterno em todas as subescalas: a) Didática ($t_{100}=18,019$, $p=0,000$), b) Interação Social ($t_{100}=16,939$; $p=0,000$) e c) Disciplina ($t_{100}=3,626$; $p=0,000$), assim como para as escalas estilo paterno Ideal e Real.

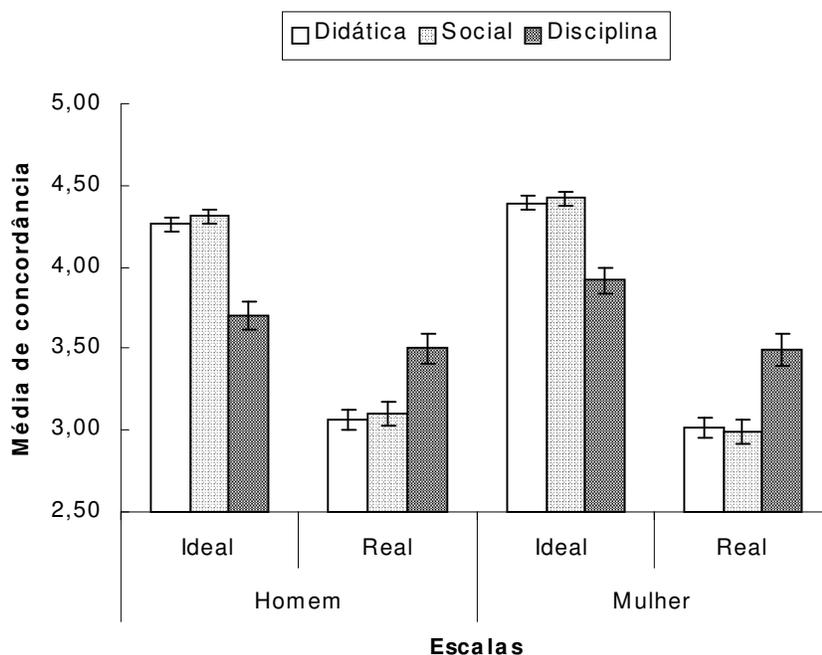


Figura 7. Média (\pm EPM) do grau de concordância atribuído por estudantes em cada uma das subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.

Em síntese, entre os estudantes, existe diferença significativa na concepção de homens e mulheres sobre o que seja o comportamento ideal para o pai de uma criança, mas não na percepção do comportamento real expresso, uma vez que estes apresentaram

dificuldades em estimar qual seria o comportamento real do pai nos dias de hoje. A diferença é significativa na subescala didática e aparece como tendência nas subescalas social e disciplina. Para ambos os sexos o comportamento ideal é diferente do real expresso nas subescalas Didática e Interação Social. Na subescala Disciplina esta diferença existe para as mulheres, mas não para os homens.

5.2. Apresentação dos resultados coletados por meio da escala de estilo paterno com os adultos com filhos:

5.2.1. Subescalas de Estilo Paterno Ideal:

Na análise das subescalas de estilo paterno ideal, aplicada em adultos com filhos, verificou-se que a mãe e o pai possuem percepções semelhantes sobre quais são as atividades ideais para a interação pai-criança. O teste “t” para medidas independentes não identificou diferença significativa entre as respostas de pais e mães para nas subescalas Didática ($t=1,065$; $gl=58$; $p=0,291$), Interação Social ($t=0,774$; $gl=58$; $p=0,442$) e Disciplina ($t=0,727$) Ideal.

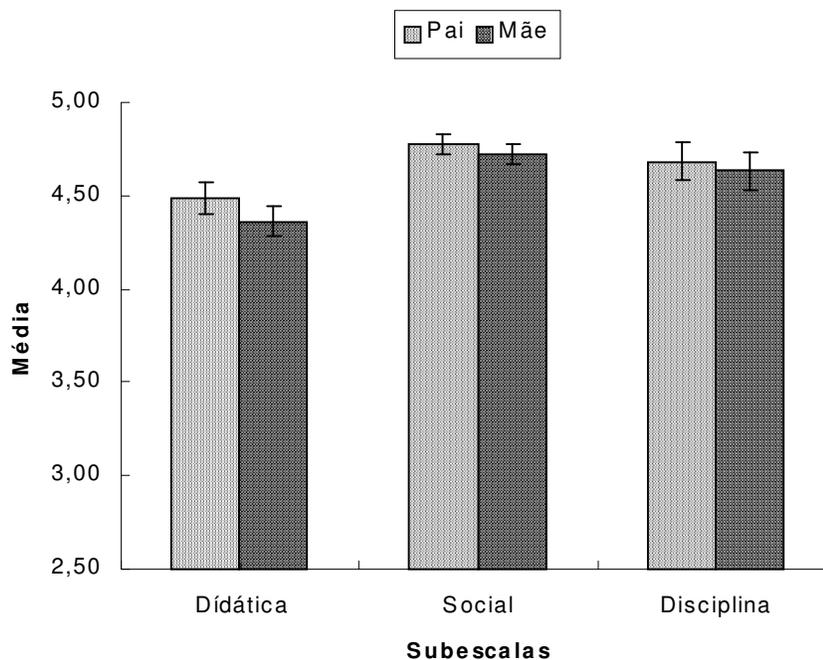


Figura 8: Média (\pm EPM) das respostas apresentadas pelos progenitores para dada uma das subescalas de Estilo Paterno Ideal.

5.2.2. Subescalas de Estilo Paterno Real

As subescalas de estilo paterno real permitiram investigar como são percebidos os comportamentos do pai, por ele mesmo e por sua esposa, na sua interação com seu(s) filho(s). A percepção de homens sobre seu comportamento é mais favorável que a das mulheres, ou seja, eles afirmam que frequentemente ou sempre realizam os comportamentos descritos nestas subescalas. Por meio da análise dos dados foi identificada a tendência significativa a diferença na percepção de homens e mulheres de comportamentos que descrevem estratégias e situações corriqueiras que o pai pode utilizar para proporcionar à criança oportunidades de desenvolver e refinar o repertório

comportamental que são apresentados na subescala Didática ($t=1,868$; $gl=58$; $p=0,067$), esta tendência não se repete em relação as subescalas de Interação Social ($t=1,101$; $gl=58$; $p=0,276$) e Disciplina ($t=1,438$, $gl=58$; $p=0,156$).

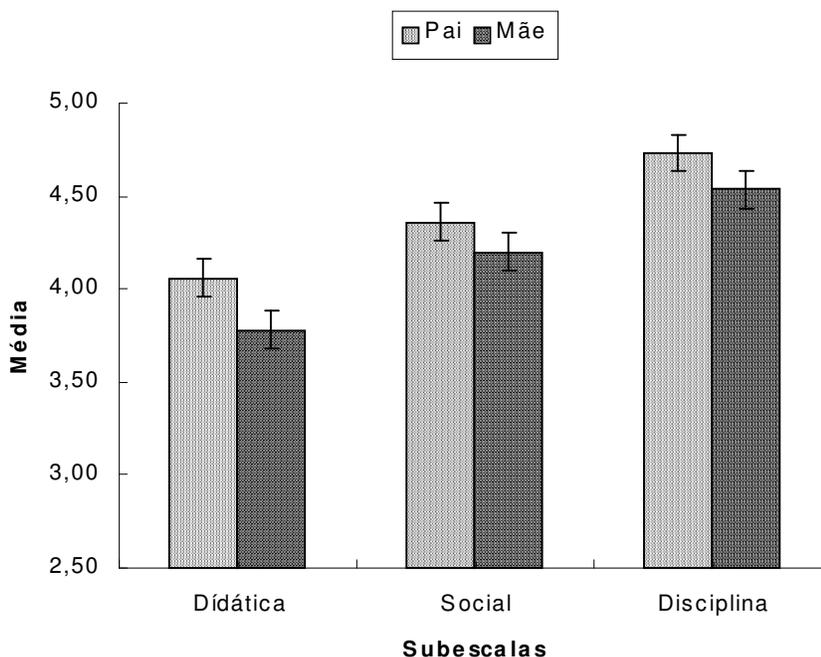


Figura 9: Média (\pm EPM) atribuída por pais e mães a Escala de Estilo Paterno Real em cada uma das subescalas.

5.2.3. Escala de Estilo Paterno Ideal e Real

A análise da escala de estilo paterno ideal indica que pais e mães possuem idéias semelhantes para o que eles consideram ser as principais qualidades e comportamentos que um pai deveria apresentar em situações e posições específicas em relação a sua criança ($t=1,156$; $gl=58$; $p=0,253$). Contudo, em relação à escala de estilo paterno real existe uma

tendência a percepção deles ser diferente, ou seja, os homens percebem uma participação um pouco mais freqüente quando comparado com as mulheres ($t=1,893$; $gl=58$; $p=0,063$).

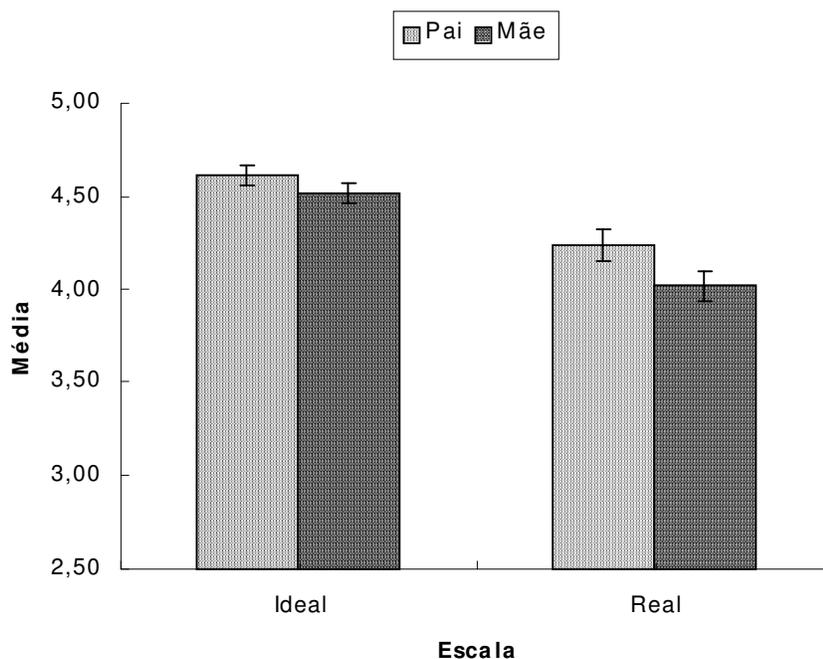


Figura 10: Média (\pm EPM) das respostas apresentadas nas Escala de Estilo Paterno Ideal e Real por pais e mães.

5.2.4. Discrepância entre a Escala de Estilo Paterno Ideal e Real:

Para estimar como o pai e a mãe percebem a diferença entre o Ideal e o Real para o comportamento paterno, foi calculado o escore/índice de discrepância. Assim foi possível verificar que para a percepção das mães/mulheres existe uma maior diferença entre o ideal e real de comportamento paterno quando comparado com os homens. Contudo, de modo geral o escore da discrepância entre o ideal e real entre os homens e mulheres não é

significativa nas subescalas Didática ($t=-1,032$; $gl=58$; $p=0,306$), Interação Social ($t=-0,7919$; $gl=58$; $p=0,475$) e Disciplina ($t=-0,749$; $gl=58$; $p=0,457$) para a amostra estudada. Destaca-se que na subescala Disciplina os homens consideram que o ideal seria menor que o real apresentado, ou seja, esta já é uma atividade realizada por eles e que nem sempre é percebida como ideal para a interação pai-criança.

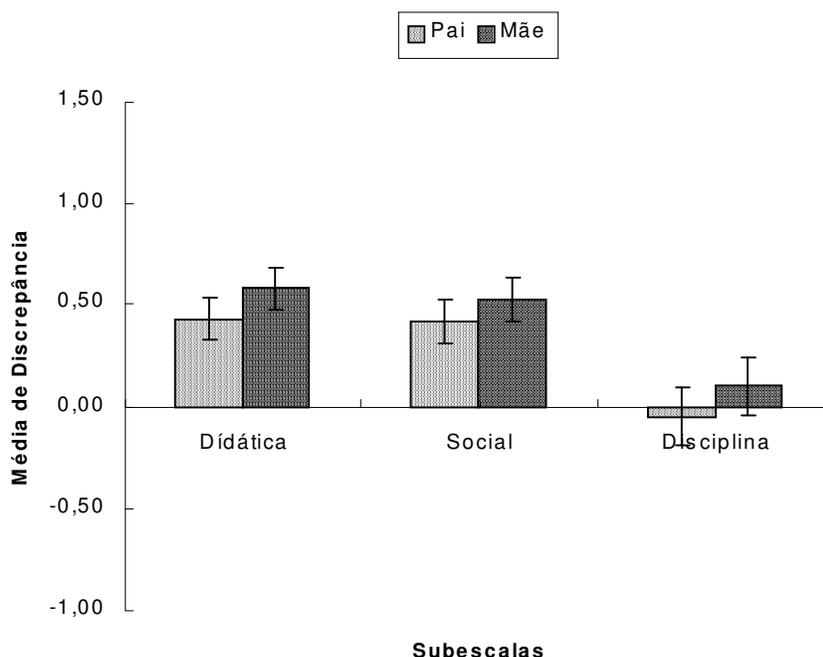


Figura 11: Média (\pm EPM) do cálculo da discrepância entre a escala de estilo paterno Ideal e Real de pais e mães.

A diferença entre as escalas de estilo paterno Ideal e Real foi estimada também por meio do Teste T para Medidas Pareladas. Nesta análise estatística foi identificado o mesmo padrão para homens e para mulheres. Tanto para os pais como para as mães foi identificada uma diferença significativa e entre o ideal e o real nas subescalas Didática (homens –

$t_{29}=4,813$; $p=0,000$ / mulheres – $t_{29}=4,973$; $p=0,000$) e Interação Social (homens – $t_{29}=5,195$; $p=0,000$ / mulheres – $t_{29}=4,247$; $p=0,000$), mas não para a subescala Disciplina (homens – $t_{29}=-0,432$; $p=0,669$ / mulheres – $t_{29}=0,612$; $p=0,545$).

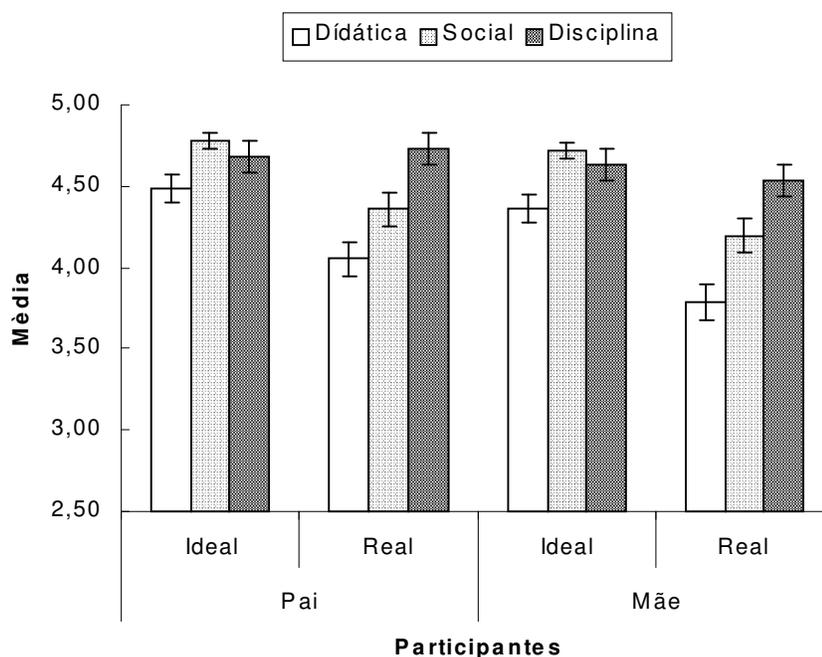


Figura 12: Média (\pm EPM) das respostas apresentadas pelos progenitores em cada uma das subescalas de Estilo Paterno Ideal e Real.

5.2.5. Estimativa de disponibilidade paterna

O tempo que o pai disponibiliza para estar junto de sua família e filhos pode ou não ser utilizado para a interação. Contudo, a disponibilidade física do pai pode servir para a proximidade da relação pai-criança. Os casais foram inquiridos a estimar o tempo total que o pai passa com seu(s) filho(s) durante uma semana com ou sem a presença de outras

peças, assim como o que eles consideram que seria o tempo ideal para o pai estar com sua(s) criança(s). O pai e a mãe estimaram tempos semelhantes para a disponibilidade real do pai, sendo que a média estimada por pais ficou em 44 horas e meia e a pelas mães foi de 46 horas e meia ($t=-0,437$; $gl=58$; $p=0,604$). Em relação ao tempo ideal, os pais julgam que este deveria ser em média de 61 horas e meia e as mães de 50 horas e cinquenta minutos, embora o tempo ideal estimado por homens tenha sido superior esta diferença não foi significativa ($t=1,655$; $gl=58$; $p=0,103$). Destaca-se que para as mulheres o tempo real que o pai disponibiliza para estar com sua criança corresponde ao tempo ideal estimado por elas ($t_{29}=0,848$; $p=0,403$), no entanto para os homens o tempo real disponível não corresponde ao ideal estimado ($t_{29}=3,743$; $p=0,001$).

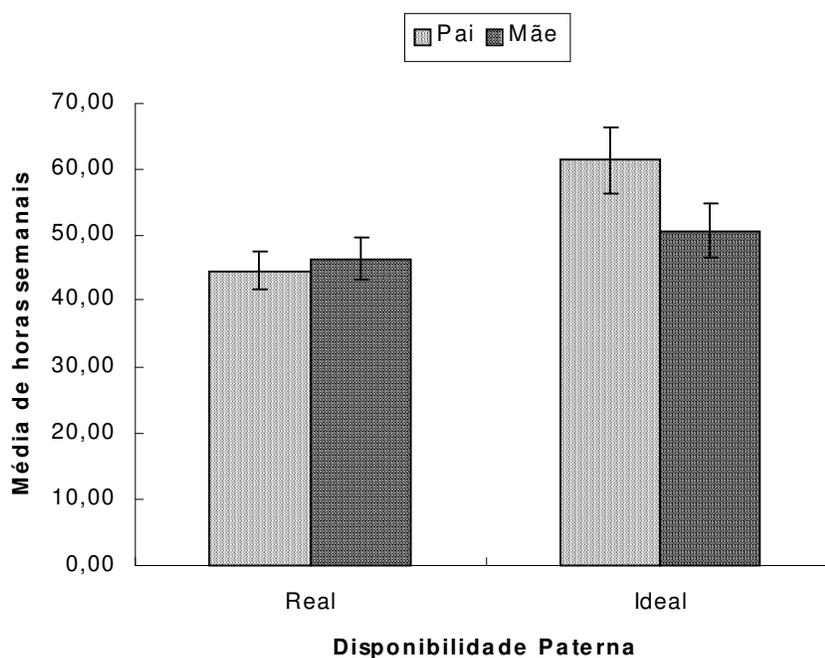


Figura 13: Média (\pm EPM) da estimativa de horas semanais que o pai passa com seu(s) filho (s) durante uma semana.

O tempo que o pai passa sozinho com sua criança é um tempo de maior potencial de interação por representar a possibilidade de interação pela proximidade e ainda a de responsabilidade para com atividades que fazem parte da rotina da criança. Este tempo foi estimado por homens e mulheres, verificou-se que a média real estimada por ambos foi semelhante e ficou em torno de nove horas e meia ($t=0,073$; $gl=58$; $p=0,942$), o mesmo repetiu-se com a média atribuída por homens e mulheres para o tempo ideal que o pai deveria passar sozinho com a criança, para os pais/homens foi de 19 horas e para as mães/mulheres 15 horas ($t=0,870$; $gl=58$; $p=0,388$). O tempo médio, estimado pelo pai, disponível para estar sozinho com sua criança é significativamente diferente ao tempo ideal ($t_{29}=2,647$; $p=0,013$), para as mães existe uma tendência ao tempo real ser diferente ao ideal estimado ($t_{29}=1,913$; $p=0,066$).

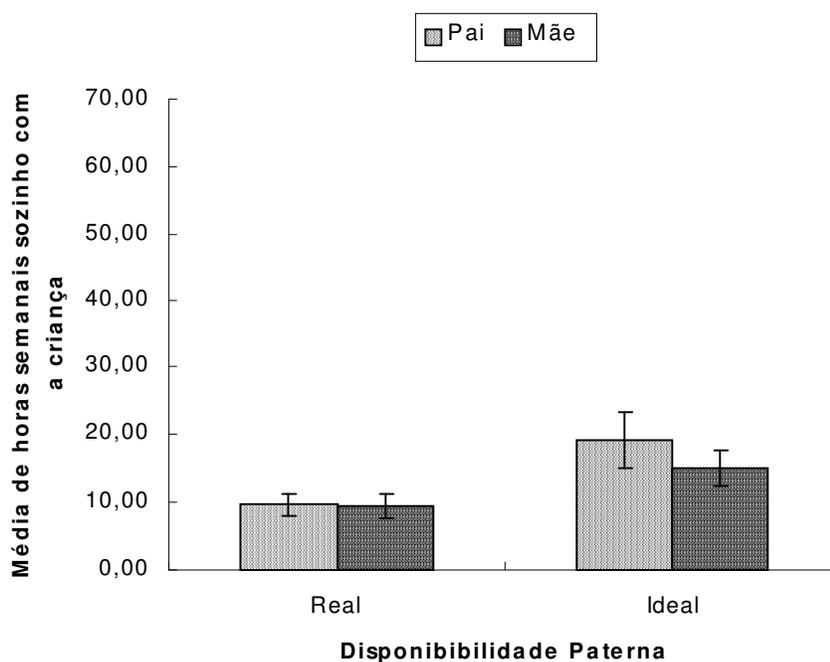


Figura 14: Média (\pm EPM) estimativa de horas semanais que o pai passa sozinho com sua criança, atribuída por homens e mulheres com filhos.

O tempo que o pai disponibiliza para estar junto com sua família e filhos é distribuído de diferentes formas de acordo com as atividades que ele e sua família realizam ao longo de uma semana. As oportunidades de interação vão depender de uma coincidência de horários. Os casais foram solicitados a estimar os principais horários que o pai está com seu(s) filho(s) e família em um quadro de horários (ver anexo 3). Para padronizar esta informação foram estabelecidos três principais períodos ao longo de uma semana (de Segunda a Sexta-feira): manhã (6 às 11 horas), tarde (12 as 17 horas) e noite (18 às 23); sendo que o final de semana (Sábado e Domingo) foi calculado separadamente sem distinção de horários). Desta forma, pode-se verificar que os principais momentos que o pai está junto a sua família é o noturno e os finais de semana. A média diária noturna estimada por homens foi de $M=3:35\text{hs} \pm 20$ minutos e por mulheres de $M=3:31\text{hs} \pm 19$ minutos, já a média diária dos finais de semana (sábado e domingo) ficou em $M=12:59 \pm 22$ minutos entre os homens e $M=12:53\text{hs} \pm 28$ minutos entre mulheres. O tempo disponível no final de semana é o dobro dos dias de semana (Segunda à Sexta-feira), sendo que para a estimativa dos homens este é em média $M=6:24 \pm 1:14\text{hs}$ e para as mulheres é $M=6:00 \pm 1:18\text{hs}$.

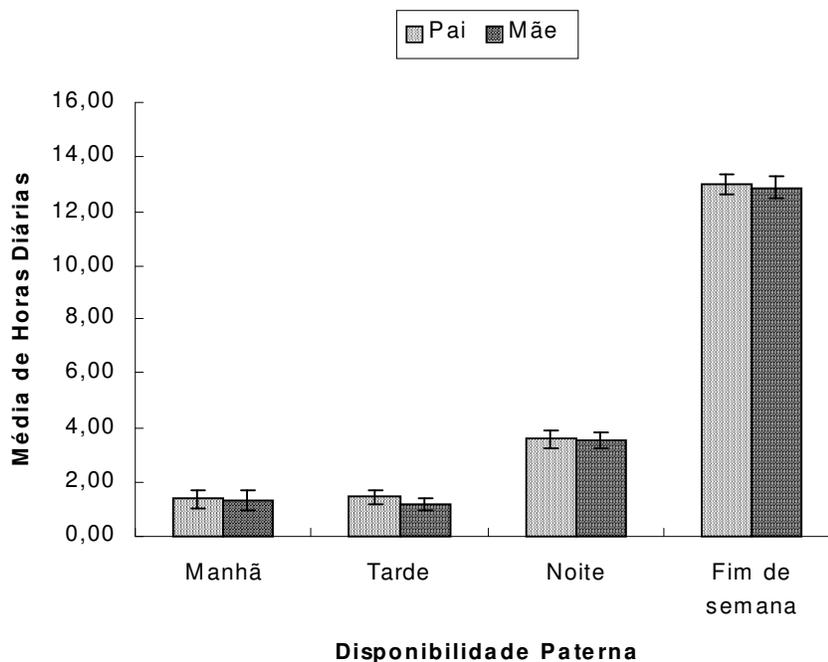


Figura 15: Média (\pm EPM) das horas diárias que o pai passa com seu(s) filho(s), distribuídas em períodos ao longo de uma semana (segunda à sexta-feira) e final semana, estimada por pais e mães.

5.2.6. Participação em tarefas domésticas:

O espaço doméstico é um dos contextos de desenvolvimento infantil que a criança permanece por mais tempo. Este espaço é organizado pelos seus progenitores de forma a proporcionar conforto e segurança. Para isto eles realizam uma série de atividades que visam, de forma geral, a higiene, alimentação, organização e previsibilidade (limpar, arrumar a casa, fazer as refeições, lavar as roupas, etc.). A participação do pai na execução destas tarefas foi avaliada por ele mesmo e por sua esposa, e também como eles consideram que seria o ideal de atividades domésticas que o pai deve realizar. Segundo a análise estatística não há diferença significativa na avaliação de homens e mulheres com relação a

participação do pai na organização deste contexto ($t=-0,632$; $gl=58$; $p=0,530$). Contudo, existe diferença com relação ao que eles consideram ideal de atividades domésticas que o pai deve realizar ($t=-2,332$, $gl=58$; $p=0,023$). A média de participação em atividades domésticas avaliada por homens ficou em $M=2,93$, ou seja, segundo os homens eles fazem muito pouco ou algumas tarefas domésticas, por outro lado as mulheres avaliam que os pais fazem algumas tarefas domésticas ($M=3,10$). Embora a avaliação das mulheres da participação paterna em atividades domésticas tenha sido ligeiramente superior a dos homens, esta não corresponde ao ideal atribuído por elas ($t_{29}=-3,500$; $p=0,002$). Para a avaliação dos homens, a participação deles seria referente ao que eles consideram ideal ($t_{29}=-0,387$; $p=0,702$).

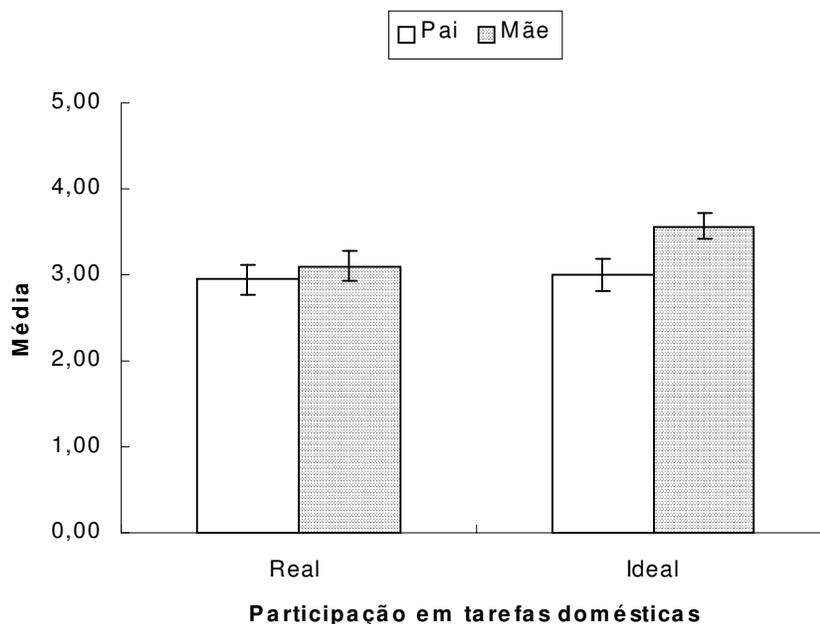


Figura 16: Média (\pm EPM) da avaliação de pais e mães em relação a participação paterna na execução de atividades domésticas

5.2.7. Valorização do envolvimento paterno no desenvolvimento infantil

O valor atribuído por pais e mães do envolvimento paterno no desenvolvimento infantil foi estimado em uma escala de 5 pontos para dois aspectos: desenvolvimento cognitivo (inteligência) e social. Na análise estatística foi verificado que homens e mulheres atribuem importâncias semelhantes ao envolvimento paterno para desenvolvimento cognitivo ($t=-1,616$; $gl=58$; $p=0,112$) e social ($t=-1,460$; $gl=58$; $p=0,150$).

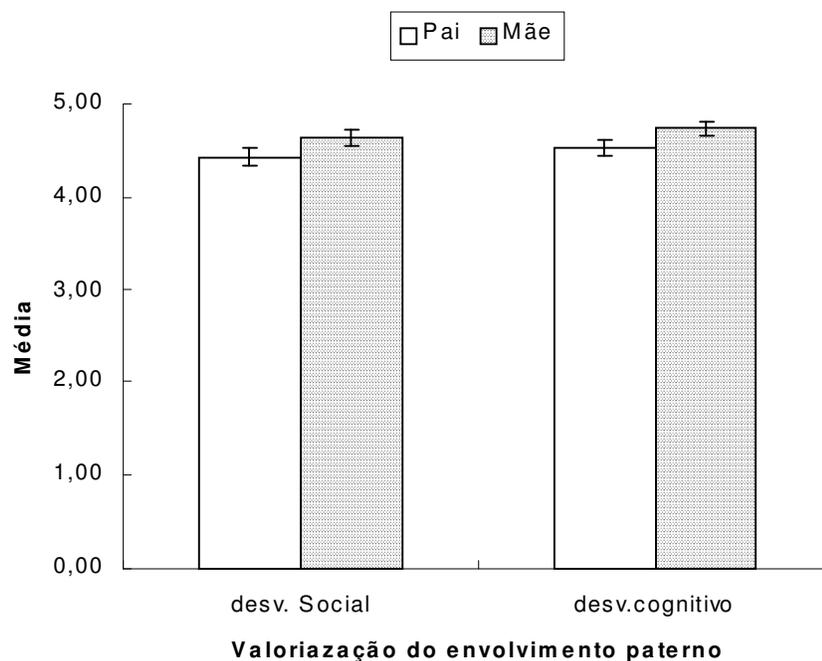


Figura 17: Média (\pm EPM) do valor atribuído por pais e mães ao envolvimento paterno no desenvolvimento cognitivo e social.

Em resumo, os casais apresentam concepções semelhantes sobre o que seria o comportamento ideal para pai da criança, mas não para a percepção deles sobre o comportamento real expresso. Há uma tendência de que a percepção deles seja diferente com relação a subescala didática. Ambos consideram que o ideal de comportamento paterno esta distante do real para a subescala Didática e Interação Social, mas não para a subescala disciplina, ou seja, segundo eles estas já são atividades que o pai realiza na sua interação com seu filho.

O pai e a mãe estimam igualmente o tempo de disponibilidade paterna e sua participação em atividades domésticas. Contudo, para o pai o tempo ideal para estar com sua criança sozinho ou junto com outras pessoas é diferente do real estimado, logo para as mulheres somente o tempo que o pai passa sozinho com sua criança não corresponde ao ideal, o tempo disponível sim. Na concepção das mulheres o ideal de participação paterna em atividades domésticas difere do real apresentado, no entanto para os homens não.

5.3. Diferenças na percepção do Estilo Paterno entre adultos com e sem filhos.

Até este item procurou-se verificar as diferenças significativas entre homens e mulheres em amostras com características semelhantes quanto à aplicação e estado civil. Neste item o interesse desta pesquisa volta-se à análise do fator experiência parental e a implicação deste para homens e mulheres, ou seja, a experiência de ter filhos pode refletir de maneiras diferentes quanto à percepção de homens e mulheres sobre quais as principais qualidades e comportamentos que um pai deveria apresentar (Ideal) e quais ele apresenta (Real). No entanto para realizar tal investigação é necessário destacar que no presente

estudo estas amostras possuem características distintas quanto ao tamanho e procedimentos realizados para a coleta de dados. Deste modo, possui um caráter exploratório sem pretensa generalização.

A análise estatística do fator sexo e experiência parental foi realizada por meio do teste ANOVA com dois fatores.

5.3.1. Subescalas de Estilo Paterno Ideal

A análise das subescalas de estilo paterno ideal indicou que a experiência parental repercute diferentemente entre homens e mulheres na subescala Didática. Há uma tendência, nesta subescala, da percepção de homens e mulheres ser diferente quando se acrescenta a variável ter ou não filhos [$F(1,258)=3,638$; $p=0,058$]. Em relação as subescalas Interação Social [$F(1,258)=1,258$; $p=0,172$] e Disciplina [$F(1,258)=1,257$; $p=0,263$] não foi identificado diferença significativa. Isto significa que o fator experiência parental repercute igualmente, na compreensão do ideal para o comportamento paterno, para homens e mulheres.

Existe diferença significativa entre os participantes que possuem e os que não possuem filhos nas subescalas Interação Social [$F(1,261)=39,912$; $p=0,000$] e Disciplina [$F(1,261)=50,807$; $p=0,000$]. Assim sendo, a experiência de ter filhos altera a concepção do ideal para o comportamento paterno na interação pai-criança nas afirmativas que descrevem situações importantes para o estabelecimento de uma relação de confiança entre pai e filho (Interação Social) e para estabelecer na figura paterna uma das referências para a aprendizagem de algumas convenções e regras para a criança na interação social (Disciplina). Mas não houve na subescala Didática ideal [$F(1,261)=2,058$; $p=0,153$]. A

análise estatística destaca que a experiência parental interfere diferentemente para homens e mulheres nesta subescala. Ao investigar a subescala didática foi constatado que a média ideal para mulheres com filhos é inferior a das mulheres sem filhos, enquanto que a média para homens com filhos é superior dos que não tem filhos, indicando diferentes padrões de interpretação das escalas.

A análise estatística da variável sexo indica que não existe diferença significativa entre homens e mulheres na concepção de quais são os comportamentos e atribuições ideais para o pai de uma criança (Didática – $[F(1,261)=0,002; p=0,964]$; Interação Social $[F(1,261)=0,261; p=0,650]$ e Disciplina $[F(1,261)=0,494; p=0,483]$).

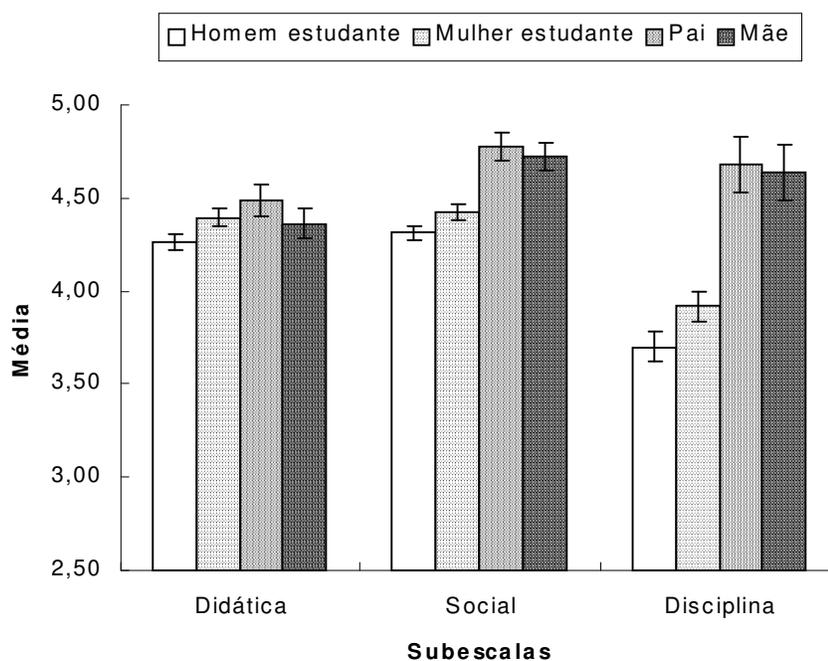


Figura 18: Média (\pm EPM) das repostas atribuídas por homens e mulheres com e sem filhos às subescalas de estilo paterno ideal - Didática, Interação Social e Disciplina

5.3.2. Subescalas de Estilo Paterno Real

Na análise estatística das subescalas de estilo paterno real foi constatado que a experiência parental repercute igualmente para homens e mulheres na subescala Didática [F(1,258)=1,683; p=0,193]; Interação Social [F(1,258)=0,058; p=0,811] e Disciplina [F(1,258)=0,533; p=0,466].

A partir da análise dos dados foi possível constatar que existe diferença significativa da percepção dos participantes que possuem filhos comparado com os que não possuem filhos quanto aos comportamentos que descrevem o pai na sua interação com seu filho apresentadas nas subescalas Didática [F(1,261)=97,897; p=0,000] Interação Social [F(1,261)=138,532; p=0,000] e Disciplina [F(1,261)=77,104; p=0,000].

Em relação a variável sexo, foi possível constatar uma tendência a que homens e mulheres percebam diferentemente a interação pai-criança para as características apresentadas nas subescala Didática [F(1,261)=3,295; p=0,071]. No entanto, o mesmo não foi identificado para as subescalas Interação Social [F(1,261)=1,662; p=0,198] e Disciplina [F(1,261)=0,650; p=0,421].

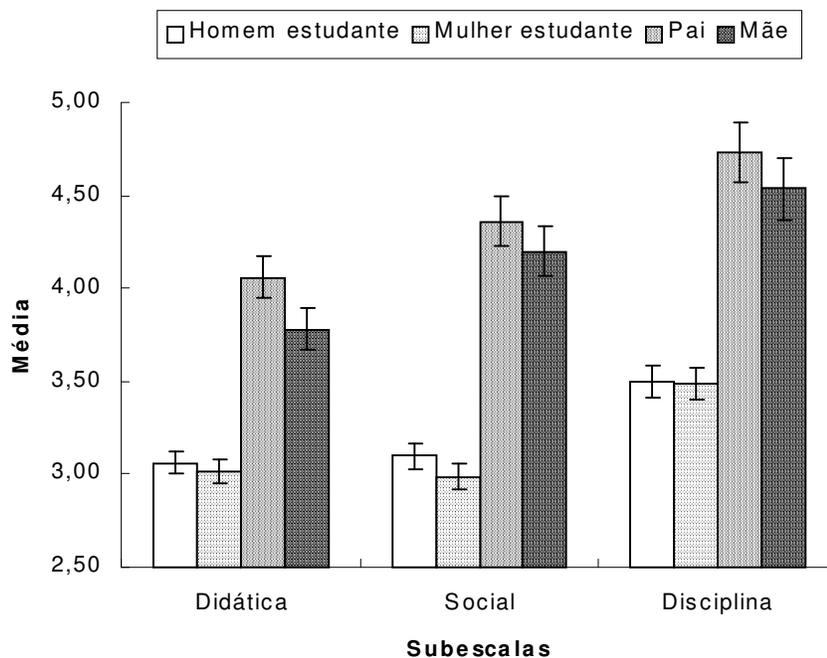


Figura 19: Média (\pm EPM) das respostas de homens e mulheres com e sem filhos para as subescalas de estilo paterno real - Didática, Interação Social e Disciplina.

5.3.3. Escala de estilo paterno Ideal e Real.

A análise estatística indica que a experiência de ter filhos repercute diferentemente para a percepção de homens e mulheres sobre quais as principais qualidades e comportamentos que um pai deveria apresentar que são descritos na Escala de Estilo Paterno Ideal [$F(1,258)=4,395$; $p=0,037$]. Isto denota que o Ideal para a interação pai-criança é diferente para homens e mulheres de acordo com a experiência de cuidar dos próprios filhos. No entanto, para a Escala de Estilo Paterno Real, esta reflete igualmente [$F(1,258)=0,975$; $p=0,324$].

Os participantes que possuem filhos possuem uma percepção sobre e quais os comportamentos e atribuições que o pai deveria apresentar e qual ele apresenta, diferente

daqueles que não possuem filhos, estas são descritas na Escala de Estilo Paterno Ideal [F(1,261)= 28,103; p=0,000] e Real [F(1,261)=159,067; p=0,000], respectivamente.

A análise dos dados indica uma tendência a homens e mulheres avaliarem diferentemente os comportamentos do pai na sua interação com seu filho(a) [F(1,261)=3,139; p=0,078]. Contudo, eles atribuem características semelhantes para o ideal de comportamentos que o pai deveria apresentar em relação a sua criança [F(1,261)=0,264; p=0,695].

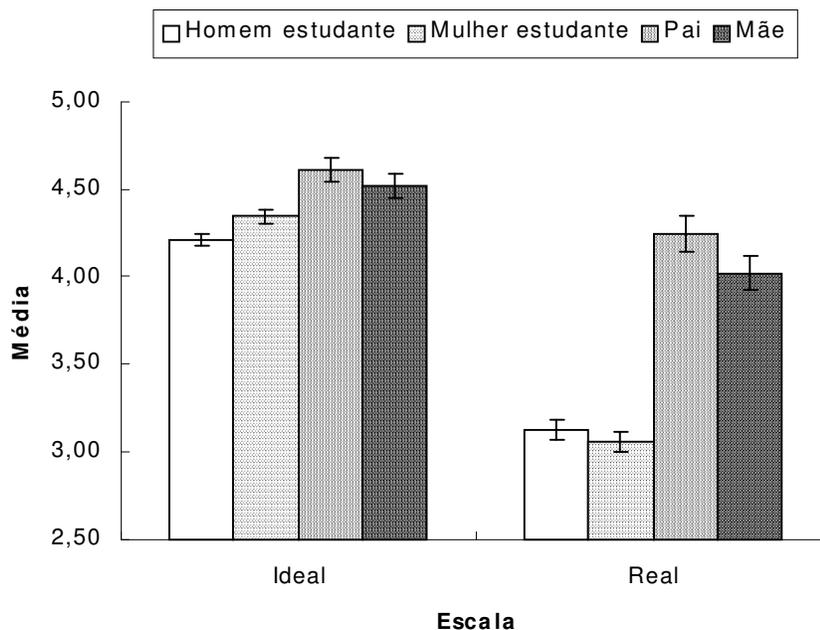


Figura 20: Média (\pm EPM) das respostas de homens e mulheres com e sem filhos para as Escalas de Estilo Paterno Ideal e Real

Em síntese, a experiência parental apresenta diferentes implicações para homens e mulheres em relação ao que eles compreendem como ideal para o comportamento paterno.

Esta foi identificada na subescala didática, em que a média ideal para mulheres com filhos é inferior a das mulheres sem filhos, enquanto que a média para homens com filhos é superior dos que não tem filhos.

A experiência de ter filhos interfere na compreensão do ideal e na percepção do comportamento paterno. Pessoas com filhos avaliam mais positivamente o comportamento paterno em todas as subescalas. A compreensão delas sobre quais os comportamentos ideais para a interação pai-criança também se modifica com relação as subescalas Interação Social e Disciplina.

Homens e mulheres apresentaram concepções semelhantes sobre o que seria o comportamento ideal para pai da criança, mas não para a percepção deles sobre o comportamento real. Foi identificada tendência à percepção deles ser diferente com relação a subescala didática.

5.4. Metas e estratégias parentais de socialização

As respostas do pai e da mãe para quais as qualidades que gostaria que seu filho apresentasse, que corresponde as suas metas de socialização em longo prazo, eram identificadas por palavras individuais (ex: “seguro”, “estudioso”, “inteligente”, “honesto”) ou frases descritivas (como: “que ele seja trabalhador”, “course uma faculdade”, etc.). Estas poderiam ser codificadas dentro de cinco categorias com conteúdos exclusivos (uma frase ou palavras descritivas não poderiam ser classificadas em duas categorias), estabelecidas por Leyendecker e colaboradores (2001) para identificar dimensões culturalmente relevantes para o comportamento infantil e adulto, como descritas na tabela N a seguir:

O número total de frases ou palavras descritivas codificadas dentro das categorias de Leyendecker e colaboradores (2001) que um participante descreveu corresponde ao “número total de descrições”. Sobre este foi calculado o número proporcional/percentual de respostas para cada categoria por meio da divisão das descrições codificadas em uma categoria particular pelo número total de descrições. Como exemplo, uma mãe poderia ter gerado 10 descrições que foram codificadas, se cinco eram referente a Auto aperfeiçoamento, então o escore proporcional para Auto-aperfeiçoamento é 0,50, em termos percentuais é 50%.

Os participantes desta etapa foram os mesmos que contribuíram para a pesquisa sobre estilo paterno. Contudo, devido a problemas com a gravação em áudio a amostra ficou estabelecida em 27 pais e 29 mães.

Tabela 7: Descrição das categorias de análise construídas por Miller e Harwood (2001) para as principais metas de socialização em longo prazo.

Categorias:	Exemplos¹⁷:
<u>Auto-aperfeiçoamento</u> – preocupação com que a criança se torne autoconfiante e independente.	<p><u>Sentimentos bons sobre si mesmo:</u> interesse que a criança seja feliz, alto-confiante, segura e confortável com seus sentimentos.</p> <p><u>Potencial econômico e pessoal:</u> interesse que a criança desenvolva habilidades cognitivas e desenvolva totalmente seu potencial individual e bem sucedido.</p> <p><u>Independência psicológica:</u> interesse que a criança seja alto-confiante, assertiva e que pense por si mesma</p>
<u>Autocontrole</u> – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade de controlar impulsos negativos de ganância, agressão ou egocentrismo.	Ex: sentir felicidade, persistência, equilibrada emocionalmente, saber onde está pisando, bem satisfeitas, seguras, felizes;
<u>Emotividade</u> – preocupação com que a criança desenvolva a capacidade para intimidade emocional com outros, e que seja amada.	Ex: inteligente, se desse bem na vida, ter bom emprego, que fosse inteligente, uma pessoa respeitada, de respeito, boa profissão, que procurasse um melhor serviço, conseguisse resolver os problemas na vida sem grandes transtornos, emprego bom, tenha uma vida boa, qualidade universitária que se formasse e tivesse um bom estudo;
	Ex: que eles pensem bem o que eles querem, tenha boa cabeça, respeito por ele mesmo, ter uma boa cabeça e não se deixar abater;
	Ex: não incomoda com drogas, não fosse brigona, bem calma, simplicidade, não genioso;
	Ex: uma criança boa, que seja bom com as pessoas, tentar fazer o bem, respeitar os amigos, deve ser carinhoso com a eventual esposa e filhos e amigos, sem dificuldades de relacionamento com as pessoas no dia a dia, compreensivo, que saiba ajudar as pessoas, pudesse ter uma família, uma pessoa boa, ajudar no que puder as pessoas, que se importasse com os outros, companheiro, ajudar muitas pessoas.

¹⁷ Os exemplos apresentados nas categorias de análise foram retirados das entrevistas com os participantes da cidade de Florianópolis.

<u>Expectativas sociais</u> – preocupação com que a criança atenda a expectativas sociais.	Ex: Estudioso, estudo, trabalhador, honesto, dignidade, cara exemplar, fosse um profissional, humilde, cristãos, religiosidade, retos no seu comportamento, soubesse diferenciar o bem do mau, saber distinguir o correto do errado, seguir no caminho certo, menos vagabundo e ladrão o resto tudo;
<u>Bom comportamento</u> - preocupação com que a criança se comporte bem (respeitosamente), se dê bem com os outros, e desempenhe bem papéis	Ex: tenha uma boa educação, respeitasse as pessoas, educado, tenha educação, se desse bem com todo mundo, respeito ao próximo.

5.4.1 Metas de Socialização

Na análise das entrevistas foi codificado um total de 345 palavras ou frases descritivas para as metas de socialização em longo prazo, a média de respostas codificadas por participante ficou em 6,1 (questão 1). A categoria Auto-Aperfeiçoamento foi a que apresentou maior percentual entre os pais e foi de 33%, já entre as mães foi à categoria Expectativas Sociais com um percentual de 35,9%.

Na análise estatística não foi identificada diferença significativa entre homens e mulheres para nenhuma das categorias estabelecidas para as metas de socialização em longo prazo.

Tabela 8: Percentual de respostas codificadas de pais e mães para as categorias de metas de socialização em longo prazo:

Categorias	Pai	Mãe	<i>t</i>(<i>gl</i>=54)	p
Auto-Aperfeiçoamento	33,09 ± 6,0	35,3±4,3	-0,186	0,85
Auto Controle	3,03 ± 1,7	6,3±2,2	1,041	0,30
Emotividade	14,05 ± 4,2	10,7±2,5	0,775	0,44
Expectativa Social	27,02 ± 5,8	35,9±4,3	-1,202	0,23
Bom Comportamento	20,9 ± 4,9	11,7±3,1	1,591	0,12

Na análise de conteúdo para investigar a distribuição percentual das metas de socialização em longo prazo de pessoas com diferentes níveis de escolaridade, verificou-se que quanto maior a escolaridade maior a preocupação dos pais para que a criança seja autoconfiante e que desenvolva totalmente seu potencial econômico e pessoal. Isto corresponde à categoria auto-aperfeiçoamento. Destaca-se também que em pessoas de nível superior há um baixo escore para autocontrole e bom comportamento, por outro lado, estas são preocupações presentes entre pessoas com menor nível de escolaridade.

Na análise estatística da distribuição percentual das metas de socialização foi identificada tendência a pessoas com diferentes níveis de escolaridade apresentarem um percentual distinto para a categoria auto-aperfeiçoamento. Foi identificada tendência a pessoas com nível de escolaridade superior apresentarem maior escore para auto-aperfeiçoamento comparado com pessoas de nível primário.

Tabela 9: Percentual de respostas codificadas para as metas de socialização em longo prazo de pessoas com diferentes níveis de escolaridade (* $p < 0,10$).

Categorias	1º Grau (N=21)	2º Grau (N=17)	3º grau (N=18)	F(2,53)	p
Auto- Aperfeiçoamento	27,2±5,7*	31,0±6,4	34,6±6,2*	2,812	0,06
Auto Controle	5,4±2,3	6,3±2,6	2,9±2,5	0,484	0,62
Emotividade	12,6±3,9	11,1±4,4	13,7±4,3	0,088	0,91
Expectativa Social	32,2±5,9	34,1±6,6	28,8±6,5	0,169	0,84
Bom Comportamento	22,5±6,7	17,3±6,6	7,8±6,5	2,276	0,11

As metas de socialização em longo prazo representam quais os comportamentos que os progenitores valorizam para a criança na interação com núcleo familiar e com o grupo social mais amplo (sociedade), estas expressam parte dos padrões comportamentais que os progenitores aprenderam em seu ambiente sociocultural. Quando há uma preocupação para que a criança separe o “*self*” do ambiente social, priorizando os interesses individuais, da família nuclear, a autonomia pessoal e econômica, diz-se ser este um padrão *individualista* ou *egocêntrico*. Assim como, se há uma preocupação para que a criança compreenda e construa o *self* como interdependente ao ambiente social mais amplo, dando-se ênfase ao respeito sobre este ambiente, a família estendida, a cooperação, diz-se ser este um padrão *sociocêntrico* ou *coletivista*.

Na análise das respostas para as metas de socialização foram identificadas 164 frases ou palavras descritivas como “*sociocêntrica*” (como exemplo: “que seja bom com as

peças”, “que respeitasse as pessoas”, “que respeite os amigos”, “que seja uma pessoa que saiba ajudar as pessoas”, “educada”, “honesto”, etc) e 79 “ *individualista*” (como exemplo: “que eles pensem bem o que eles querem”, “que se desse bem na vida”, “não precisasse tanto de ajuda para fazer as coisas do dia a dia”, “que tivesse equilíbrio emocional”, etc). Tanto os pais como as mães mencionaram um maior número de características de ênfase a interdependência do indivíduo com o ambiente social – exemplos sociocêntricos. Dessa forma, não foi constatada diferença significativa entre o pai e a mãe para quais dimensões é por eles valorizada na interação com núcleo familiar e social, se sociocêntrica ou individualista, no comportamento infantil e adulto, como segue na tabela N:

Tabela 10: Percentual de resposta codificada, em sociocêntrica e egocêntrica, para as metas de socialização em longo prazo.

Categorias	Pai	Mãe	t(gl=54)	P
Sociocêntrica	69,6±5,9	68,2±5,9	0,173	0,86
Individualista	30,4±5,9	31,8±5,4	0,173	0,86

Na análise estatística da interferência do nível de escolaridade para as principais dimensões valorizadas na interação familiar e social, não foi identificada diferença significativa. Em termos percentuais pode-se constatar que quanto maior o grau de escolaridade maior a preocupação com que se de prioridade aos interesses individuais a autonomia pessoal e econômica – exemplos individualistas.

Tabela 11: Percentual de resposta codificada, em sociocêntrica e egocêntrica, para as metas de socialização em longo prazo de pessoas com diferentes níveis de escolaridade.

Categorias	1º Grau (N=21)	2º Grau (N=17)	3º grau (N=18)	F(2,53)	p
Sociocêntrica	71,6±6,5	72,7±7,2	61,8±7,0	0,721	0,49
Individualista	28,4±6,5	27,3±7,2	38,2±7,0	0,721	0,49

5.4.2. Estratégias de ação

Foram identificadas e codificadas 465 frases e palavras descritivas para as possíveis estratégias de ação (como exemplo: dar carinho, apoio, instruir, mostrar/ explicar o que é certo o que é errado, conviver com ele, etc.) mencionadas pelos progenitores. A média por participante foi de 8,3 (Questão 2 e 3). A principal estratégia utilizada por pais e mães para propiciar o desenvolvimento da criança é sendo modelo comportamental e referência de orientação por meio de conselhos, disciplina e participação, que corresponde à categoria *centrada em si*.

Na análise de conteúdo é destaque o fato que o principal contexto de atenção dos progenitores para promover o desenvolvimento infantil é o escolar. Foram identificadas 28 ocorrências da palavra escola e 41 da palavra estudo dentre as questões analisadas.

Tabela 12: Percentagem média para as categorias utilizadas para as possíveis estratégias de ação de pais e mães na entrevista de metas de socialização em longo prazo.

Categorias	Pai	Mãe	t (gl=54)	P
Centrada em Si	79,5±4,3	83,1±3,0	-0,661	0,51
No Contexto	20,5±4,4	16,9±3,0	-0,661	0,51

Na análise estatística não foi identificada diferença significativa entre o pai e a mãe para as possíveis estratégias de ação. Assim como, entre pessoas com diferentes níveis de escolaridade.

Tabela 13: Percentagem média para as categorias utilizadas para as possíveis estratégias de ação de pessoas com diferentes níveis de escolaridade na entrevista de metas de socialização em longo prazo.

Categorias	Nível de 1º Grau (N=21)	Nível de 2º Grau (N=17)	Superior/ 3º grau (N=18)	F(2,53)	p
Centrada em Si	80,4±4,3	83,0±4,8	80,7±4,7	0,087	0,916
No Contexto	19,6±4,3	17,0±4,8	19,3±4,7	0,087	0,916

O modo como os progenitores procuram atingir as metas de socialização pode ser, também, dando prioridade ao apoio, carinho, proteção, ou seja, a afetividade entre o progenitor-criança; ou dando exemplos, modelos, conselhos, priorizando, deste modo, o aspecto cognitivo.

Na análise das respostas dos pais foi possível identificar 275 palavras ou frases descritivas dentro das estratégias de ação afetiva e cognitiva. Dentre estas 155 tinham como prioridade o aspecto cognitivo e 120 o aspecto afetivo. Em termos percentuais verifica-se que as mães fizeram maior menção a estratégias que dão prioridade ao aspecto afetivo na interação progenitor-criança.

Na análise estatística das respostas dos homens e das mulheres não se identificou diferença significativa, como pode ser constatado na tabela N a seguir:

Tabela 14: Percentual de respostas codificadas para as possíveis estratégias de ação de pais e mães.

Categorias	Pai	Mãe	t(2,53)	p
Cognitiva	66,6±6,5	54,1±5,4	1,491	0,14
Afetiva	33,4±6,5	45,9±5,4	1,491	0,14

Na análise estatística das respostas de pessoas com diferentes níveis de escolaridade, do percentual de frases e palavras descritivas codificadas como estratégias de ação afetiva e cognitiva, não foi identificada diferença significativa (tabela N).

Tabela 15: Percentual de respostas codificadas para as possíveis estratégias de ação de pessoas com diferentes níveis de escolaridade.

Categorias	Nível de 1^o	Nível de 2^o	Superior/ 3^o	F(2,53)	p
	Grau (N=21)	Grau (N=17)	grau (N=18)		
Cognitiva	63,2±7,0	61,8±7,8	54,9±7,6	0,348	0,7
Afetiva	36,8±7,0	38,2±7,8	45,1±7,6	0,348	0,7

Em termos percentuais verifica-se que quanto maior o nível de escolaridade maior menção dos progenitores a estratégias que priorizam a afetividade entre o progenitor-criança.

6. DISCUSSÃO e CONCLUSÃO

A compreensão da família como o principal “nicho ecológico” para a criança e como responsável pela sua sobrevivência e socialização é discutida sob diferentes pontos de vista (Airés, 1981; Kreppner, 2000; Geary & Flinn, 2001). Na presente pesquisa foi dada ênfase a características e variáveis que contribuíram para a evolução filogenética da família humana e do comportamento parental. Procurou-se argumentar que existe um princípio geral que pode ser identificado na expressão deste (como: atenção dos progenitores ao ambiente, a proteção e a alimentação da progênie, visando seu desenvolvimento e sobrevivência), e que as variações culturais e individuais nos modelos da dinâmica de cuidado parental e na formação da família são consideradas respostas fenotípicas para diferentes condições históricas e ecológicas.

A necessidade da interpretação dos dados com uma perspectiva interacionista precisa ser destacada, uma vez que a análise da evolução humana, e no caso do comportamento parental, mostra a impossibilidade de separar a evolução natural e a evolução cultural (Bussab, 2000). O ambiente de adaptação do ser humano abrange mais do que o ambiente físico, como aponta a autora anteriormente mencionada, ele é formado essencialmente pelo grupo social e constitui-se num ambiente ao mesmo tempo social, afetivo e cultural. A autora acrescenta que:

“(...) o próprio conceito de ambiente natural se presta ao exercício da perspectiva interacionista entre fatores hereditários e ambientais, pois não dá para definir um sem o outro. Ao se constituir por uma rede de relações sociais associadas a um modo de vida e de exploração de recursos, o ambiente natural humano é também interacional, nesse caso, no sentido social do termo (p. 237)”.

Os domínios de interação estudados descrevem aspectos referentes à atenção dos progenitores para características do *ambiente* e a situações que promovam o incremento do repertório comportamental da criança, a atenção às necessidades físicas (*alimentação*, higiene, conforto, etc) e emocionais da criança (vínculo próximo entre o pai-criança - *proteção*), e a aprendizagem de algumas normas e regras para a interação social. Estes domínios são diferentemente valorizados de acordo com o contexto sociocultural, e são apresentados como modelos/exemplos a ser seguidos pelo pai e pela mãe em sua interação com a criança. Os progenitores, por sua vez, utilizam um conjunto de idéias e padrões culturais adquiridos na sua história de interação com o grupo em que estão inseridos para compreender a personalidade e a inteligência da criança (Harkness & Super, 1992).

Neste sentido, com o objetivo de identificar alguns padrões sociais implícitos de paternidade e diferenças/semelhanças entre homens e mulheres sobre a compreensão do comportamento paterno ideal e real, a presente pesquisa procurou investigar as idéias de jovens adultos com e sem filhos sobre o comportamento paterno em três domínios de interação com sua criança: social, didático e disciplinar, e as principais expectativas e estratégias de pais e mães em relação aos seus filhos. Os resultados indicam que pessoas com filhos avaliam mais positivamente o comportamento paterno em todos os domínios de interação, os casais possuem expectativas semelhantes para as metas de socialização de crianças, e a experiência de ter filhos interfere na compreensão do comportamento paterno. As diferenças entre homens e mulheres na compreensão de estilo paterno se acentuam em pessoas que não possuem filhos.

6.1 Similaridades e diferenças entre homens e mulheres na percepção de estilo paterno.

As crenças sobre a educação de crianças podem variar e se adaptar a cada necessidade e ambiente social (Bronfenbrenner, 1996; Bornstein & cols, 1996). Como exemplo, com as mudanças no contexto social nas últimas décadas, em que as mulheres estão ingressando no mercado de trabalho, têm-se estabelecido novas opções para o cuidado alternativo de bebês e crianças pequenas, como creches e pré-escolas. Esta nova realidade foi modificando a forma de se pensar o cuidado de crianças, em que até mesmo as mães que não trabalham fora começaram a buscar estes espaços como um contexto de socialização. A própria Constituição Brasileira de 1988 reconheceu a creche como uma instituição educativa, um direito da criança e uma opção para a família, além de um dever do Estado. A creche passou a ser incluída como parte da educação infantil e responsável pelas crianças até os três anos de idade e as pré-escolas para crianças de quatro a seis anos (Rapoport & Piccinini, 2001).

Especificamente, algumas variações nas idéias sobre os diferentes domínios de interação do pai com a criança foram identificadas e serão discutidos a seguir.

6.1.1 Didática:

As sociedades humanas são as mais complexas e variadas do que as de qualquer outra espécie. Esta situação requer dos humanos não só uma inteligência flexível para aprender as convenções de suas sociedades, mas também um longo tempo para aprendê-las (Bjorklund, 1997). Os progenitores assumem parte das responsabilidades para que a criança

possa ampliar seu repertório comportamental, patrocinando um contexto facilitador para seu desenvolvimento e oferecendo suporte cognitivo e emocional para a criança enfrentar este processo. Esta função pode ser descrita em um grande número de atividades, como brincar com a criança, servir como modelo, apoiar na educação escolar e extra escolar, participar em atividades cotidianas que inclui a comunicação e o lazer, e ainda a contribuir com as tarefas da casa.

A interação didática pode ser identificada em estudos que discutem *envolvimento paterno*, por compartilhar características comuns a definição deste, como a acessibilidade, em alguns momentos de interação próxima e de responsabilidade para com as atividades que fazem parte da rotina da criança. O engajamento paterno nestas atividades, como aponta Pleck (1997), possui conseqüências positivas para o desenvolvimento da criança, como: maior competência cognitiva; maior controle interno; maior empatia, e diminuição de estereotípias nos papéis de gênero, entre outras. Contudo, não há, segundo o autor, determinantes claros que modulam a participação do pai nestas atividades, sendo as crenças um dos fatores associados ao engajamento paterno.

Na análise dos dados foi possível identificar que mulheres e homens compreendem que as afirmativas referentes à interação didática são atribuições importantes no ideal para o pai na interação com sua criança. Entretanto, existe diferença entre eles na compreensão de quais são estes comportamentos. Quanto à percepção dos estudantes para o comportamento real do pai nos dias de hoje, não foi identificada diferença entre homens e mulheres. De modo geral, eles apresentaram dificuldades para avaliar qual a participação do pai em interações didáticas. Isto revela que, embora, exista uma mudança social com relação ao papel de pai, descrita em alguns estudos de representação social e envolvimento paterno (Pleck, 1997; Fuller, 2000; Rico & Luna, 2000; Trindade & Menadro, 2002), e

expressa, também, no ideal estimado pelos estudantes, a interação didática não é percebida com efetividade entre pessoas que não possuem filhos.

Entre os casais, entretanto, existe concordância na compreensão do ideal de interação didática. Entretanto, eles diferem com relação ao comportamento real expresso, ou seja, os pais avaliam sua participação neste domínio como mais ativa quando comparado com a avaliação das mães. Resultados semelhantes foram encontrados por Bornstein e cols (1996) em pesquisa realizada com mães na Argentina e nos Estados Unidos. Elas percebem maior discrepância entre o ideal e o real para o comportamento de interação didática de seu marido quando comparado com o seu próprio comportamento, na França as mães consideram que o comportamento atual do pai está em concordância com a idealização delas para o pai na interação com sua criança. Apesar disso, os autores argumentam que mães francesas normalmente não esperam que seus maridos se envolvam na instrução de sua criança, especialmente nos primeiros anos de vida.

Em relação às atividades domésticas, pais e mães têm percepções semelhantes sobre o comportamento real do pai. No entanto, eles diferem com relação ao ideal para a participação do pai nas tarefas domésticas. Os pais consideram que a participação deles é o padrão ideal, sendo que para as mulheres o ideal seria superior ao real apresentado. As atividades domésticas estiveram durante o período de patriarcado e de industrialização associados ao papel materno e feminino, sendo considerados de menor valor por não gerarem renda e vinculadas a um status menor na hierarquia social. Com o ingresso da mulher no mercado de trabalho e com os questionamentos das desigualdades de gênero, o avanço dos métodos contraceptivos e o desemprego masculino, a associação negativa tem enfraquecido e o pai passa a dividir com a mulher algumas responsabilidades (Pleck &

Pleck, 1997; Rico & Luna; 2000). Mas, segundo a percepção das mães, na presente pesquisa, esta não está em concordância com o idealizado por elas.

Em estudo realizado entre homens com filhos, a percepção da responsabilidade paterna, como aponta Sanderson e Thompson (2002), esteve associada ao *status* ocupacional do parceiro, mas não ao engajamento no cuidado a criança, sendo que os pais percebem maior habilidade no cuidado da criança quando também percebem alto nível de engajamento e responsabilidade para as atividades que fazem parte das rotinas de cuidado da criança. As autoras verificaram, do mesmo modo, que existia correlação entre a percepção da habilidade paterna, a orientação de papel de gênero do pai e rendimentos familiares. Isto significa que aspectos relacionados a aprendizagem nos papéis de gênero e divisão conjugal do encargo para obter ganhos financeiros, esteve relacionada com a percepção do envolvimento paterno. Pode-se dessa forma supor, na presente pesquisa, que estes também são aspectos intervenientes na percepção do comportamento paterno.

6.1.2. Interação Social:

O domínio de interação social está associado à sensibilidade e a responsabilidade para com as necessidades físicas e emocionais da criança. Este tem sido investigado em pesquisas sobre a relação de apego entre o pai e a criança (Bridges, Connell & Belsky, 1988; Jain, Belsky & Crnic, 1996; Belsky, 1996; Friedman, 2000; Bolwby, 2002; Lundy; 2003) e nos estudos sobre correlações hormonais e a expressão do comportamento paterno (Wynne-Edwards, 2000; Storey, Walsh, Quinton & Wynne-Edwards, 2001; Fleming, Corter, Stallings, & Steiner, 2002). O foco desses estudos centra-se nas respostas do pai a estímulos vindo do bebê/criança e a afetividade presente na interação entre eles.

Os resultados obtidos na presente pesquisa indicam que os estudantes apresentaram dificuldades para avaliar qual o padrão atual de interação social do pai de uma criança. Contudo, esta subescala foi a que apresentou maior média ideal, ou seja, o vínculo afetivo e a responsabilidade para com as necessidades da criança são aspectos considerados importantes na interação pai-filho, principalmente entre as mulheres, uma vez que elas apresentaram uma tendência a valorizar mais este tipo de interação comparando com os homens. Os estudos sobre representação social, do mesmo modo, têm identificado o aspecto afetivo da relação pai-filho como elemento importante para a definição de paternidade (Trindade, Andrade & Souza, 1997; Fuller, 2000; Trindade & Menandro, 2002).

A valorização deste tipo de interação foi discutida por Rico e Luna (2000), em pesquisa realizada com homens e mulheres do perímetro urbano no México. Os autores apontam que, independente das limitações econômicas para a provisão de recursos financeiros, atribuição paterna importante nesta população, a relação afetiva entre o pai e seus filhos e filhas pode adquirir maior relevância. Esta é considerada como “um tipo de relação amorosa duradoura e inquestionável” (p. 269)¹⁸.

Entre os casais esta subescala, também, foi a que apresentou maior média ideal. Contudo, não foi identificada diferença entre homens e mulheres sobre o que eles consideram o ideal e o como eles percebem o comportamento real do pai na interação com sua criança.

Destaca-se que tanto para os estudantes como para os casais, o ideal de interação social é significativamente superior ao real percebido. Com relação à interação pai e criança

¹⁸ No original: “La relation con los hijos es considerada como un tipo de relación amorosa duradera e inquestionable”

Rohner e Veneziano (2001) argumentam que os pais (homens) geralmente interagem com os filhos menos freqüentemente do que as mães, e tendem a se envolver menos em demonstrações de carinho/atenção, e quando interagem com os filhos, eles freqüentemente iniciam tipos de comportamento diferentes dos da mãe. Por exemplo, eles tendem a ocupar-se com atividades físicas - como brincadeiras. Contudo, os autores apontam que amor paterno (aceitação–rejeição do pai) está fortemente implicado na saúde e no bem-estar psicológico de crianças e de adultos, enfatizando do mesmo modo a relação afetiva entre o pai e a criança.

6.1.3. Disciplina

O domínio de interação parental referente à disciplina não é identificado prontamente dentro de estudos sobre desenvolvimento. Contudo, ele pode ser associado a pesquisas sobre comportamento desajustado em crianças e adolescentes (Belsky, 1984; Phares, 1997; Bolsoni-Silva & Marturano, 2002), por colocar em questão a aprendizagem de algumas convenções e regras para a criança na interação social e estabelecer uma figura de referência para ensinar aspectos que possibilitem discernir entre a adequação ou não a estas regras. Estes estudos procuram investigar as possíveis correlações para a causa do comportamento desajustado; entre estas, a interação agressiva entre o pai e a criança e o comportamento paterno coercitivo (ver Cummings & O'Reilly, 1997; Phares, 1997). Nestes casos prevalece a idéia de que a figura paterna possa assumir dentro desse domínio de interação características autocráticas em que predominam a coerção para educar a criança e

que esta seriam de prejudiciais para o seu desenvolvimento, que foram durante na década de 1970 inicialmente associadas quando da divulgação dos estudos de Baumrind (1971)¹⁹.

Na presente pesquisa, tanto entre estudantes como entre os casais, este domínio de interação pai-criança é percebido como o de maior participação paterna. No entanto, é o menos valorizado para o ideal de comportamento entre os participantes que não possuem filhos. Uma das razões pode ser devido ao fato deste domínio de interação no contexto interpessoal assumir, algumas vezes, uma conotação negativa de modelos autocráticos e arbitrários (Bornstein & cols, 1996). Esta correlação esteve durante muito tempo associada ao papel do pai, ao longo do patriarcado nos séculos de XVII a XIX. Neste período histórico o pai exercia grande poder e controle sobre seus filhos, era ele que estabelecia as regras, o qual não se podia questionar, cabia a ele também o desenvolvimento moral e ocupacional dos filhos e, embora o pai tenha perdido poder no século XIX com a industrialização ele manteve seu valor como condutor moral (Pleck & Pleck, 1997; Trindade, 1998). Os pais/homens parecem manter esta associação negativa ao ambiente de limites, uma vez que eles consideram que o ideal para interação com sua criança neste domínio seria menor que o real apresentado.

Os casais possuem percepções semelhantes sobre o ideal e o real para o pai no domínio de interação disciplinar. É possível que este tipo de interação pai-criança seja valorizada por pessoas com filhos, uma vez que existe entre elas a crença de que a forma como os pais educam seus filhos é crucial à promoção de comportamentos socialmente adequados. Isto é verificado no discurso, freqüente, de que é necessário ensiná-los a

¹⁹ Esta autora conceituou três principais estilos de cuidado parental – autoritário, permissivo e democrático e demonstrou que para famílias ibero-americanas havia correlação positiva entre o estilo de cuidado parental democrático e conseqüências positivas para a criança como, competência instrumental e sucesso acadêmico (Chao, 2000)

discernir entre “o que é certo e o que é errado” e na prevalência de categorias sociocêntricas para interação social como as de bom comportamento e expectativa social.

Outro indicativo da valorização deste tipo de interação pai e filho, entre os casais, é a concordância entre eles que o comportamento real apresentado corresponde ao ideal de interação pai-criança. O estilo de cuidado parental em que prevalece a decisão dos pais como referência para a instrução da criança²⁰, do mesmo modo, não está sempre correlacionado a desajuste, como é apontado por Chao (2000). A autora argumenta que este estilo de cuidado parental esteve correlacionado, em algumas minorias étnicas, a maturidade social em crianças pré-escolares e realização acadêmica em universitários (afro-americanos e asiático-americanos), sendo também uma prática parental valorizada. Além de estarem correlacionadas, entre mães asiático-americanas, a metas de socialização para a “demonstração de filiação” que compreende honrar e respeitar a família e antepassados.

Entre os estudantes, no entanto, existe diferença significativa entre mulheres e homens em relação à compreensão deles sobre o ideal para interação disciplinar. A média dos homens foi a menor apresentada repetindo, talvez, a correlação negativa atribuída à interação disciplinar e a autoridade paterna discutida anteriormente.

6.2. Metas e Estratégias de Socialização.

Os casais possuem expectativas semelhantes para as metas de socialização de suas crianças. Resultados semelhantes foram encontrados por Bentley e Fox (1991) em estudo realizado com casais. Os autores utilizaram inventário de cuidados parentais e verificaram

²⁰ Este estilo de cuidado parental é identificado como autoritário na conceitualização de Baumrind (1971)

que as mães e os pais apresentaram escores equivalentes e alta correlação entre os progenitores sobre os itens e compreendem a escala para as expectativas de desenvolvimento em relação a sua criança. Os autores apontam que este resultado mostra-se positivo, pois é importante que a criança experimente expectativas coerentes entre ambos progenitores.

As categorias que apresentaram maior índice, na presente pesquisa, estão relacionadas a dois principais pontos: a preocupação com que a criança coopere com o grupo atendendo a algumas expectativas, e a preocupação com o desenvolvimento do potencial econômico e pessoal, descritos nas categorias estabelecidas por Miller e Harwood (2001) referente à Expectativa Social e ao Auto-aperfeiçoamento. Na análise das entrevistas dos pais e das mães prevalece, contudo, a preocupação que a criança compreenda e construa o self como interdependente ao ambiente social mais amplo – sociocêntricas.

A orientação para o coletivismo ou interdependência, o qual atribui ênfase no respeito ao grupo social e ao bom comportamento, é característico de sociedades latinas (Leyendecker & cols, 2002). Miller e Harwood (2001) encontraram prevalência da categoria Expectativas sociais (28%) e Bom comportamento (26%) em mães porto-riquenhas, sendo este percentual diferente significativamente ao de mães anglo-americanas (17% e 8%, respectivamente). Leyendecker e cols (2002) encontram resultados equivalentes na comparação de mães migrantes da América central (El Salvador, Guatemala, Nicarágua, Honduras) e mães ibero-americanas. A categoria bom comportamento apresentou maior percentual entre as mães latinas (51,9%) comparado com mães ibero-americanas (21,1%). Neste estudo, os autores verificaram, do mesmo modo, diferença significativa para as categorias autocontrole (10,7% de mães latinas x 23% de mães ibero-americanas) e emotividade (4,8% x 10,9%).

Com base nos trabalhos de Miller e Harwood (2001) e de Leyndecker e cols (2002), pode-se afirmar, na presente pesquisa, que pais e mães aproximam-se da cultura latina quando apresentam prevalência das categorias expectativas sociais e bom comportamento sobre a categoria auto-aperfeiçoamento. Embora esta última tenha apresentado maior escore entre os pais e alto escore entre pais e mães, na análise das entrevistas para as principais preocupações dos progenitores quanto à interação interpessoal prevalecem a ênfase ao respeito ao ambiente social, a família estendida e a cooperação.

O alto percentual para auto-aperfeiçoamento é característico de mães anglo-americanas e ibero-americanas (Miller & Harwood, 2001; Leyndecker & cols, 2002). Miller e Harwood (2001) encontraram índice de 52% para auto-aperfeiçoamento em mães anglo-americanas e Leyndecker e cols, (2002) de 38% em mães ibero-americanas. Isto indica que entre os pais na presente pesquisa alguns aspectos culturais caracterizados como egocêntrico ou individualista possam estar presentes.

Os pais se percebem como os principais agentes para a promoção do desenvolvimento dos seus filhos, uma vez que a principal estratégia utilizada por eles é ser o modelo comportamental e a referência de orientação – centrada em si. Para isto eles procuram dar e ser exemplo de como se comportar, além de conversar e aconselhar a criança, priorizando o aspecto cognitivo - cognitiva.

Block, Kogan e Block (1998) argumentam que podem ser identificadas diferenças comportamentais na interação dos progenitores com sua criança segundo suas crenças de educação infantil. Os autores investigaram o comportamento das crianças no campo da independência-dependência para resolução de problemas e as estratégias de instrução apresentadas por pais e mães. Os progenitores de crianças independentes são inclinados a enfatizar estratégias que apresentem raciocínios e explicações, assim como estão mais

atentos a elementos cognitivos, promovendo um tipo de informação que solicite o esforço da criança para as soluções do problema. Os pais de crianças dependentes apresentam características como o controle excessivo, a “pressão” para que a criança trabalhe na tarefa, instruindo fisicamente na realização desta, assim como uma preocupação com a performance, apresentando comportamento dramatizado e “verbosidade²¹”. Para os autores, anteriormente mencionados, as estratégias dos pais, se promovem a independência ou dependência de sua criança, pode ser verificada nas características presentes na interação entre ambos e interpretada por meio da classificação de Baumrind (1971) de estilo de cuidado parental autoritário ou democrático.

Na presente pesquisa, embora os pais se percebam como os principais agentes para a promoção do desenvolvimento dos seus filhos, e apresentem como principal estratégia a de ser o modelo comportamental e a referência de orientação, não é possível afirmar com segurança que esta seria uma estratégia correlacionada ao campo da dependência ou independência. Destaca-se, novamente que o domínio de interação disciplinar, em que estabelece na figura do progenitor a principal referência para aprendizagem de algumas regras para a interação com o grupo social possa ser valorizada pelos casais participantes. Ainda, que existe a necessidade de distinguir aspectos presentes nas metas de socialização para a interdependência (sociocêntricas) e crenças e práticas de cuidado parental autoritário.

Na análise das estratégias de ação não foi encontrada diferença significativa entre o pai e a mãe. Do mesmo modo, Laakso (1995), verificou que mães e pais não diferem quanto às estratégias para instrução e quanto à clareza na comunicação, identificando ainda, na análise correlacional coerência nas estratégias/caminhos com o qual interagem com sua criança nas diferentes tarefas.

²¹ No original – *talkativeness*

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os principais resultados apresentados na presente pesquisa indicam que existe diferença significativa na compreensão de homens e mulheres universitários sobre o que seja o comportamento ideal para o pai na interação com a criança, mas não na percepção do comportamento real. Embora se constate uma mudança com relação a compreensão do papel de pai, descrita em alguns estudos de representação social e envolvimento paterno, e expressa, também, no ideal estimado pelos estudantes e pais, esta não é percebida com efetividade entre pessoas que não possuem filhos.

Os casais com filhos apresentam concepções semelhantes sobre o que seria o comportamento ideal de paternidade, mas existem divergências entre eles sobre o comportamento real expresso nas subescalas de interação social e didática. Além disso, pessoas com filhos avaliam mais positivamente o comportamento paterno em todos os domínios de interação com a criança o que indica que eles constatarem um maior *envolvimento paterno*.

Em relação às metas de socialização verificou-se que os casais possuem expectativas semelhantes para as metas de socialização de crianças e dão prioridade a características sociocêntricas para interação social.

Os resultados mostram-se, de modo geral, positivos para as relações familiares e para a criança, uma vez que existem concordâncias entre pais e mães de que o pai é importante para o desenvolvimento infantil e também com relação as principais metas e práticas de educação de crianças.

As similaridades e diferenças entre pais e mães são, também, apontadas por Lamb (1997). Este autor sintetiza a importância da concordância entre pais e mães e um envolvimento afetivo entre pais-criança apontando que:

“(...) father and mother seem to influence their children in similar rather than dissimilar ways. Contrary to the expectations of many psychologists, including myself, who have studied influences on children, the differences between mother and father appear much less important than the similarities. (...) students of socialization have consistently found that parental warmth, nurturance, and closeness are associated with positive child outcomes whether the parent or adult involved is a mother or father. The important dimensions of parental influence are those that have to do with parental characteristics rather than gender-related characteristics (p. 13)”

Por outro lado, como mencionado anteriormente, a apreciação do comportamento parental, para uma possível identificação das diferenças e semelhanças presentes no diversos contextos sociais, é mais bem amparada quando realizada por meio de instrumentos compartilhados entre grupos de pesquisa. No entanto, é possível que alguns aspectos possam ser priorizados em detrimento de outros, por ser o instrumento construído sobre o conhecimento de um contexto histórico e ecológico específico. Neste sentido, destaca-se a importância do desenvolvimento teórico da Psicologia evolucionista e a necessidade de averiguar aspectos da filogênese no comportamento parental (como exemplo, as diferenças sexuais estariam interferindo na expressão do comportamento parental, e características do desenvolvimento infantil) e força destas no contexto histórico atual.

As diferentes modalidades de interação social entre os progenitores e a criança têm sido consideradas como um relevante mediador de papéis e valores dentro da família (Kreppner, 2000). Estas, também, apresentam características da relação que os progenitores

estabelecem com a criança e quais os aspectos são por eles mais valorizados para promover seu desenvolvimento. Nesse sentido, além de entrevista com os pais, outros adultos ou até mesmo crianças, deve-se desenvolver estudos que utilizam a observação direta do comportamento paterno e parental em futuras pesquisas.

8. Referências Bibliográficas

Ades, C. (1998). Psicoetologia do Cuidado Paterno. In: M. J. R. Paranhos da Costa & V. U. Cromberg (org.). Comportamento Materno em Mamíferos: bases teóricas e aplicações aos ruminantes domésticos (pp. 31-51). Jaboticabal – SP: ETCO - Grupo de Estudos em Etologia e Ecologia Animal: Departamento de Zootecnia, Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias, Universidade Estadual Paulista.

Alcock, J. (1998). Animal Behavior: An evolutionary Approach. Massachusetts: Sinauer Associates.

Àries, P. (1981). História social da criança e da família. 2a ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.

Atkinson, R. L.; Atkinson, R. C.; Smith, E. E. & Bem, D. J. (1995). Introdução à Psicologia. 11. ed. Porto Alegre: Artes Médicas.

Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. Development Psychology Monographs, 4 (1, pt2).

Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. Child Development, 55, 83-96.

Belsky, J. (1996). Social-contextual antecedents of father-son attachment security. Developmental Psychology, 32, 905 – 913.

Bentley, K. S. & Fox, R. (1991). Mothers and fathers of young children: comparison of parenting styles. Psychology Reports, 69, 320-322.

Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (1997). Evolutionary Perspectives on Social Development. In: P. K. Smith & C. Hart (org.). Handbook of Social Developments. Blackwell.

Bjorklund, D. F. & Pellegrini, A. D. (2000). Child development and evolutionary psychology. Child Development, 71, 1687-1708.

Bjorklund, D. F. (1997). The role of immaturity in human development. Psychology Bulletin, 122 (2), 153-169.

Block, J.; Kogan, N. & Block, J. H. (1998). Parental teaching strategies and children's cognitive style. International Educational Research, 29, 187-204.

Bolsoni-Silva, A. T. & Marturano, E. D. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. Estudos de Psicologia, 2, 227 – 235.

- Bornstein, M. H.; Tamis-LeMonda, C. S.; Parcuál, L.; Haynes, O. M.; Painter, K. M.; Galperín, C. Z. & Pêcheux, M. G. (1996). Ideas about parenting in Argentina, France, and the United States. International Journal of Behavioral Development, 19, 347-367.
- Bowlby, J. (2002). Apego: a natureza do vínculo. 3ª. edição. São Paulo: Martins Fontes.
- Bridges, L. J.; Connel, J. P. e Belsky, J. (1988). Similarities and differences in infant-mother and infant- father interaction in the estrange situation: a component process analiysis. Developmental Psychology, 24, 92 – 100.
- Bronfenbrenner, U. (1996). A Ecologia do Desenvolvimento Humano: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed.
- Brown, R. E. (1998). Hormônios e comportamento parental. In: M. J. R. P. Costa & V. U. Cromberg (Orgs). Comportamento materno em mamíferos (pp. 53-99). São Paulo: Sociedade Brasileira de Etologia.
- Buss, D. M. (1991). The psychology evolutionary of the personality. Annual Review of Psychology, 42, 459-491.
- Bussab, V. S. R. (2000). Fatores hereditários e ambientais no desenvolvimento: a adoção de uma perspectiva interacionista. Psicologia Reflexão e Crítica, 13, 233-243.
- Chao, R. K. (2000). The parenting of immigrant Chinese and European american mothers: relations between goals and parental practices. Journal of Applied Development Psychology, 21, 233-248.
- Clutton-Brock, T. (1991). The Evolution of Parental Care. New Jersey: Princeton University Press.
- Crawford, C. B. (1989). The theory of evolution: of what value to psychology. Journal of Comparative Psychology, 103, 4-22.
- Cummings, E. M. & O` Reilly (1997). Father in family contest: effects of marital quality on child adjustment. In: M. E. Lamb (Org.). The Role of the Father in Child Development (pp. 49-65). 3a. ed. New York: John Wiley e Sons.
- Darwin, C. (1995). A Origem das Espécies e a Seleção Natural. Curitiba: Hemus.
- Davis, J. N. & Daly, M. (1997). Evolutionary theory and the human family. The Quarterly Review of Biology, 72, 407-435.
- Fleming, A. S.; Corter, C.; Stallings, J. & Steiners, M. (2002). Testosterone and prolactin are associated with emotional responses to infant cries in new fathers. Hormones and Behavior, 42, 399 – 413.
- Friedman, S. (2000). Factors associated with fathers` caregivingactivities and sensitivity with young children. American Psychology Association, 14, 200-219.

Fuller, N. (2000). Paternidades em América Latina. Lima: Pontifica Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial.

Geary, D. C.; Flinn, M. V. (2001). Evolution of human parental behavior and human family. Parenting: Science and Practice, 1, (1/2), 5-61.

Gould, S. J. (1997). Três aspectos da evolução. In: J. Brockman & K. Matson (org.). As Coisas são Assim: pequeno repertório científico do mundo que nos cerca (pp. 95-100). São Paulo: Companhia das Letras.

Gould, S. J. (1999). Evolução humana. In: Darwin e os Grandes Enigmas da Vida. 2a ed. São Paulo: Martins Fontes, 274p.

Harkness, S. & Super, C. M. (1992). Parental ethnotheories in action. In: Irving E. Sigel; Ann V. McGillicuddy-Delise & Jacqueline J. Goodnow (Org.). Parental Belief Systems: The Psychology Consequences for Children. (pp. 373-391). Hillsdale, New Jersey e Hove, UK: Lawrence Erlbaum.

Hollingshead, A. B. (1975). For factory index of social status. Department of sociology: Yale University (Manuscrito não publicado).

Hrdy, S. B. (2001) Mãe Natureza: uma visão feminina da evolução - maternidade filhos e seleção natural. Rio de Janeiro: Campus.

Insel, T. R. & Young, L. J. (2001). The neurobiology of attachment. Neuroscience, 2, 129-136.

Jain, A.; Belsky, J. & Crnic, K. (1996). Beyond fathering behaviors: types of dads. Journal of Family Psychology, 10, 431 – 442.

Japyassú, H. F. (1999). Comportamento Animal: entre sujeito e objeto. Revista de Etologia, 1, 47-64.

Klaus, M. & Kennel, P. (1993). Pais/Bebê: a formação do apego. Porto Alegre: Artes Médicas.

Klaus, M.H.; Kennell, J.H. e Klaus, P.H. (2000). Vínculo: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas.

Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 16, 11 – 22.

Laakso, Marja-Leena (1995) Mothers' and fathers' communication clarity and teaching strategies which their school-aged children. Journal of Applied Development Psychology, 16, 445-461.

Lamb, M. E. (1997). The Role of the Father in Child Development. 3a. ed. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.

Lewis, C. & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 15, 9-16.

Leyendecker, B.; Harwood, R. L.; Lamb, M. E.; Scholmerich, A. (2002). Mother's socialization goals and evaluations of desirable and undesirable everyday situations in two diverse cultural groups. International Journal of Behavioral Development, 26, 248– 258.

Linton, R. (1967). Cultura e Personalidade. São Paulo: Mestre Jou.

Linton, R. (1976). Homem: uma introdução à Antropologia. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes.

Lorenz, K. (1973). Civilização e Pecado: os oito erros capitais do homem. São Paulo: Círculo do Livro.

Lorenz, K. (1995). Os Fundamentos da Etologia. UNESP: São Paulo.

Lundy, B. L. (2003). Father – and mother – infant face-to-face interactions: differences in mind-related comments and infant attachment? Infant Behavior & Development, 26, 200 – 212.

Marlowe, F. (2000). Parental investment and the human mating system. Behavioural Processes, 51, 45-61.

Miller, A. M. & Harwood, R. L. (2001). Long-term socialization goals and the construction of infants' social networks among middle class Anglo and Puerto Rican mothers. International Journal of Behavioral Development, 25, 450-457.

Ministério da Saúde, Secretaria de Assistência à Saúde. Coordenação de Saúde da Comunidade (1997). Saúde na Família: uma estratégia parra a reorientação do modelo assistencial. Brasília.

Mysterud, I. (2004). One name for the evolutionary baby? A preliminary guide for everyone confused by the chaos of names. Social Science Information, 42, 95-114.

Nascimento-Schulze, C. M. & Camargo, B. V. (2000) Psicologia social, representações sociais e métodos. Temas em Psicologia da SBP, 8, 287-299.

Phares, V. (1997). Psychological adjustment, maladjustment, and father-child relationships. In: M. E. Lamb (Org.). The Role of the Father in Child Development (pp. 261-283). 3. ed. New York: John Wiley e Sons.

Pinker, S. (2004). Tábula Rasa: a negação contemporânea da natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras.

Pleck, E. H. & Pleck, J. H. (1997). Fatherhood ideals in the United States: historical dimensions. In: M. E. Lamb (Org.). The Role of the Father in Child Development (pp. 65-103). 3rd. ed. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons.

Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources, and consequences. In: Lamb, M. E. (Org.) The Role of the Father in Child Development. 3a. ed. New York, Chichester, Brisbane, Toronto, Singapore: John Wiley & Sons,

Prado, A. B. & Vieira, M. L. (2003). Bases biológicas e influências culturais relacionadas ao comportamento parental. Revista de Ciências Humanas, 34, 313-334.

Prado, A. B.; Piovanotti, M. R. A. & Vieira, M. L. (2004). Não basta ser pai, tem que participar. Psicologia Brasil, 2 (12), 12-16.

Rapoport, A. & Piccinini, C. A. (2001). O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos. Psicologia Reflexão e Crítica, 14, 81-95.

Ribas, A. F. P. (2004). Responsividade materna: articulações teóricas, discussões conceituais e uma investigação empírica em contexto urbano brasileiro. Tese de Doutorado em Psicologia Social não publicada, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

Ribas, A. F. P.; Seidl de Moura, M. L.; Ribas Jr., R. de C. (2003). Responsividade materna: levantamento bibliográfico e discussão conceitual. Psicologia: Reflexão e Crítica, 16, 137-145.

Rico, J. A. & Luna, R. (2000). Significados y prácticas de la paternidade en la ciudad de México. In: Norma Fuller (org.). Paternidades en América Latina. Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, Fondo Editorial.

Rohner, R. P.; Veneziano, R. A. (2001). The importance of father love history and contemporary evidence. Review of General Psychology, 5, 382-405.

Rosenblatt, J. S. (1992). Hormone-behavior relations in the regulation of parental behavior. In: J. B. Becker; S. M. Breedlove; D. Crews. (org.). Behavioral endocrinology. (pp.219-229). Massachusetts: Massachusetts Institute of Technology.

Sanderson, S. & Thompson, V. L. S. (2002). Factors associated with perceived paternal involvement in childrearing. Sex Roles, 46 (3/4), 99-111.

Schultz, D. P. & Schultz, S. E. (1981). História da Psicologia Moderna. São Paulo: Cultrix.

Seidl de Moura, M. L.; Ribas Jr., R. de C. (2003). Algumas informações sobre o instrumento Estilo Materno e Paterno. Relatório parcial do projeto: Interação mãe-bebê e desenvolvimento infantil: um estudo longitudinal e transcultural. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Material não publicado.

Skinner, B. F. (1998). Ciência e Comportamento Humano. São Paulo: Martins Fontes.

Storey, A.; Walsh, C. J.; Quinton, R. L. & Wynne-Edwards, K. (2000). Hormonal correlates of parental responsiveness in new and expectant father. Evolution and Human Behavior, 21, 79 – 95.

Suizzo, M. A. (2002). French parents cultural models and childrearing beliefs. International Journal of Behavioral Development, 26, 297-307.

Tokumar, R. S. (1998). Bases Evolutivas do Comportamento Materno. In: M.J.R. Paranhos da Costa & V. U. Cromberg_(org.). Comportamento Materno em Mamíferos (Bases Teóricas e Aplicações aos Ruminantes Domésticos) (pp. 53-99). Sociedade de Etologia.

Trindade, Z. A. & Menandro, M. C. (2002). Pais adolescentes: vivência e significação. Estudos de Psicologia, 7 (1), 15-23 .

Trindade, Z. A. (1993). As representações sociais e o cotidiano: a questão da maternidade e a paternidade. Psicologia: Teoria e Pesquisa, 9, 535-546.

Trindade, Z. A. (1998). Concepções de maternidade e paternidade: o convívio atual com fantasmas do século XVIII. In: L. de Souza; M. F. Quintal de Freitas & M. M. P Rodrigues (Org.) Psicologia reflexões (im)pertinentes (pp. 129-155). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Trindade, Z. A.; Andrade, C. A. & Souza, J. Q. (1997). Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. Psico, 28, 207-222.

Trivers, P. L. (1972). Parental Investment and Sexual selection. In: B. Campbell (org.). Sexual Selection and Descent of Man (pp. 136-179). Chicago: Aldine Press.

Veneziano, R. A. (2003). The importance of paternal warmth. Cross-Cultural Research, 37, 265-281.

Vieira, M. L. (2000). Contribuições da etologia para a compreensão do comportamento humano. In: Anais do XVIII Encontro Anual de Etologia (pp. 11-16). Florianópolis; UFSC/CCB.

Voland, E. (1998). Evolutionary ecology of human reproduction. Annual Review of Anthropology, 27, 347-374.

Wittenberg, J. F.; Tilson, R. L. (1980). The evolution of monogamy: hypothesis and evidence. Annual Review of Ecology Systems, 11, 1997-232.

Wynne-Edwards, K. E. (2001). Hormonal changes in mammalian fathers. Hormones and Behavior, 40, 139 – 145.

Zeveloff, S. I. & Boyce, M. S. (1980). Parental investment and mating in mammals. Evolution, 34, 973-982.

9. Anexos:

Anexo 1:



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo a participar de pesquisa realizada, por grupo de pesquisa em Desenvolvimento Infantil e Processos Sociais, intitulada “**Caracterização do comportamento paterno e da interação pai-criança**”. A qual tem por objetivo investigar como homens e mulheres com filhos compreendem as atribuições da paternidade e como pai interage com sua criança.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você será respondido e gravação em vídeo, sendo que apenas os pesquisadores terão acesso direto as informações neles relatadas. Dessa forma, serão omitidos nomes, profissão, local de moradia, quando da divulgação dos resultados desta. Estes procedimentos à princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que abordam tema referente a experiências e informações sobre a interação pai-criança. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Você gostaria de fazer alguma pergunta para um melhor entendimento da pesquisa?

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicito a assinatura do mesmo em duas vias, sendo que uma delas, permanecerá em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca deste estudo poderá ser obtido junto à pesquisadora, pelos telefones 234-0443/9128-3313/3318606 ou e-mail paternidade@cfh.ufsc.br.

Eu, Sr(a): _____.

Considero-me informada sobre a pesquisa “**Caracterização do Comportamento Paterno a da Interação Pai-Criança**” realizada pela aluna do programa de Pós-Graduação em Psicologia Alessandra Bonassoli Prado, e aceito participar da mesma, consentindo que os questionários e gravação em vídeo sejam realizados e utilizados para a coleta de dados.

Florianópolis, ____/____/____.

 Assinatura do entrevistado.

Anexo 2:



Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Mestrado

Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo a participar de pesquisa realizada, por grupo de pesquisa em Desenvolvimento Infantil e Processos Sociais, intitulada “**Concepções de adultos jovens sobre o estilo parental**”. A qual tem por objetivo investigar como homens e mulheres com filhos compreendem as atribuições da paternidade e como pai interage com sua criança.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você será respondido, sendo que apenas os pesquisadores terão acesso direto as informações neles relatadas. Dessa forma, serão omitidos nomes, profissão, local de moradia, quando da divulgação dos resultados desta.

Estes procedimentos à princípio, não trazem riscos ou desconfortos, uma vez que abordam tema referente a experiências e informações sobre a interação pai-criança. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação da mesma. Você gostaria de fazer alguma pergunta para um melhor entendimento da pesquisa?

Após ler este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e aceitar participar do estudo, solicitamos a assinatura do mesmo em duas vias, sendo que uma delas, permanecerá em seu poder. Qualquer informação adicional ou esclarecimento acerca deste estudo poderá ser obtido junto aos pesquisadores, pelo telefone 3318606 ou pelo e-mail paternidade@cfh.ufsc.br.

Eu, Sr(a): _____
 Considero-me informada sobre a pesquisa “**Concepções de adultos jovens sobre o estilo parental**” realizada pela aluna do programa de Pós-Graduação em Psicologia Alessandra Bonassoli Prado e pelo aluno de graduação em Psicologia Marcelo Richar Arua Piovantti, e aceito participar da mesma, consentindo que os questionários sejam realizados e utilizados para a coleta de dados.
 Florianópolis, ____/____/_____.

 Assinatura do entrevistado

Anexo 3:

Data: _____

Código: _____

V. ESTILO PATERNO

A. Você como Pai.

Pais diferentes oferecem experiências iniciais diferentes para seus filhos. Nós estamos interessados em conhecer as características que melhor descrevem o seu estilo como Pai. Abaixo estão listadas algumas qualidades e comportamentos que nós gostaríamos que você avaliasse. Nós gostaríamos de saber o quanto cada um deles descreve ou não o seu jeito de se relacionar com sua criança ou o ambiente que você oferece para ela.

Usando a escala no início de cada página, dê para cada declaração uma avaliação de 1 até 5. Uma nota 1 quer dizer "quase nunca" e uma nota 5 quer dizer "sempre". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

- | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-------------|----------------|----------|----------------|--------|
| Quase nunca | Ocasionalmente | Às vezes | Frequentemente | Sempre |
1. ____ Eu passo um tempo brincando com minha criança.
 2. ____ Eu respondo de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto da minha criança.
 3. ____ Eu dou para a minha criança tempo para ela ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma.
 4. ____ Eu atendo com eficiência as necessidades do dia-a-dia da minha criança, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários.
 5. ____ Eu chamo a atenção da minha criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada.
 6. ____ Eu ofereço para minha criança contatos ou atividades sociais diferentes com crianças de mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.
 7. ____ Eu passo um tempo falando ou conversando com a minha criança.
 8. ____ Eu respondo de forma rápida e positiva quando minha criança quer atenção.
 9. ____ Eu ofereço para minha criança um ambiente estruturado, organizado e previsível.
 10. ____ Eu uso a disciplina e a firmeza necessárias para ensinar a minha criança o respeito pela autoridade.
 11. ____ Eu ofereço para a minha criança atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.
 12. ____ Eu ajudo a minha criança a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ela.

13. ____ Eu dou para minha criança diferentes brinquedos e objetos para ela brincar e explorar.
14. ____ Eu tenho paciência quando minha criança se comporta mal.
15. ____ Eu ofereço para minha criança mostras positivas de afeto, carinho e atenção.
16. ____ Eu sou flexível quanto aos tipos de comportamento que eu espero da minha criança.
17. ____ Eu estou atento ao que minha criança quer ou está sentindo.

B. O Pai Ideal.

As pessoas têm idéias diferentes sobre o que elas consideram ser o comportamento ideal. Nós estamos interessados em saber o que você considera ser o comportamento ideal.

Usando a escala no início de cada página, dê para cada declaração uma avaliação de 1 até 5. Uma nota 1 quer dizer "quase nunca" e uma nota 5 quer dizer "sempre". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

1	2	3	4	5
Quase nunca	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Sempre

1. ____ Para mim, o ideal seria eu passar um tempo falando ou conversando com minha criança.
2. ____ Para mim, o ideal seria eu chamar a atenção da minha criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada.
3. ____ Para mim, o ideal seria eu oferecer para minha criança atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.
4. ____ Para mim, o ideal seria eu ajudar a minha criança a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ela.
5. ____ Para mim, o ideal seria eu oferecer para minha criança mostras positivas de afeto, carinho e atenção.
6. ____ Para mim, o ideal seria eu dar para a minha criança diferentes brinquedos e objetos para ela brincar e explorar.
7. ____ Para mim, o ideal seria eu atender com eficiência as necessidades do dia-a-dia da minha criança, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários.
8. ____ Para mim, o ideal seria eu ter paciência quando minha criança se comporta mal.
9. ____ Para mim, o ideal seria eu oferecer para minha criança contatos ou atividades sociais diferentes com crianças de mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.
10. ____ Para mim, o ideal seria estar atento(a) ao que minha criança quer ou está sentindo.
11. ____ Para mim, o ideal seria eu oferecer para minha criança um ambiente estruturado, organizado e previsível.
12. ____ Para mim, o ideal seria eu usar disciplina e firmeza necessárias para ensinar a minha criança o respeito pela autoridade.
13. ____ Para mim, o ideal seria eu passar um tempo brincando com minha criança.
14. ____ Para mim, o ideal seria eu responder, de forma rápida e positiva quando minha criança quer atenção.
15. ____ Para mim, o ideal seria eu dar para minha criança tempo para ela ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma.

16. ____ Para mim, o ideal seria eu ser flexível quanto aos tipos de comportamento que eu espero da minha criança.

17. ____ Para mim, o ideal seria eu responder de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto da minha criança.

C. Perguntas Adicionais.

1. Em média, quanto tempo você passa com sua criança durante uma semana (tempo total, com ou sem a presença de outras pessoas)? Preencha o tempo aproximado em horas.

_____ horas

2. Em média, quanto tempo você passa sozinho com sua criança durante uma semana (isto é, tempo sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

3. Quanto tempo você acha que seria o ideal você passar com sua criança durante uma semana (com ou sem outras pessoas presentes)?

_____ horas

4. Quanto tempo você acha que seria o ideal você passar sozinho com sua criança durante uma semana (isto é, tempo sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

5. Quantas tarefas domésticas (exemplo: arrumar a casa, cozinhar), fora o “cuidar das crianças” você faz por semana? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito poucas
3. Algumas
4. Muitas
5. Uma quantidade enorme

6. Quantas tarefas domésticas (exemplo: arrumar a casa, cozinhar), fora o “cuidar das crianças” você acha que seria o ideal você fazer em uma semana? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito poucas
3. Algumas
4. Muitas
5. Uma quantidade enorme

Que importância você acha que a sua orientação tem para o desenvolvimento da inteligência da sua criança? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito Pouca
3. Alguma
4. Muita
4. Enorme

7. Que importância você acha que a sua orientação tem para o desenvolvimento social da sua criança? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. . Muito Pouca
3. . Alguma
4. Muita
5. Enorme

8. Marque na tabela abaixo as horas que você costuma estar com sua criança numa semana normal (com ou sem a presença de outras pessoas).

	Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã	6							
Manhã	7							
Manhã	8							
Manhã	9							
Manhã	10							
Manhã	11							
Manhã	12							
Tarde	1							
Tarde	2							
Tarde	3							
Tarde	5							
Tarde	6							
Tarde	7							
Tarde	8							
Tarde	9							
Tarde	10							
Tarde	11							

VI. ESTILO PATERNO Para ser preenchido pela mãe.

A. O Pai da Criança

Pais diferentes oferecem experiências iniciais diferentes para seus filhos. Nós estamos interessados em conhecer que características melhor descrevem o estilo do pai da sua criança. Abaixo estão listadas algumas qualidades e comportamentos que nós gostaríamos que você avaliasse. Nós gostaríamos de saber o quanto cada um deles descreve ou não o jeito como pai da sua criança se relaciona ela ou o ambiente que ele oferece para ela.

Usando a escala no início de cada página, dê para cada declaração uma avaliação de 1 até 5. Uma nota 1 quer dizer "quase nunca" e uma nota 5 quer dizer "sempre". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

- | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
|-------------|----------------|----------|----------------|--------|
| Quase nunca | Ocasionalmente | Às vezes | Freqüentemente | Sempre |
1. ____ O pai da minha criança passa um tempo brincando com nossa criança.
 2. ____ O pai da minha criança responde de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto de nossa criança.
 3. ____ O pai da minha criança dá tempo para ela ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma.
 4. ____ O pai da minha criança atende com eficiência as necessidades do dia-a-dia de nossa criança, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários.
 5. ____ O pai da minha criança chama a atenção da nossa criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada.
 6. ____ O pai da minha criança oferece para nossa criança contatos ou atividades sociais diferentes com crianças de mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.
 7. ____ O pai da minha criança passa um tempo falando ou conversando com nossa criança.
 8. ____ O pai da minha criança responde de forma rápida e positiva quando nossa criança quer atenção.
 9. ____ O pai da minha criança oferece um ambiente estruturado, organizado e previsível para nossa criança.
 10. ____ O pai da minha criança usa a disciplina e firmeza necessárias para ensinar a nossa criança o respeito pela autoridade.
 11. ____ O pai de minha criança oferece para nossa criança atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.
 12. ____ O pai da minha criança ajuda a nossa criança a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ela.
 13. ____ O pai da minha criança dá diferentes brinquedos e objetos para nossa criança brincar e explorar.

14. ____ O pai da minha criança tem paciência quando nossa criança se comporta mal.
15. ____ O pai da minha criança oferece para nossa criança mostras positivas de afeto, carinho e atenção.
16. ____ O pai da minha criança é flexível sobre os tipos de comportamento que ele espera de nossa criança.
17. ____ O pai da minha criança está atento ao que nossa criança quer ou está sentindo.

B. O Pai Ideal.

As pessoas têm idéias diferentes sobre o que elas consideram ser o comportamento ideal. Nós estamos interessados em saber o que você considera ser o comportamento ideal para o pai da sua criança.

Usando a escala no início de cada página, dê para cada declaração uma avaliação de 1 até 5. Uma nota 1 quer dizer "quase nunca" e uma nota 5 quer dizer "sempre". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

1	2	3	4	5
Quase nunca	Ocasionalmente	Às vezes	Frequentemente	Sempre

1. ____ Para mim, o ideal seria o pai passar um tempo falando ou conversando com sua criança.
2. ____ Para mim, o ideal seria o pai chamar a atenção da sua criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada.
3. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.
4. ____ Para mim, o ideal seria o pai ajudar sua criança a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ela.
5. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança mostras positivas de afeto, carinho e atenção.
6. ____ Para mim, o ideal seria o pai dar diferentes brinquedos e objetos para sua criança brincar e explorar.
7. ____ Para mim, o ideal seria o pai atender com eficiência as necessidades do dia-a-dia da sua criança, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários
8. ____ Para mim, o ideal seria o pai ter paciência quando sua criança se comporta mal.
9. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança contatos ou atividades sociais diferentes com crianças de mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.
10. ____ Para mim, o ideal seria o pai estar atento ao que sua criança quer ou está sentindo.
11. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança um ambiente estruturado, organizado e previsível.
12. ____ Para mim, o ideal seria o pai usar disciplina e firmeza necessárias para ensinar a sua criança o respeito pela autoridade.
13. ____ Para mim, o ideal seria o pai passar um tempo brincando com sua criança.
14. ____ Para mim, o ideal seria o pai responder, de forma rápida e positiva quando sua criança quer atenção.

15. ____ Para mim, o ideal seria o pai dar tempo para sua criança ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma.
16. ____ Para mim, o ideal seria o pai ser flexível sobre os tipos de comportamento que ele espera da sua criança.
17. ____ Para mim, o ideal seria o pai responder de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto da sua criança.

C. Perguntas Adicionais.

1. Em média, quanto tempo o pai da sua criança passa com ela durante uma semana (Tempo total, com ou sem a presença de outras pessoas)? Preencha o tempo aproximado em horas.

_____ horas

2. Em média, quanto tempo o pai da sua criança passa sozinho com ela durante uma semana (isto é, tempo sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

3. Quanto tempo você acha que seria o ideal o pai ficar com sua criança durante a semana (Tempo total, com ou sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

4. Quanto tempo você acha que seria o ideal o pai ficar só com sua criança (tempo sem a presença de outras pessoas)?

_____ horas

5. Quantas tarefas domésticas (exemplo: arrumar a casa, cozinhar), fora o “cuidar de crianças” o pai da sua criança faz em uma semana? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito poucas
3. Algumas
4. Muitas
5. Uma quantidade enorme

6. Quantas tarefas domésticas (exemplo: arrumar a casa, cozinhar), fora o “cuidar de crianças”, você acha que seria o ideal o pai da sua criança fazer em uma semana? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito poucas
3. Algumas
4. Muitas
5. Uma quantidade enorme

7. Que importância você acha que a orientação do pai tem para o desenvolvimento da inteligência da sua criança? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito Pouca
3. Alguma
4. Muita
5. Enorme

8. Que importância você acha que a orientação do pai tem para o desenvolvimento social da sua criança? (Circule uma das opções.)

1. Nenhuma
2. Muito Pouca

- 3. Alguma
- 4. Muita
- 5. Enorme

9. Marque na tabela abaixo as horas que o pai de sua criança costuma estar com ela numa semana normal (com ou sem a presença de outras pessoas).

	Hora	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã	6							
Manhã	7							
Manhã	8							
Manhã	9							
Manhã	10							
Manhã	11							
Manhã	12							
Tarde	1							
Tarde	2							
Tarde	3							
Tarde	5							
Tarde	6							
Tarde	7							
Tarde	8							
Tarde	9							
Tarde	10							
Tarde	11							

Anexo 4:

Somos pesquisadores do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Estamos realizando uma pesquisa científica sobre compreensão ideal e real de paternidade. Para isto pedimos a sua contribuição, respondendo este questionário.

Sua Participação é voluntária, caso você se disponha a participar siga as instruções a seguir.

Este material é anônimo e você não será identificado(a) em nenhum momento da pesquisa, dessa forma não é necessário que você se identifique ao preencher este material, procure responder as questões calmamente e em caso de dúvida não hesite em perguntar á pessoa responsável pelo material.

Dados Gerais:

Idade:_____ Sexo: Masculino () Feminino ()

Cidade em que foi criado: _____ .

Cidade em que reside atualmente:_____.

Estudante () Sim () Não Curso: _____.

Estado Civil: ()Solteiro ()Casado ()Viúvo ()Separado

Têm Filhos: () Sim ()Não

VI. ESTILO PATERNO

A. *O Pai Ideal*

Pais diferentes oferecem experiências iniciais diferentes para seus filhos e as pessoas têm idéias diversas sobre qual seria o comportamento ideal para um pai.

Nós estamos interessados em saber o que **você** considera ser o comportamento ideal do **pai de uma criança**.

Usando a escala no início de cada página, dê para cada declaração uma avaliação de 1 até 5. Uma nota 1 quer dizer "discordo totalmente" e uma nota 5 quer dizer "concordo totalmente". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo e nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

1. ____ Para mim, o ideal seria o pai passar um tempo falando ou conversando com sua criança.
2. ____ Para mim, o ideal seria o pai chamar a atenção da sua criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada.
3. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.
4. ____ Para mim, o ideal seria o pai ajudar sua criança a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ela.
5. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança mostras positivas de afeto, carinho e atenção.
6. ____ Para mim, o ideal seria o pai dar diferentes brinquedos e objetos para sua criança brincar e explorar.

7. ____ Para mim, o ideal seria o pai atender com eficiência as necessidades do dia-a-dia da sua criança, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários
8. ____ Para mim, o ideal seria o pai ter paciência quando sua criança se comporta mal.
9. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança contatos ou atividades sociais diferentes com crianças de mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.
10. ____ Para mim, o ideal seria o pai estar atento ao que sua criança quer ou está sentindo.
11. ____ Para mim, o ideal seria o pai oferecer para sua criança um ambiente estruturado, organizado e previsível.
12. ____ Para mim, o ideal seria o pai usar disciplina e firmeza necessárias para ensinar a sua criança o respeito pela autoridade.
13. ____ Para mim, o ideal seria o pai passar um tempo brincando com sua criança.
14. ____ Para mim, o ideal seria o pai responder, de forma rápida e positiva quando sua criança quer atenção.
15. ____ Para mim, o ideal seria o pai dar tempo para sua criança ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma.
16. ____ Para mim, o ideal seria o pai ser flexível sobre os tipos de comportamento que ele espera da sua criança.
17. ____ Para mim, o ideal seria o pai responder de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto da sua criança.

B. O Pai da Criança.

Agora, depois de ter respondido qual seria o comportamento ideal de um pai, estamos interessados em conhecer o que você considera ser o padrão comportamental que melhor descreve a conduta do pai na relação com seus filhos, ou seja, de um modo geral, características típicas do pai dos dias de hoje. Abaixo estão listadas algumas qualidades e comportamentos que nós gostaríamos que você avaliasse. Gostaríamos de saber o quanto cada um deles descreve, ou não, o jeito como o pai da atualidade se relaciona com sua criança e qual o ambiente que ele oferece para ela.

Usando a escala no início de cada página, dê para cada declaração uma avaliação de 1 até 5. Uma nota 1 quer dizer "Discordo totalmente" e uma nota 5 quer dizer "Concordo totalmente". Lembre-se, cada declaração deve ter uma avaliação.

1	2	3	4	5
Discordo totalmente	Discordo parcialmente	Não concordo e nem discordo	Concordo parcialmente	Concordo totalmente

1. ____ De modo geral o pai passa um tempo brincando com sua criança.
2. ____ De modo geral o pai responde de forma rápida e apropriada ao mal estar ou desconforto de sua criança.
3. ____ De modo geral o pai dá tempo para a criança ficar sozinha e poder explorar e aprender por si mesma.
4. ____ De modo geral o pai atende com eficiência as necessidades do dia-a-dia de sua criança, como alimentar, dar banho, vestir e outros cuidados diários.
5. ____ De modo geral o pai chama a atenção de sua criança para a importância de seguir regras e ser bem comportada.
6. ____ De modo geral o pai oferece para sua criança contatos ou atividades sociais diferentes com crianças de mesma idade, em grupos de brincadeira ou em encontros com amigos e familiares.
7. ____ De modo geral o pai passa um tempo falando ou conversando com sua criança.

8. ____ De modo geral o pai responde de forma rápida e positiva quando sua criança quer atenção.
9. ____ De modo geral o pai oferece um ambiente estruturado, organizado e previsível para sua criança.
10. ____ De modo geral o pai usa a disciplina e firmeza necessárias para ensinar a sua criança o respeito pela autoridade.
11. ____ De modo geral o pai oferece para sua criança atividades regulares e programadas fora de casa, como praticar algum tipo de esporte.
12. ____ De modo geral o pai ajuda a sua criança a aprender a falar melhor, dizendo o nome das coisas, descrevendo o que acontece e as atividades que fazemos, além de ler livros para ela.
13. ____ De modo geral o pai dá diferentes brinquedos e objetos para sua criança brincar e explorar.
14. ____ De modo geral o pai tem paciência quando sua criança se comporta mal.
15. ____ De modo geral o pai oferece para sua criança mostras positivas de afeto, carinho e atenção.
16. ____ De modo geral o pai é flexível sobre os tipos de comportamento que ele espera de sua criança.
17. ____ De modo geral o pai está atento ao que sua criança quer ou está sentindo.